

**A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E
INTRAPESSOAL NA CONSTRUÇÃO DE
PROJETOS DE VIDA DE JOVENS
ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS**

Dissertação de Mestrado

Ana Sofia Bilhastre Cascalho

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Ricardo Vieira

Leiria, setembro de 2024

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

*“Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena”*

Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmão pelo apoio incondicional, carinho, motivação, ajuda e compreensão. São o meu maior exemplo de amor, cumplicidade e força.

À restante família pelo carinho, motivação e força.

Ao meu orientador, Professor Doutor Ricardo Vieira, pelo conhecimento, compreensão, apoio e total disponibilidade. Foi um dos pilares desta dissertação, uma vez que me aconselhou da melhor forma possível e me guiou perante as minhas dúvidas e questões. Em cada sessão de orientação e tutoria eu sentia que saía da mesma com as ferramentas necessárias para dar seguimento à minha investigação.

À Mesa Administrativa da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré por ter possibilitado o desenvolvimento da presente investigação.

À diretora técnica da Casa de Acolhimento Especializado, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré por ter possibilitado o desenvolvimento desta investigação, por ter participado na mesma e pela ajuda, apoio e disponibilidade.

Aos jovens acolhidos na Casa de Acolhimento Especializado, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré por terem participado nesta investigação, pela partilha e confiança.

A todas as pessoas que de uma forma ou de outra me ajudaram a realizar a minha investigação.

Um especial agradecimento a todos vós que me ajudaram a percorrer este caminho.

RESUMO

Nos tempos que correm, tem-se registado um aumento de diferentes movimentos migratórios como, por exemplo, permanentes, temporários, laborais, familiares e forçados, que originaram um aumento da diversidade de grupos existentes na sociedade nacional. Neste sentido, para além da diversidade que se encontrava em cada sociedade, derivada de diferentes faixas etárias, géneros e classes, é possível encontrar outros tipos de diversidade, nomeadamente a nacionalidade, a étnico-cultural, entre outros. É necessário compreender que as identidades deixaram de se encontrar exclusivamente ligadas aos marcadores tradicionais, transformando-se em identidades dinâmicas e mestiças, que se alteram com o passar do tempo e nos diversos contextos (Marques, Vieira & Vieira, 2020).

As crianças e jovens estrangeiros não acompanhados representam um importante nível dos fluxos migratórios, ou seja, da violação dos direitos humanos, da falta de acesso à educação, dos conflitos, entre outros. Assim, como estas crianças e jovens possuem idades inferiores aos 18 anos, é necessário providenciar-lhes proteção, e como tal, têm sido desenvolvidas e implementadas diversas iniciativas e medidas, bem como, criadas respostas sociais que promovam os seus direitos e proteção e salvaguardem o seu bem-estar e desenvolvimento integral (Pereira, 2021).

A mediação intercultural representa uma privilegiada estratégia para abordar contextos multiculturais, como é o caso do acolhimento de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, uma vez que, adota uma perspetiva de interculturalidade que se desenvolve “[...] *num campo de ação muito mais amplo, completando o aspeto relacional (comunicação e interação) com uma configuração transformadora [...]*” (Marques, Vieira & Vieira, 2020, p. 23). Esta transformação decorre da compreensão de ambas as partes e do conhecimento profundo do outro, favorecendo um diálogo entre pessoas diferentes, que apresentam diferentes culturas, histórias, opções e projetos de vida.

O desenvolvimento e a construção identitária para além de decorrerem de múltiplos processos relacionais, também são resultado de processos intrínsecos, ou seja, intrapessoais (Costa, Vieira & Santos, 2018). Assim, a mediação intrapessoal possibilita um espaço que prioriza a experimentação, simulação e educação para a convivência (Pinto, 2023), onde as crianças e jovens estrangeiros não acompanhados podem colocar em diálogo o seu passado e presente (Vieira, 2009).

A fim de compreender a gestão identitária e a construção de projetos de vida de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, bem como o papel da mediação intercultural e intrapessoal nos mesmos, entrevistei três jovens acolhidos na Casa de Acolhimento Especializado, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré e a diretora técnica dessa resposta social.

Palavras-Chave

Crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, mediação intercultural e intrapessoal, identidades dinâmicas e projetos de vida.

ABSTRACT

Nowadays, there has been an increase in different migratory movements, such as permanent, temporary, work, family and forced, which have led to an increase in the diversity of groups existing in national society. In this sense, in addition to the diversity found in each society, derived from different age groups, genders and classes, it is possible to find other types of diversity, namely nationality, ethnic-cultural, among others. It is necessary to understand that identities are no longer exclusively linked to traditional markers, becoming dynamic e hybrid identities, which change over time and in different contexts (Marques, Vieira & Vieira, 2020).

Unaccompanied foreign children and young people represent an important level of migratory flows, that is, violation of human rights, lack of access to education conflicts, among others. Therefore, as these children and young people are under the age of 18, it is necessary to provide them with protection, and as such, several initiatives and measures have been developed and implemented, as well as created social responses that promote their rights and protection and safeguard their well-being and integral development (Pereira, 2021).

Intercultural mediation represents a privileged strategy for approaching multicultural contexts, as is the case of welcoming unaccompanied foreign children and young people, as it adopts an intercultural perspective that develops “[...] *in a much broader field of action, completing the relational aspect (communication and interaction) with a transformative configuration [...]*” (Marques, Vieira & Vieira, 2020, p. 23). This transformation results from the understanding of both parts and the deep knowledge of the other, favoring a dialogue between different people, who have different cultures, histories, options and life projects.

Identity development and construction, in addition to resulting from multiple relational processes, are also the result of intrinsic processes, that is, intrapersonal (Costa, Vieira & Santos, 2018). Thus,

intrapersonal mediation enables a space that prioritizes experimentation, simulation and education for coexistence (Pinto, 2023), where unaccompanied foreign children and young people can put their past and present into dialogue (Vieira, 2009).

In order to understand identity management and the construction of life projects for unaccompanied foreign children and young people, as well as the role of intercultural and intrapersonal mediation in them, I interviewed three young people hosted at the Casa de Acolhimento Especializado, of the Confraria de Nossa Senhora da Nazaré and the technical director of this social response.

Keywords

Unaccompanied foreign children and young people, intercultural and intrapersonal mediation, dynamic identities and life projects.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	v
Resumo.....	vi
Abstract.....	viii
Índice Geral.....	x
Índice de Figuras.....	xii
Índice de Apêndices.....	xiii
Abreviaturas.....	xv
Introdução.....	1
Capítulo 1 Enquadramento Teórico.....	7
Contextualização e Enquadramento Legal.....	7
Crianças e Jovens Estrangeiros Não Acompanhados e Dados Estatísticos em Portugal.....	7
Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo e Acolhimento Residencial.....	11
Revisão Conceptual.....	15
Multiculturalidade, Globalização e Migrações.....	15
Identidades Dinâmicas.....	16
Mestiçagem.....	19
Projeto, Metamorfoses Culturais e Estratégias Identitárias.....	23
Histórias de Vida.....	26
Intervenção Social e Mediação Intercultural e Intrapessoal.....	27
Construção de Projetos de Vida e Mediação Intercultural.....	30
Capítulo 2 Aspetos Metodológicos: buscando a compreensão de jovens estrangeiros não acompanhados.....	34
Aspetos Paradigmáticos.....	34
Da Metodologia: entrevistas semiestruturadas e a escuta ativa.....	38

Aspetos Práticos	40
Capítulo 3 Apresentação e Tratamento de Dados: das histórias de vida de jovens estrangeiros não acompanhados à compreensão da gestão identitária e das múltiplas pertenças	44
Apresentação da Casa de Acolhimento Especializado (CAE): entrevista à diretora técnica.....	45
Retalhos de Vida do Entrevistado A.....	50
Retalhos de Vida do Entrevistado B.....	56
Retalhos de Vida do Entrevistado C.....	65
Capítulo 4 Biografias e Projetos de Vida: uma análise comparativa.....	70
Conclusão	76
Bibliografia e Fontes	79
Legislação.....	79
Bibliografia.....	79
Webgrafia	85
Fontes Orais.....	87
Apêndices	88

ÍNDICE DE FIGURAS

Gráfico 1 – Pedidos de proteção internacional de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados em Portugal, por sexo	10
Gráfico 2 – Pedidos de proteção internacional de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados em Portugal, por nacionalidade (2021)	11
Gráfico 3 – Pedidos de proteção internacional de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados em Portugal, por nacionalidade (2022)	11

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Consentimento Informado para participação na entrevista.....	88
Apêndice 2 – Consentimento Informado para participação no questionário, destinado aos jovens estrangeiros não acompanhados.....	89
Apêndice 3 – Guião da entrevista à diretora técnica da CAE.....	90
Apêndice 4 – Guião da entrevista aos jovens estrangeiros não acompanhados.....	91
Apêndice 5 – Questionário aplicado aos jovens estrangeiros não acompanhados	92
Apêndice 6 – Categorias de análise da entrevista à diretora técnica.....	93
Apêndice 7 – Categorias de análise da entrevista aos jovens estrangeiros não acompanhados.....	94
Apêndice 8 – Transcrição da entrevista à diretora técnica da CAE.....	95
Apêndice 9 – Transcrição da entrevista ao entrevistado A, jovem acolhido na CAE.....	99
Apêndice 10 – Transcrição da entrevista ao entrevistado B, jovem acolhido na CAE.....	112
Apêndice 11 – Transcrição da entrevista ao entrevistado C, jovem acolhido na CAE.....	144
Apêndice 12 – Sinopse da entrevista como conversa com a diretora técnica da CAE.....	151
Apêndice 13 – Sinopse da entrevista como conversa com o entrevistado A, jovem acolhido na CAE.....	152
Apêndice 14 – Sinopse da entrevista como conversa com o entrevistado B, jovem acolhido na CAE.....	167

Apêndice 15 – Sinopse da entrevista como conversa com o entrevistado C, jovem acolhido na CAE.....	178
Apêndice 16 – Análise comparativa da gestão identitária e dos projetos de vida dos jovens acolhidos na CAE.....	184
Apêndice 17 – Análise das práticas mediadoras existentes na CAE na voz da diretora técnica.....	191

ABREVIATURAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

AIMA – Agência para a Integração, Migrações e Asilo

CAE – Casa de Acolhimento Especializado

CACR – Casa de Acolhimento para Crianças Refugiadas

CJENA – Crianças e Jovens Estrangeiros Não Acompanhados

CPR – Conselho Português para Refugiados

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

LPCJP – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

INTRODUÇÃO

A presente dissertação intitulada “A mediação intercultural e intrapessoal na construção de projetos de vida de jovens estrangeiros não acompanhados” foi desenvolvida no âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, lecionado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. Surge como trabalho final deste mesmo Mestrado.

Nesta dissertação pretendo, inicialmente, conhecer os dados estatísticos de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados em Portugal, para ter uma primeira radiografia geral deste fenómeno social que pretendo estudar numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sobretudo o papel da mediação intercultural e intrapessoal¹ no redesenhar de projetos de vida de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados. Para o efeito, é fundamental começar também por conhecer o pedido de proteção internacional e a Lei de Asilo, que explorarei na primeira parte do capítulo 1. Seguidamente, o objetivo empírico central da pesquisa passa por compreender o acolhimento residencial de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, estudar as suas identidades e metamorfoses culturais, compreender o papel da mediação intercultural e intrapessoal (Torremorell, 2008; Pinto & Vieira 2023) na intervenção social com crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, estudar a mediação intercultural e intrapessoal enquanto catalisadora de marcas de uma vida passada, promotora de uma integração no presente e potencializadora de uma vida nova (Vieira, 2009), e compreender a construção de projetos de vida de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados (Ferreira, 2023; Matias & Vieira, 2018).

A investigação empírica foi realizada na Casa de Acolhimento Especializado (CAE), da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, instituição que acolhe crianças e jovens estrangeiros não acompanhados. A Confraria de Nossa Senhora da Nazaré possui igualmente duas respostas subsequentes para esta população, o Apartamento de Autonomização e a Autonomia Supervisionada. Neste sentido, o encaminhamento para

¹ Estas e outras palavras-chave da investigação serão definidos conceptualmente na segunda parte do capítulo 1 intitulada “Revisão Conceptual”.

estas respostas subsequentes decorre da avaliação diagnóstica, do plano de intervenção e do projeto de vida de cada jovem.

A CAE foi criada devido ao Programa Europeu de Recolocação Voluntária, e posteriormente começou a acolher igualmente jovens provenientes dos Movimentos Não Programados.

No que diz respeito ao Programa Europeu de Recolocação Voluntária da Grécia para outro país da Europa, a Grécia evidenciava grandes dificuldades ao nível do acolhimento de requentes de asilo, entre os quais crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, com idades inferiores a 18 anos, e como tal, em março de 2020, a Comissão Europeia apresentou um programa que visava a implementação de medidas de apoio urgentes e imediatas a esse país. Enquadrado pelo mesmo sistema, é necessário enfatizar o apoio que foi concedido especificamente para a recolocação de crianças e jovens não acompanhados, que ainda não atingiram a maioridade. Neste sentido, considera-se que no início de 2020, se encontravam na Grécia aproximadamente cinco mil crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, dos quais 90% era do sexo masculino, mais de 70% com idades entre os 16 e 18 anos e cerca de 10% com idades inferiores a 14 anos. Estas crianças e jovens eram principalmente provenientes do Afeganistão, Paquistão e Síria, todavia também se registou um número considerável de crianças e jovens provenientes do Egipto e Bangladesh. Em 2020, a Comissão Europeia iniciou um Programa de Recolocação Voluntária para crianças e jovens não acompanhados, com idades inferiores a 18 anos, que se encontravam na Grécia e que aceitavam ser recolocados num país europeu. O foco principal do respetivo programa era a recolocação de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, todavia o mesmo também integrou crianças com problemas de saúde severos, nomeadamente problemas incuráveis, crónicos, que causam deficiências ou incapacidades graves e que exigem custos ao nível da saúde, crianças que apresentam outras vulnerabilidades e os membros da sua família nuclear (Oliveira, 2023).

Em relação aos Movimentos Não Programados, em 2012, a Casa de Acolhimento para Crianças Refugiadas (CACR), gerida pelo Conselho Português para Refugiados (CPR), iniciou o seu funcionamento, acolhendo jovens estrangeiros não acompanhados, menores de idade, que requerem proteção internacional (Oliveira, 2021). Atualmente, a respetiva Casa de Acolhimento encontra-se lotada, e por isso, é solicitada a outras

instituições, como é o caso da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, o acolhimento de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados. Todavia, atendendo ao elevado fluxo de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados que chegam a território nacional, indocumentados, e que requerem o pedido de proteção internacional, estes têm sido acolhidos em Casas de Acolhimento Especializado, Apartamentos de Autonomização e encaminhados para Autonomia Supervisionada.

Neste sentido, os jovens que são acolhidos na CAE entraram em território nacional com idades inferiores a 18 anos, através dos seus próprios esforços, meios e realizando sozinhos o percurso desde o seu país de origem até Portugal, tendo posteriormente requerido proteção internacional (Movimentos Não Programados) ou mediante o Programa Europeu de Recolocação Voluntária, pois encontravam-se nos campos de refugiados da Grécia. Quando estes jovens entraram em Portugal não se encontravam acompanhados por um adulto que se responsabilize pelos mesmos. Para além disso, também não têm um familiar que seja residente no país e que se responsabilize por eles, encontrando-se assim entregues a si próprios, e como tal, é imperativo promover os direitos dos jovens e salvaguardar o seu bem-estar e desenvolvimento integral.

As crianças e jovens estrangeiros que ainda não completaram os 18 anos de idade e que migram sozinhos, representam um importante nível dos fluxos migratórios, nomeadamente da violação dos direitos humanos, da falta de acesso à educação, dos conflitos, entre outros. O facto das crianças e jovens serem menores de idade prevalece sobre a condição de migrante, e, como tal, urge a necessidade de providenciar proteção aos mesmos. Deste modo, considerando a vulnerabilidade das crianças e jovens, a União Europeia tem promovido várias iniciativas, como é o caso do Programa Europeu de Recolocação Voluntária (Pereira, 2021).

Portugal, para além de ser um país atrativo para a imigração, também tem recebido crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, sendo que este fenómeno tem vindo a aumentar. Assim, é importante intervir junto desta população, a fim dos mesmos encontrarem um rumo para o futuro, articulando o seu passado cultural e as expectativas em relação ao futuro. Este processo, guiado pela mediação intercultural e intrapessoal remete para uma transformação da própria pessoa e para a sociedade de acolhimento.

As palavras-chave fundamentais para dar resposta ao presente estudo são: crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, ou seja, indivíduos estrangeiros, menores de idade, que não se encontram acompanhados pelos pais, familiares ou outro responsável legal (George, 2021); mediação intercultural e intrapessoal, ou seja, os sujeitos quando entram em contacto com o diferente recorrem à mediação para encontrarem novamente harmonia entre o que faziam antes e o que podem fazer agora, assim esse processo interno designa-se de mediação intrapessoal e o externo de mediação intercultural (Costa, Vieira & Santos, 2018); identidades dinâmicas, ou seja, a identidade não é estática e homogénea, mas antes dinâmica, é uma identificação em gerúndio, pois estamos sendo (Vieira, 2009), por outras palavras, a identidade é vista como um fluido, uma vez que, não permanece estável por muito tempo (Bauman, 2005); projetos de vida, ou seja, é a definição dos objetivos finais e das ações que o indivíduo toma para alcançar esses objetivos, além disso o projeto de vida também remete para o “quem eu sou” e “quem eu quero ser” (Vieira, 2009).

A presente investigação organiza-se em quatro capítulos, nomeadamente “Enquadramento Teórico”, “Aspetos Metodológicos: buscando a compreensão de jovens estrangeiros não acompanhados”, “Apresentação e Tratamento de Dados: das histórias de vida de jovens estrangeiros não acompanhados à compreensão da gestão identitária e das múltiplas pertenças” e “Biografias e Projetos de Vida: uma análise comparativa”.

O capítulo 1, designado de “Enquadramento Teórico”, contém uma primeira parte estatística e de análise jurídica e uma segunda de “estado da arte”, relativamente à importância da construção de projetos pessoais, através da mediação intercultural, para uma verdadeira integração social, plural, em que o cruzamento do passado e do presente, do país de origem e do país de chegada, da mestiçagem e da interculturalidade sejam vistos como um valor e uma potencialidade ao invés de uma impureza ou de um apagar da memória biográfica dos sujeitos estudados.

O capítulo 2, designado de “Aspetos Metodológicos: buscando a compreensão de jovens estrangeiros não acompanhados”, remete para a parte mais epistemológica e paradigmática do presente estudo. Assim, neste capítulo, será abordado o quadro metodológico que guiou esta investigação, bem como a descrição dos procedimentos práticos realizados.

Neste sentido, de forma sucinta, o Paradigma da Investigação selecionado foi o compreensivo e biográfico, uma vez que adotei uma posição de relatividade, reconhecendo que existem múltiplas realidades sob a forma de construções sociais. A Metodologia é casuística e intensiva, visto que foram selecionados quatro sujeitos para participar na investigação, e os métodos são qualitativos e biográficos porque coloquei o foco nas narrativas dos participantes. O Universo de Estudo é casuístico, uma vez que foi selecionado o Estudo de Caso. A Técnica de Recolha de Dados foi a entrevista semiestruturada à diretora técnica e a três jovens acolhidos na CAE, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré. A entrevista foi o método mais adequado para a presente investigação, dado que o meu interesse passou pela escuta ativa dos jovens estrangeiros não acompanhados e ouvi-los a falar de como vivem esse passado, presente e prospetivam o futuro. Além disso, pretendi ouvir as suas histórias de vida e compreender como é realizada a gestão das múltiplas pertenças identitárias (Vieira, 2011b).

O capítulo 3, intitulado “Apresentação e Tratamento de Dados: das histórias de vida de jovens estrangeiros não acompanhados à compreensão da gestão identitária e das múltiplas pertenças”, apresenta os dados recolhidos durante a entrevista à diretora técnica e aos três jovens estrangeiros não acompanhados. Deste modo, a partir da voz da diretora técnica é realizada uma apresentação da CAE, onde é abordada a intervenção social desenvolvida e as práticas de mediação intercultural existentes na mesma. De acordo com as vozes dos três jovens entrevistados, foi realizada uma apresentação da sua identidade, projetos de vida e da forma como gerem a diferença.

O capítulo 4, denominado “Biografias e Projetos de Vida: uma análise comparativa”, representa uma análise comparativa dos três jovens que participaram no presente estudo, onde serão apresentados os aspetos convergentes e divergentes. Além disso, partindo das vozes dos jovens será realizada uma reflexão acerca da gestão identitária de cada um e do papel da mediação intercultural e intrapessoal na (re)construção dos seus projetos de vida, relacionando estes assuntos introduzidos com os conceitos apresentados na segunda parte do capítulo 1.

De ressaltar que, apesar de ser um quadro da instituição, procurei enquanto investigadora adotar uma posição de “estar dentro” e “estar fora”, assumindo uma postura de interligação. Neste sentido, procurei ter um pé dentro e outro fora, ser “nós”

e “outros”, posicionando-me como *insider* e *outsider*, e como tal, privilegiando uma perspectiva de hermenêutica diatópica e de hermenêutica multitópica (Vieira, 2013). A mediação também implica uma atitude de “estar dentro” e “estar fora” para melhor intervir e mediar, a fim de se conseguir interligar as partes que se apresentam como diferentes, revelando ser ambígua e ambivalente (Vieira, Marques, Silva, Vieira & Margarido, 2018).

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca, e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto”

José Saramago

Este capítulo apresenta, primeiramente, a pintura de um quadro geral acerca das crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, onde é realizada a sua contextualização e enquadramento legal, oferecendo assim uma caracterização desta população e uma explicação das medidas legais que são acionadas para proteger e salvaguardar os mesmos. Devo de acrescentar que, neste ponto, serão igualmente apresentados dados estatísticos das crianças e jovens estrangeiros não acompanhados em Portugal, a fim de se conhecer a conjuntura desta população no território português.

Seguidamente, no ponto “Revisão Conceptual”, serão invocados diversos autores que abordam os temas e conceitos essenciais para a minha investigação e que contribuirá para o relacionamento da teoria com a análise dos dados empíricos.

CONTEXTUALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO LEGAL

CRIANÇAS E JOVENS ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS E DADOS ESTATÍSTICOS EM PORTUGAL

Em conformidade com o artigo 2.º da Lei n.º 27/2008, de 30 de junho, as crianças e jovens estrangeiros não acompanhados (CJENA) são:

Quaisquer pessoas nacionais de países terceiros ou apátridas com idade inferior a 18 anos que entrem em território nacional não acompanhados por um adulto

que, por força da lei ou do costume, se responsabilize por elas, enquanto não são efectivamente tomadas a cargo por essa pessoa, ou que tenham sido abandonadas após a entrada em território nacional. (Lei n.º 27/2008, 2008)

Em termos formais, o processo de pedido de proteção internacional de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados não se diferencia dos outros requerentes de asilo. Todavia, devido a esta população ser menor de idade, regista-se um enquadramento legal acrescido, sendo necessário salvaguardar as medidas de acolhimento e integração. Neste sentido, a Lei de Asilo (Lei n.º 27/2008), a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei n.º 147/99, de 1 de setembro) e as orientações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) guiam o acolhimento das crianças e jovens estrangeiros não acompanhadas que requerem proteção internacional (Oliveira, 2023).

O artigo 26.º da Lei n.º 27/2008 elucida que, *“a instalação temporária de menores não acompanhados ou separados obedece a condições especiais, nos termos internacionalmente recomendados, designadamente pelo ACNUR, UNICEF e Comité Internacional da Cruz Vermelha”*, e como tal, estes não podem aguardar a instrução do processo num centro de instalação temporária. Assim, como se encontra enquadrado na Lei n.º 67/2003, de 23 de agosto, as crianças e jovens estrangeiros não acompanhados deverão de ser acolhidos por familiares adultos, famílias de acolhimento, centros de acolhimento que apresentem instalações especiais para menores de idade, outros locais com instalações adequadas ou pela pessoa que cuidou dos mesmos no momento da fuga. O Conselho Português para Refugiados (CPR) fornece condições especiais para a instalação temporária de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados ou separados.

Atendendo à idade destes requerentes de proteção internacional, ou seja, terem idades inferiores a 18 anos, os mesmos são enquadrados pela Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo e pela Lei de Asilo. Neste sentido, existe a decorrer um processo de promoção e proteção no Tribunal de Família e Menores para cada criança e jovem estrangeiro não acompanhado. Em conformidade com o artigo 3.º da Lei n.º 147/99, comprova-se a legitimidade da intervenção para promoção dos direitos e proteção da criança e jovem em perigo quando

[...] os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte de acção ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo. (Lei n.º 147/99, 1999)

A alínea h) do artigo supramencionado acrescenta ainda em relação à legitimidade da intervenção que, uma criança ou um jovem encontram-se em situação de perigo quando *“tem nacionalidade estrangeira e está acolhida em instituição pública, cooperativa, social ou privada com acordo de cooperação com o Estado, sem autorização de residência em território nacional”* (Lei n.º 147/99, 1999).

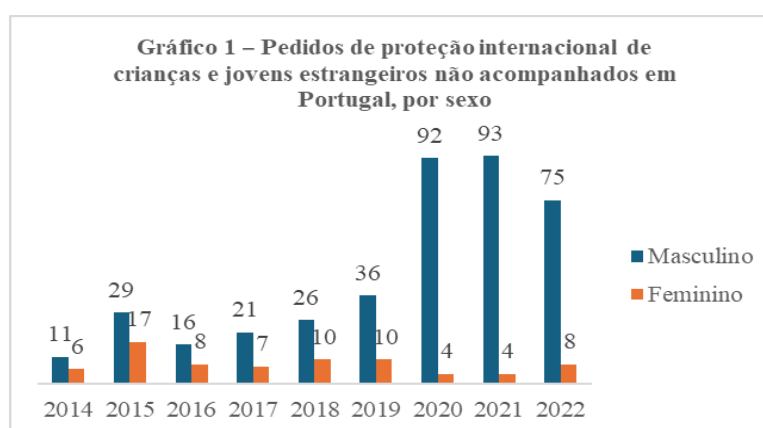
A autora Catarina Oliveira (2023) elucida que, apesar de se registar uma violação do regime legal de entrada e permanência de estrangeiros em território nacional, não é possível a detenção de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, a fim de se alcançar o afastamento coercivo. Deste modo, a lei permite que as crianças e jovens estrangeiros não acompanhados que entrem em território nacional ou que se constate que se encontram em situação irregular, regularizem a sua situação.

Quando as crianças e jovens estrangeiros não acompanhados realizam o pedido de proteção internacional, é-lhes concedida autorização de residência provisória, válida por quatro meses, renovável por períodos idênticos e emitida pela Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA), que veio suceder o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). Posteriormente, é emitida uma proposta fundamentada da concessão ou da recusa de proteção internacional em Portugal. Em relação à concessão, as crianças e jovens estrangeiros não acompanhados beneficiam do estatuto de refugiado e direito de asilo ou de proteção subsidiária. Em caso de recusa, pode ser concedida autorização de residência por razões humanitárias (Oliveira, 2023).

De acordo com o “Relatório Estatístico do Asilo 2023”, da autoria de Catarina Oliveira (2023), no decorrer do tempo, tem se vindo a registar pedidos de proteção espontâneos, todavia a partir de 2020, Portugal assumiu o compromisso de recolocação voluntária de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, juntamente com outros países da União Europeia. Neste sentido, com o compromisso de acolher até 500 crianças e

jovens estrangeiros não acompanhados, que se encontravam nos campos de refugiados da Grécia, Portugal no final de 2022 acolheu um total de 325 jovens recolocados, que corresponde a 65%, dos quais 126 entraram em território nacional em 2022. Foram maioritariamente acolhidos jovens do sexo masculino, 312 de 325 jovens. Aproximadamente 64% dos recolocados eram menores de idade, no entanto, 36% dos jovens tinham mais de 18 anos. Os jovens acolhidos eram do Afeganistão (105), Paquistão (81), Bangladesh (34) e de outras nacionalidades.

Desde 2020, que Portugal tem vindo a acolher um crescente número de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados. Em 2014, foram registados 17 pedidos de proteção internacional, tendo existido um aumento de pedidos em 2015 (46). Em 2016, verificou-se uma descida, para cerca de metade do número de pedidos de proteção internacional (24), no entanto, até 2021 tem existido um aumento gradual do número de pedidos de proteção internacional. De 2019 para 2020, foi onde se registou o aumento mais acentuado, nomeadamente passou-se de 46 para 96 pedidos de proteção internacional. De 2021 para 2022, houve uma ligeira descida, passando de 97 para 83 pedidos de proteção internacional (Oliveira, 2023). É possível constatar que, desde 2014 a 2022 houve mais pedidos de proteção internacional de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados do sexo masculino do que do sexo feminino, tal como se pode verificar no gráfico 1 (Oliveira, 2023).



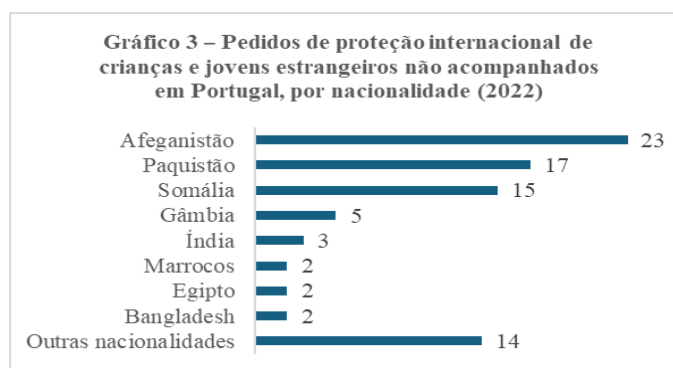
Fonte: Construção pessoal com base em “Relatório Estatístico do Asilo 2023”, da autoria de Catarina Oliveira (2023).

Em relação à nacionalidade, em 2021 registaram-se mais pedidos de proteção internacional de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados provenientes do Afeganistão, seguidamente do Paquistão e, em terceiro lugar, do Bangladesh (gráfico 2).



Fonte: Construção pessoal com base em “Relatório Estatístico do Asilo 2023”, da autoria de Catarina Oliveira (2023).

Em 2022, as crianças e jovens estrangeiros não acompanhados oriundos do Afeganistão continuaram a ser as que mais apresentaram o pedido de proteção internacional, seguidas das do Paquistão e, em terceiro lugar, das crianças e jovens provenientes da Somália (gráfico 3) (Oliveira, 2023).



Fonte: Construção pessoal com base em “Relatório Estatístico do Asilo 2023”, da autoria de Catarina Oliveira (2023).

LEI DE PROTEÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS EM PERIGO E ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

De acordo com as autoras Catarina Tomás, Maria João Leto de Carvalho e Natália Fernandes (2019), no dia 20 de novembro de 2019 celebraram-se os 30 anos desde que a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Convenção dos Direitos da Criança, tendo o Estado português ratificado a mesma no ano seguinte. Este documento representa uma referência imprescindível e indestrutível na evolução da história da

infância no mundo, que se caracteriza por avanços e recuos. Assim, em Portugal foi na reformulação de quadros legislativos de proteção de crianças, constituindo-as como sujeitos de direitos, que a Convenção dos Direitos da Criança se fez sentir e teve impacto.

Os autores Paula Costa, Ricardo Vieira e Rui Santos (2018) identificam como instrumentos jurídicos relevantes para a proclamação e respeito pelos direitos das crianças e jovens a Declaração de Genebra (1924), a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a Declaração dos Direitos da Criança (1959), a Convenção dos Direitos da Criança (1989) e a Convenção Europeia para o Exercício dos Direitos das Crianças (1996).

A Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), foi aprovada pela Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, com as alterações introduzidas pelas seguintes normas jurídicas: Lei n.º 31/2003, de 22 de agosto; Lei n.º 142/2015, de 8 de setembro; Lei n.º 23/2017, de 23 de maio; Lei n.º 26/2018, de 5 de julho. A LPCJP tem como objetivos promover os direitos e a proteção das crianças e jovens em perigo, salvaguardando o seu bem-estar e desenvolvimento integral (Guerra, 2021), e delinear o papel das entidades responsáveis em matéria (Costa, Vieira & Santos, 2018).

O n.º 2 do artigo 3.º da Lei n.º 147/99 refere que, a criança ou jovem estão em situação de perigo quando se encontram numa das seguintes circunstâncias:

Está abandonada ou vive entregue a si própria; Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais; Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal; É obrigada a actividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento; Está sujeita, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional; Assume comportamentos ou se entrega a actividades ou consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem

tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação. (Lei n.º 147/99, 1999)

As medidas de promoção e proteção das crianças e jovens têm como objetivos: afastar a situação de perigo; proporcionar a recuperação física e psicológica das crianças e jovens que foram sujeitos a abusos ou explorações; promover as condições que assegurem a proteção e promoção da segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral (Sousinha, 2018).

No artigo 35.º da Lei n.º 147/99 encontram-se identificadas as medidas de promoção e proteção, que visam eliminar as situações de perigo e promover a proteção dos direitos das crianças e jovens. Neste sentido, as medidas conforme a sua natureza podem ser executadas em meio natural de vida ou em regime de colocação. As medidas a executar no meio natural de vida são o apoio junto dos pais, o apoio junto de outro familiar, a confiança a pessoa idónea e o apoio para a autonomia de vida. Por outro lado, as medidas a executar em regime de colocação são o acolhimento familiar e o acolhimento residencial. A medida confiança a pessoa selecionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista a adoção, é uma medida a executar no meio natural de vida no primeiro tópico, e em regime de colocação no segundo e terceiro tópicos.

No artigo 4.º da Lei n.º 147/99, encontram-se definidos os princípios orientadores da intervenção, a fim de se promover os direitos e proteção da criança e jovem em perigo, nomeadamente interesse superior da criança e do jovem, privacidade, intervenção precoce, intervenção mínima, proporcionalidade e atualidade, responsabilidade parental, primado da continuidade das relações psicológicas profundas, prevalência da família, obrigatoriedade da informação, audição obrigatória e participação, e subsidiariedade.

O n.º 1 do artigo 49.º da Lei n.º 147/99 clarifica que, a medida de acolhimento residencial se traduz na “[...] colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos permanentes, devidamente dimensionados e habilitados, que lhes garantam os cuidados adequados”. No n.º 2 do artigo 49.º da presente lei, encontra-se igualmente definida a finalidade da medida de acolhimento residencial, ou seja,

[...] contribuir para a criação de condições que garantam a adequada satisfação de necessidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais das crianças e jovens e o efetivo exercício dos seus direitos, favorecendo a sua integração em contexto sociofamiliar seguro e promovendo a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral. (Lei n.º 147/99, 1999)

Em relação aos casos de crianças e jovens estrangeiros, os mesmos são acolhidos numa instituição pública, social, cooperativa, ou privada, onde tenha sido celebrado um acordo de cooperação com o Estado. Além disso, é concedida autorização de residência em território nacional à criança ou jovem (Lei n.º 147/99, 1999).

A fim de privilegiar uma relação afetiva do tipo familiar, proporcionar uma vida diária personalizada e contribuir para a integração na comunidade, as casas de acolhimento são organizadas em unidades, nomeadamente casas de acolhimento para atender a situações de emergência, casas de acolhimento que visam dar resposta a problemáticas específicas e necessidades de intervenção educativa e terapêutica, e apartamentos de autonomização que fornecem apoio e promovem a autonomia dos jovens (Sousinha, 2018).

Caso as unidades referidas anteriormente não existam, as crianças e jovens serão acolhidos em casas “generalistas”, independentemente do objetivo do seu acolhimento, isto é,

[...] quer se trate de acolhimento “a título cautelar” (nova denominação do acolhimento provisório), nas situações de emergência ou enquanto se procede ao estudo do seu encaminhamento, quer se trate de aplicação estável de medida. Seja qual for, também, a duração previsível do acolhimento. (Delgado & Gersão, 2018, p. 123)

REVISÃO CONCEPTUAL

MULTICULTURALIDADE, GLOBALIZAÇÃO E MIGRAÇÕES

De acordo com o autor João André (2012), a globalização e as migrações têm vindo a conferir à multiculturalidade da sociedade contemporânea uma intensidade crescente e, apesar de parecerem ser fenómenos convergentes, caracterizam a multiculturalidade de forma divergente.

Relativamente à globalização, o autor anteriormente mencionado (2006 e 2012) refere que este fenómeno apresenta movimentos diferentes ao longo do mundo, e, como tal, dever-se-ia de utilizar o conceito no plural. Neste sentido, um desses movimentos, que representa a globalização hegemónica, é influenciada por uma matriz economicista neoliberal, de natureza predadora no que diz respeito aos recursos de povos, países e regiões da periferia e do hemisfério sul. As forças económicas nacionais ou transnacionais do sistema capitalista mundial visam colonizar esses recursos e pretendem estabelecer um domínio em diversos níveis, nomeadamente industrial, económico, militar, político e cultural. O segundo movimento, designado de globalização anti-hegemónica, corresponde à extensão e mundialização da solidariedade, que se expressa nas intervenções desenvolvidas por diversas organizações não governamentais e que coloca o foco na sustentabilidade do ambiente e salvaguarda das culturas.

No que se refere às migrações, o autor Alejandro Portes (2006) refere que “[...] *as migrações não ocorrem de forma aleatória ou sequer por todo o globo, processando-se antes através de fluxos altamente concentrados, de dimensão e de direcções previsíveis, ano após ano*” (p. 15). Enquanto isso, o autor João André (2012) afirma que, nas últimas décadas este fenómeno tem se vindo a intensificar, tendo nos últimos anos apresentado variações significativas. Assim, essas variações manifestam-se nas direcções dos movimentos migratórios e nos seus protagonistas, e na forma como se regista e com que se marca o país de acolhimento, seja a um nível mais individual ou mais coletivo. Os autores Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva, Ana Vieira e Cristóvão Margarido (2020) aprofundaram esta questão, referindo que as migrações questionam “[...] *significativamente as sociedades contemporâneas, criando espaços sociais que*

extravasam os estados nacionais, moldando as estruturas económicas, políticas, culturais e sociais das sociedades e possibilitando a construção de identidades e formas de convivência plurais” (p. 7).

O autor Stephen Castles (2005) menciona que as migrações internacionais impulsionam a mudança social no mundo contemporâneo e que as mesmas ocorrem devido às “[...] transformações económicas, demográficas, políticas e sociais [...] no seio de uma dada sociedade [...]” (p. 7). Além disso, o autor acrescenta que “[...] estas migrações ajudam a produzir mudanças, tanto no país de origem, como no de acolhimento” (p. 7).

A globalização e as migrações influenciam de forma diferente a cultura das sociedades da atualidade. Deste modo, a globalização anti-hegemónica e as migrações proporcionam identidades distintas, que evidenciam uma multiculturalidade visível ao nível simbólico e mental, mas também físico e material, uma vez que, para além de se difundir ideias, gostos e produções espirituais, circula igualmente aglomerados de pessoas, corpos, vestuário, objetos, rituais e língua. Por outro lado, a globalização, isto é, a globalização hegemónica promove a homogeneidade cultural mediante os padrões que as grandes multinacionais ditam e que são visíveis em vários aspetos, tais como, a música, vestuário, a alimentação e cinema. Todavia, apesar de ser em menor quantidade, é também globalizada uma certa diferenciação. *“A globalização neoliberal pode, assim, contribuir para a diluição de identidades locais ou para a sua hibridação ou mestiçagem, enquanto a migração pode acentuar essas mesmas identidades [...]”* (André, 2012, p. 109).

IDENTIDADES DINÂMICAS

Tomaz Silva (2000) refere que, numa primeira abordagem, a identidade parece ser algo descomplexa e fácil de determinar. *“A identidade é simplesmente aquilo que se é [...]”* (Silva, 2000, p. 74), ou seja, “ele é português”, “ele é homem”, “ele é jovem”. Neste ponto de vista, a identidade parece ser independente, uma positividade e algo que apenas faz referência a si própria, isto é, autocontida e autossuficiente.

O autor supramencionado esclarece que, seguindo a mesma linha de pensamento, a diferença também se caracteriza como um fator autónomo e independente, no entanto, esta encontra-se em oposição à identidade. Isto significa que, a diferença é o que o outro é, ou seja, “ela é alemã”, “ela é mulher”, “ela é velha”. Neste sentido, a diferença também apenas faz referência a si própria e “[...] *simplesmente existe*” (Silva, 2000, p. 74).

A identidade e a diferença apresentam um vínculo de estreita dependência. Quando uma pessoa afirma “sou francesa”, aparenta estar a fazer alusão a uma identidade que se esgota em si mesma, contudo essa pessoa somente necessita de afirmar ser francesa, uma vez que, existem pessoas que não têm essa nacionalidade. Caso todas as pessoas residissem num mundo homogéneo, onde partilhassem a mesma identidade, não existiria fundamento para as afirmações de identidade. Quando as pessoas partilham a mesma característica, não existe a necessidade de a afirmar, sendo esta apenas expressada em momentos raros, como por exemplo, as pessoas não se apresentam umas às outras como “sou um ser humano” (Silva, 2000).

Ainda de acordo com Silva (2000), quando alguém afirma “sou francesa”, encontra-se a participar numa rede de negações quase ilimitada, ou seja, é necessário ler nas entrelinhas que a pessoa “não é portuguesa”, “não é espanhola”, “não é brasileira”, “não é italiana”. Assim, somente é possível compreender as afirmações acerca da diferença quando interpretada a sua relação com as afirmações de identidade, como por exemplo, quando alguém refere “sou brasileira”, está a referir que “não é italiana”, “não é francesa”, “não é portuguesa”, “não é paquistanesa”, ou seja, não é igual à outra pessoa. Quando se realiza uma afirmação sobre a diferença, encontra-se igualmente a participar numa rede de negações acerca de outras identidades. A identidade e a diferença são inseparáveis e dependentes uma da outra.

No quotidiano, quando conhecemos alguém utilizamos algumas perguntas de referência, que nos permitem conhecer o outro, desvendar a sua identidade, promover a comunicação e a relação interpessoal. Assim, alguns exemplos dessas perguntas são “Qual o teu nome?”, “Que idade tens?”, “Onde vives?”, “És de onde?” e “Quem és?” (Vieira, 2009).

Ricardo Vieira (2009) clarifica que, com o decorrer dos tempos, os “mundos” onde os indivíduos participam e residem foram aumentando, tais como, a esfera profissional, familiar, a amizade, entre outros. É possível reparar que, os indivíduos estão se a transformar cada vez mais em seres multiculturais, interculturais, mestiços, compósitos, e conseqüentemente, tornam-se mais complexos e difíceis de definir. Os indivíduos não sentem que pertencem a um único local, mas antes a vários. Assim, o autor refere que, os indivíduos estão, invés de são. *“Em vez de sermos, estamos. Estamos em trânsito. Estamos sendo”* (Vieira, 2009, p. 12).

Por outro lado, Silva (2000) prefere eleger o conceito de representação, invés da descrição daquilo que se é, ou seja, entende a identidade como algo em transformação e em movimento. Analogamente, Amin Maalouf (2005) mencionado por João André (2012) opta pela noção de identidade em viagem, remetendo para a ideia de um passageiro em trânsito. Maalouf explica essa noção mediante a seguinte metáfora: a raiz e a árvore, e as estradas. Neste sentido, o autor refere que os homens não necessitam das suas raízes, uma vez que, ao contrário das árvores, a seiva do solo não é absorvida pelos seus pés. Estes servem para os fazer andar, e como tal, apenas as estradas são importantes. À semelhança dos homens, as estradas também têm uma origem, sendo esta ilusória, dado que uma estrada não possui verdadeiramente um início, ou seja, *“[...] antes da primeira curva, lá para trás, já havia outra curva e ainda outra”* (Maalouf, 2005, p. 9, como citado em André, 2012, p. 42). Além disso, o autor faz igualmente referência a uma origem inatingível, uma vez que, *“[...] a cada encruzilhada se juntam outras estradas, que vêm de outras origens”* (Maalouf, 2005, p. 9, como citado em André, 2012, p. 42).

A identidade não é estática e homogênea, mas antes dinâmica, por outras palavras, é uma identificação em gerúndio, pois estamos sendo. Isto evidencia a capacidade de adaptação dos indivíduos ao outro, existindo assim uma transformação e reflexividade. Quando perguntamos “De onde és?”, estamos a remeter a pergunta para as origens da pessoa, e não estamos a ter em conta todo o seu trajeto percorrido até ao momento. De realçar que, não somos apenas o presente, somos também o passado e o futuro. Assim, abordar a identidade nos tempos que correm exige uma reflexão dinâmica, onde se deve de pensar no projeto que se desenvolve no presente, que se encontra ancorado ao passado e que tenta antecipar o futuro (Vieira, 2009 e 2011a).

Quando pensamos acerca das questões apresentadas anteriormente percebermos que se torna cada vez mais difícil responder às mesmas, uma vez que os indivíduos não são “[...] apenas uma única coisa facilmente definível [...]” (Vieira, 2009, p. 12). Como por exemplo, quando alguém pergunta a um jovem “De onde és?”, o jovem que tem descendência italiana, nasceu na Itália, mas que reside há 5 anos em Portugal, identifica-se com os costumes e cultura portuguesa, é obrigado a responder Itália, apesar de se identificar mais com Portugal do que com esse país. Outro exemplo, é quando perguntam “Onde vives?”, e o indivíduo que é estudante do ensino superior, vê-se obrigado a responder “5 dias no Porto e 2 dias em Vila Nova de Gaia”. Deste modo, os indivíduos podem ser apenas de um ou de vários locais, podem ser de um local e sentirem que não pertencem ao mesmo, podem ser de um local e trabalharem noutro e sentirem que pertencem ao local onde trabalham ou ao contrário.

Bauman (2005) refere que, é possível observar a transformação do estado sólido ao estado líquido da identidade. A identidade é vista como um fluido, visto que não consegue permanecer igual por muito tempo, e mesmo sobre a ação de forças menores vai mudando de forma e se transformando.

É através dos jogos de oposição e demarcação, enclausuramento no nós cultural e assimilação, que existe uma tomada de consciência do eu e do outro. Neste processo, está subjacente a comunicação e interação, e como tal, a compreensão da alteridade. A identidade e a alteridade desenvolvem-se mediante a interação, “[...] onde o indivíduo percorre o caminho entre o nós e o outro que vai descobrindo no dia-a-dia” (Vieira, 2009, p. 15). Os indivíduos têm consciência da sua identidade e de si por meio da assimilação de características do grupo com a qual se identificam e por diferenciação do outro.

MESTIÇAGEM

Diversos autores, como é o caso de Vieira (2009), defendem que o indivíduo é passado, presente e projeto. Além disso, enfatizam a importância de compreender que o indivíduo se encontra em constante transformação, sendo este um ser incompleto, que procura novos conhecimentos e experiências, isto é, “[...] nessa vontade de partir, de

procurar novas margens” (Vieira, 2009, p. 29). O processo de aprendizagem e aquisição de novos saberes resulta numa transformação do indivíduo.

Em conformidade com o autor João André (2012), é possível encontrar no diálogo intercultural o fenómeno da mestiçagem, quando substituídas as concepções essencialistas e fixistas de cultura pela dinâmica da sua origem e das suas transformações. Todavia, esse fenómeno não traduz casos especiais, casos de marginalização ou de momentos excepcionais de relações entre povos, etnias e culturas, mas representa verdadeiramente, no seu âmago, os indivíduos, os povos e as culturas. Os indivíduos são seres mestiços, sendo que é no cerne dessa mestiçagem que se gerem as suas escolhas, que se estruturam as suas crenças e valores, e que se desenvolvem e se transformam as suas culturas.

Na literatura existem diversas definições para o conceito de mestiçagem, como por exemplo, a consciência e a tradução que transparece da experiência resultante dos encontros com os outros (André, 2012), e uma experiência de desapropriação, incerteza e ausência que pode resultar de um encontro (Laplantine & Nouss, 2001, como citado em André, 2006). Segundo João André (2012), a mestiçagem implica estar a meio-caminho, entre o ser e não ser, bem como exige que não seja confundida com a fusão ou separação total dos fios com que se tece. Independentemente de ser pessoa ou cultura, a mestiçagem é dinâmica, encontrando-se sempre em movimento, e como tal, privilegia a metamorfose e o nomadismo, realizando a mediação do familiar e do estranho através da desapropriação.

De acordo com João André (2012), um indivíduo que seja mestiço é ao mesmo tempo fronteira, sendo esta compreendida como a morada de muitos, algo que separa e algo que faz a ponte. Assim, “[...] *viver na fronteira é simultaneamente transgredir a fronteira, o que faz dos mestiços fronteiros [...]*” (p. 46).

Na perspetiva de Michel Serres (1993), a aprendizagem, a construção e reconstrução da identidade proporciona aos indivíduos a passagem de uma margem do rio para a outra. Entre as margens encontra-se o centro, que representa a dúvida, as oportunidades, possibilidades e todas as direções. O autor designa esse centro de terceiro lugar, considerando que o mesmo é indispensável à aprendizagem e aquisição de novos conhecimentos. O terceiro lugar também promove instruções ao terceiro instruído, que

se caracteriza pela sua mestiçagem e que provem de meios-termos entre diversos caminhos, locais, experiências e aprendizagens. Neste sentido, Ricardo Vieira e Ana Vieira (2017) esclarecem que, os indivíduos submetidos a novas formações e aprendizagens, transformam-se em terceiros instruídos, ou seja, “*o sujeito (trans)formado renasce de novo*” (p. 50), deixando de ser resultado de uma socialização primária de um determinado contexto, e passando a ser um terceiro instruído, caracterizado por diversas dimensões de ser e estar, por uma (re)construção da sua identidade, e uma ligação entre os seus saberes antigos e as novas alternativas culturais.

A mestiçagem apenas se considera um produto acabado quando o investigador a descreve ou classifica, caso contrário a mesma é um processo vivo, que se encontra em transformação. Quando se aborda a mestiçagem, não se pode ter a noção de que esta é apenas a junção, a mistura e o cruzamento de vários elementos diferentes. Todavia, no senso comum continua-se a considerar o mestiço como impuro e contaminado, enquanto o puro é considerado o bom. A mestiçagem deverá ser compreendida como algo que implica tensão resultante da relação de diferentes, do dinamismo e da conflitualidade, e não deve ser confundida com a fusão das partes ou hibridismo (Vieira, 2009).

A este propósito, Laplantine e Nougès (2002) introduzem a noção de pensamento da mestiçagem, fazendo alusão ao pensamento de mediação e aos meios-termos que os indivíduos tentam encontrar, uma vez que têm influências de diversas pessoas e meios. Além disso, os autores realçam igualmente a tensão proveniente de relações com diferentes, sendo necessário reforçar que, a tensão é um conflito interior, no entanto, é privilegiado o termo tensão em virtude de ser algo normal das relações. Assim, tal como foi proferido pelos autores Laplantine e Nougès,

[...] Dado que o pensamento da mestiçagem é claramente um pensamento de mediação, que se exerce no intermediário, no intervalo e nos interstícios a partir dos cruzamentos e das trocas, ele não poderia reduzir-se a, e, ao pensamento-entre ou ao pensamento-entremeios que são categorias espaciais. Trata-se, contrariamente à mistura e ao misto, de um pensamento da tensão, ou seja decisivamente temporal, evoluindo através das línguas, dos géneros, das

culturas, dos continentes, das épocas, das histórias e das vivências. Não é um pensamento da origem, da matriz, nem da filiação pura, mas da multiplicidade nascida do encontro. (Laplantine & Nouss, 2002, pp. 83-84)

Neste sentido, estes processos não são sempre pacíficos, existindo uma tensão entre posicionamentos, que implica por vezes reflexão e até dor na tomada de decisão. Além disso, a multiplicidade do encontro, ou melhor, dos encontros está na cabeça de cada indivíduo em constante diálogo.

A mestiçagem organiza-se em dois grupos, ou seja, a mestiçagem que se estabelece por meio do diálogo, do encontro, da liberdade, e da criação, e a mestiçagem que se constrói mediante a conquista, as correntes, a violação e o sangue (André, 2012). Esta última, se refletirmos sobre a história, era utilizada diversas vezes num projeto de domínio, que visava extinguir as diferenças e homogeneizar a alteridade (André, 2005, como citado em Vieira, 2009).

Vieira (2009) elucida que o ser humano não pode ser compreendido como um ser estático, uma vez que, mediante as relações estabelecidas com os outros ocorre uma transformação e mudança no mesmo. Essas trocas de informação e interação serão promotoras da construção de aprendizagens e conhecimentos em ambas as partes. Acrescenta ainda que, o indivíduo define e redefine a sua identidade através da sua caminhada e jornada, sendo estas caracterizadas pelas múltiplas experiências vivenciadas pelo indivíduo ao longo da sua vida. Deste modo, Wieviorka (2002) mencionado por Vieira (2009) refere que, as identidades são compostas por mais do que uma cultura singular, e por isso, os indivíduos tal como as sociedades são multiculturais.

Neste sentido, e voltando a invocar de novo os autores da mestiçagem, é referido que

[...] uma epistemologia mestiça [...] conduz-nos a deixar de encarar o local contra o global (ou o inverso), a periferia em relação ao centro, as mulheres em relação aos homens, o louco em relação ao normal, o futuro em relação ao passado (ou o inverso). (Laplantine & Nouss, 2002, p. 89)

O pensamento mestiço é assim um pensamento complexo (Morin, 1977), que rompe com o pensamento binário, dualista e torna-se complexo porque de alguma forma todos nós fomos educados numa lógica dicotômica, gordo/magro, alto/baixo, bom/mau, canhoto/destro, masculino/feminino, etc. E a mestiçagem é criativamente construída pela mediação entre estes extremos dicotômicos, lembrando Michel Serres e o seu terceiro instruído (Serres, 1993), aquilo que Vieira chama de $1 + 1 = 3$ (Vieira, 2009). Este terceiro, ou terceira cultura corresponde à interculturalidade e à mestiçagem cultural (André, 2006 e 2012; Vieira, 2009 e 2011b; Vieira, & Vieira, 2016 e 2017).

PROJETO, METAMORFOSES CULTURAIS E ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS

O autor Ricardo Vieira (2009) defende que sempre que um indivíduo confere um significado coeso e coerente à própria existência, abrangendo as vivências do passado e presente, com o intuito de alcançar um determinado futuro, encontra-se a construir a sua identidade. A construção identitária é um processo contínuo, inacabável, permanente, que se traduz na definição da própria pessoa, onde se reflete acerca do quem eu sou, o que quero ser ou fazer, qual a minha função e quais os meus projetos futuros. Todavia, esse processo nem sempre é sereno e pacífico, podendo causar diversas vezes crises e angústias. A este propósito a autora Cristina Ferreira (2023) acrescenta que, “[...] *as vivências que passamos, vão marcando de alguma forma o trajeto da nossa vida, desde a infância até à idade adulta, todas as recordações, pessoas, situações, seja de forma positiva ou negativa, marcam e fazem parte da nossa história*” (p. 15).

A identidade é caracterizada pelo seu processo dialético e complexo, sendo que a mesma se encontra em constante (re)construção e metamorfose, dando origem a um novo todo. Este todo é constituído a partir da relação desenvolvida entre as partes, no entanto, o valor do todo não se pode basear na qualidade das partes, ou seja, o todo é mais do que a soma das partes. As mesmas não se encaixam como peças de puzzle, e na maioria das vezes intervêm umas sobre as outras e com as outras. A forma como cada pessoa conjuga os diferentes elementos que a constituem difere de pessoa para pessoa, ou seja, apesar de duas pessoas terem elementos em comum não significa que sejam iguais (Vieira, 2009).

Os indivíduos apesar de terem muitas influências de outros, são exclusivamente eles próprios, e como tal, a (re)construção identitária pessoal e social alicerça-se num processo intrínseco a cada indivíduo. Neste sentido, a identidade do indivíduo não espelha necessariamente o seu grupo social e cultural, pois como denotou Lahire (2004), cada indivíduo encontra-se ligado a mais do que um grupo, e estes também se caracterizam pela sua heterogeneidade. Todas as vivências e interações significantes para o indivíduo, não se acumulam e se expressam de uma forma simples. É possível um indivíduo passar de um grupo social para o outro, de uma cultura para a outra, de uma sociedade para a outra, sem que exista uma continuidade e compatibilidade entre todas as experiências (Vieira, 2009).

Ricardo Vieira (2009) reflete acerca desta passagem de uma margem do rio para a outra, da cultura de origem para a cultura de acolhimento e de um grupo social para o outro, afirmando que existem dois tipos de indivíduos, o oblato e o trânsfuga intercultural. Em primeiro lugar, o oblato, é aquele que nega a sua cultura de origem, reeducando-se e assumindo os valores e costumes da cultura de acolhimento. Este indivíduo coloca como que uma maquilhagem e tenta fazer parecer que nunca conheceu ou pertenceu a outra cultura. Deste modo, o oblato não confere uma ligação e continuidade entre as duas margens do rio. Enquanto, o trânsfuga intercultural constrói pontes entre as culturas que o definem e o atravessam, não negando nem substituindo a cultura de origem, mas dando uma nova forma e interpretação à mesma. Este indivíduo assume ter uma identidade pessoal e cultural mestiça, sem nunca a esconder.

A (re)construção da identidade do oblato e do trânsfuga intercultural alicerça-se num processo multicultural, uma vez que, ambos são mestiços culturalmente e passaram por metamorfoses culturais. Todavia, o trânsfuga intercultural quando chega à segunda margem, reconhece que já esteve na primeira e não esconde ser pluricultural. O oblato apesar de ser também um terceiro instruído, nega ter pertencido à primeira margem, apresentando uma postura monocultural (Vieira, 2009).

O autor Gilberto Velho (1994) elucida que, existe uma diferença entre uma identidade socialmente atribuída, como por exemplo, etnia, família, nacionalidade, entre outros, e a que se baseia nas opções e escolhas de vida. O autor refere ainda que, a diversidade de referências presentes nas esferas em que o indivíduo se encontra inserido, conduz por

vezes à fragmentação, sendo esta problemática considerada por alguns autores como um dos indicadores da modernidade.

Gilberto Velho (1994) estabelece um vínculo entre os conceitos memória e projeto, e conseqüentemente a sua importância para a construção da identidade. O autor apresenta a noção de projeto mediante as ideias difundidas por Alfred Schutz (1979), no seu livro “Fenomenologia e Relações Sociais”, ou seja, o projeto é uma “[...] *conduta organizada para atingir finalidades específicas*” (p. 101), no entanto, o autor não necessita de ser um indivíduo, podendo ser um grupo social, um partido ou outra categoria. Assim, “*a consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos*” (Velho, 1994, p. 101). A memória permitirá uma interpretação organizada do trajeto de vida que o indivíduo realizou, nomeadamente a sua biografia, e como tal, o projeto representará a antecipação do trajeto e biografia, definindo os objetivos que se pretende alcançar e os meios que serão utilizados para esse fim. O projeto e a memória encontram-se numa estreita relação porque conferem significado às ações do indivíduo, e conseqüentemente, à sua identidade.

Em conformidade com Velho (1994), na sociedade moderno-contemporânea, os indivíduos encontram à sua disposição e acesso diversas experiências contraditórias e possivelmente fragmentadoras. Deste modo, a memória e o projeto conferem um significado e organizam esse percurso de vida. O autor enfatiza que, o projeto é uma forma do indivíduo se expressar, de articular os interesses, objetivos, emoções e desejos, e como tal, representa uma negociação com outros atores, indivíduos e coletivos. O projeto exige uma reflexão acerca das circunstâncias, possibilidades, limitações e constrangimentos do indivíduo. Além disso, a identidade prende-se na relação dinâmica do projeto do indivíduo com a sociedade. Um indivíduo pode definir diversos projetos, no entanto, existe sempre um que se afirma como o principal. Neste sentido, “*falar de identidade pessoal implica pensar num projecto que se constrói para o futuro, mas que se concebe no presente. [...] Passado, Presente e Futuro são assim uma tríade que junta a memória, o ontem, a rotina do hoje e a utopia do desejável para amanhã*” (Vieira, 2011a, p. 39).

HISTÓRIAS DE VIDA

Parafraseando o autor Ricardo Vieira (2009), o indivíduo (sujeito) invés de ser interpretado como uma estrutura, deve de ser visto como um processo inacabado, dinâmico e incompleto, que se encontra condicionado pelos ensinamentos, padrões de pensamento e ação que lhe foram transmitidos na infância. O indivíduo assimilou esses conhecimentos através de uma bricolage, de uma auto e heteroconstrução, e não mediante um processo químico que torna possível a sua determinação. Neste sentido, a autora Marie Josso (2002) refere que, é necessário abordar as histórias de vida como uma (auto)reflexão e (auto)formação.

Nos tempos que correm, os indivíduos vivem cada vez mais numa era de mundialização, caracterizada pela sua aceleração e agitação, e como tal, o autor Amin Maalouf (2002) convida as pessoas a interpretarem a noção de identidade através de uma diferente perspetiva, que possibilita aos indivíduos a aceitação de várias pertenças, sem que seja exigida a escolha entre o integrismo e a desintegração, a afirmação excessiva e a perda de identidade. Vieira (2009) acrescenta que, a identidade encontra-se em constante construção e reconstrução, mediante as experiências e interações de cada indivíduo, e por isso, o seu conceito não poderá ter uma definição exata, concreta e linear.

Ricardo Vieira (2009) explica que a diferença identitária não carece da diferença cultural, uma vez que, a identidade constrói-se através das interações e trocas sociais, e, como tal, registam-se diversas identidades dentro da mesma cultura. Todavia, os elementos que constituem a identidade do indivíduo inserem-no numa categoria social, que pode ser valorizada ou estigmatizada, dependente do contexto. Quando os indivíduos sentem que um dos elementos da sua identidade se encontra ameaçado, esforçam-se para o defender e, conseqüentemente, acabam por se reconhecer apenas nesse elemento. Este autor sugere uma nova interpretação da identidade, onde se privilegie em primeiro lugar a pertença à comunidade humana, sem se esquecer ou ignorar as pertenças particulares de cada indivíduo. Contudo, os indivíduos manifestam mais as suas heranças verticais, nomeadamente dos antepassados, das tradições do povo, da comunidade religiosa, do que as suas heranças horizontais, isto é, “[...] seres

tecidos de fios de todas as cores [...]” (Vieira, 2009, p. 64). Tanto a herança vertical como a herança horizontal deveriam encontrar-se em constante diálogo.

Com o objetivo de se refletir acerca das transformações dos indivíduos, das suas metamorfoses e reconstruções identitárias, é necessário recorrer às histórias de vida (Vieira, 1999). Assim, Vieira (2009) realça a importância das entrevistas etnobiográficas, que possibilitam a recolha de informação acerca do outro e contribuem para a formação do indivíduo, uma vez que, o mesmo “[...] *accede reflexivamente a dimensões não racionalizadas anteriormente*” (p. 66). O autor enfatiza ainda que, as identidades pessoais encontram-se em constante transformação, e por isso, são necessárias metodologias que incentivem as mudanças nas percepções dos indivíduos acerca da diversidade cultural. Neste sentido, as histórias de vida podem ser utilizadas para compreender as identidades pessoais e para promover a autoformação.

As histórias de vida são compreendidas como processos históricos, e não apenas como um simples passado. Deste modo, a vida individual e social encontra-se numa construção e reconstrução permanente. Freire (1974), mencionado por Vieira (2009) esclarece que, as experiências passadas dos indivíduos permitem-lhes conhecer o que conhecem na atualidade. Além disso, o autor refere que é possível os indivíduos compreenderem a realidade se descobrirem o motivo de serem como são.

INTERVENÇÃO SOCIAL E MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E INTRAPESSOAL

O desenvolvimento, a construção e (re)construção identitária de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados ocorre mediante múltiplos processos intrínsecos e relacionais. Atendendo à multiculturalidade destes sujeitos, as transformações vivenciadas pelos mesmos são provenientes de dois tipos de mediações, nomeadamente as mediações internas, que se denominam de intrapessoais, e as externas, que se denominam de interculturais (Costa, Vieira & Santos, 2018).

De acordo com Costa, Vieira e Santos (2018), o desenvolvimento e construção das identidades dos indivíduos decorre mediante os processos de socialização, que se caracterizam como interativos e multidirecionais. Estes processos “[...] *não transmitem*

apenas valores, normas e regras, nem são apenas resultados de aprendizagens formais, mas, antes, produto de uma construção lenta e gradual” (p. 212). Neste sentido, a construção identitária não pode ser considerada simplesmente uma imposição social, dado que *“a socialização não é mais que um processo de identificação e construção identitária de pertença e de relação com os outros”* (p. 212).

Em conformidade com Vieira (2009), o social demonstra ter uma grande influência na construção identitária dos indivíduos, no entanto, existe todo um conjunto de fatores internos que também condicionam este processo, por outras palavras, quando algo é apresentado ao indivíduo, este observa o mesmo de acordo com a sua interpretação, que resulta do local onde se encontra, da sua história de vida, da sua vontade, entre outros. Deste modo, a mediação intrapessoal (Torremorell, 2008), ou seja, o diálogo entre “quem eu era” e “quem eu sou” (Vieira, 2009), decorre do social exterior, incorporado e da autoformação e reconstrução.

Em conformidade com Pinto e Vieira (2023), na literatura existe concordância acerca do peso e da relevância das perspetivas, trajetórias e narrativas pessoais e no modo como os indivíduos se relacionam consigo e com os outros na mediação, contudo é notável a falta de investigação em torno da mediação intrapessoal. Apesar disso, os autores defendem que os processos de mediação intrapessoal possibilitam um espaço, onde são priorizadas a aprendizagem e a simulação da convivência, enquadradas numa intervenção psicossocioeducativa e numa pedagogia da convivência. O mediador no processo de mediação intrapessoal *“[...] deverá guiar a pessoa para reconhecer as suas partes interiores em conflito, ajudando-a a separar as suas emoções e necessidades, das suas intenções e dos fatos”* (Pinto & Vieira, 2023, p. 154).

A mediação intrapessoal remete para os conflitos interiores das pessoas, ou seja, “decidir/não decidir”, “partir/não partir”, “fazer/não fazer”, “quem eu quero ser/quem eu sou”, e como tal, por vezes, não é necessário a intervenção de uma pessoa externa. Todavia, essa pessoa externa pode ser um mediador ou a própria pessoa a realizar esse jogo de mediação, onde sofre ou resolve os dilemas. A noção de mediação intrapessoal remete para o conflito interior e intrapessoal, isto é, não é um conflito com outra pessoa, mas antes com o próprio e as possibilidades diversas de construção de um projeto de vida. Neste sentido, o mediador quando realiza com o sujeito a avaliação das vantagens

e desvantagens das suas possibilidades encontra-se a ajudá-lo. De ressaltar que, tem de ser o sujeito a decidir e a tomar a decisão.

Paula Costa, Ricardo Vieira e Rui Santos (2018) realçam a importância da mediação enquanto ferramenta na intervenção social, referindo que atualmente a realidade social é intercultural, e como tal, não é admissível tolerar apenas o outro, sendo necessária a aceitação e compreensão das diferenças. Assim, a mediação intercultural revela-se como potencializadora na intervenção com crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, contribuindo para a comunicação intercultural, inclusão, coesão social, transformação, e humanização dos sujeitos na construção do “eu” e do “nós”. A mediação intercultural irá promover um diálogo e uma negociação que permitirá às crianças e jovens estrangeiros não acompanhados serem trânsfugas interculturais, ou seja, construir uma ponte entre as duas margens do rio, passarem de uma margem para a outra, reconhecendo que já habitaram a primeira e assumindo que são indivíduos multiculturais, mestiços e compósitos.

Qualquer sujeito, grupo, profissão, sistema e cultura pode praticar a mediação, uma vez que, esta não é propriedade exclusiva de ninguém. Deste modo, a mediação deverá de ser utilizada como uma renovada antropologia e metodologia comunicativa, ao serviço de indivíduos de qualquer meio sociocultural. Apesar da mediação estar inicialmente ligada à negociação, nos tempos que correm, assume-se como um instrumento essencial, contribuindo para o desenvolvimento social de diversos países, em especial para aqueles que apresentam uma elevada diversidade cultural. A mediação produz diálogo intercultural entre os indivíduos (Torremorrell, 2008).

Posto isto, o interventor social deverá de desempenhar as suas funções e exercer a sua profissão a partir de uma mediação empoderadora, dialogante e transformadora, independentemente da sua formação base e da sua área de trabalho (Vieira & Vieira, 2016). A mediação é um recurso que poderá ser utilizado em diferentes esferas da vida das crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, seja ao nível pessoal e/ou profissional, a fim de “[...] proporcionar oportunidades para a tomada de decisões [...], utilizando técnicas que auxiliam a comunicação no tratamento das situações concretas entre os envolvidos de forma construtiva e interativa” (Costa, Vieira, Santos, 2018, p. 214). A mediação com estas crianças e jovens representa a construção de pontes, de relações e comunicação, com base na informação e articulação. Todavia, o

mediador apesar de intervir, recomendar e oferecer sugestões, não pode sobre circunstância alguma impor ou tomar decisões (Cunha & Lopes, 2001). O mediador intercultural irá potencializar a intercompreensão, a interculturalidade e a comunicação bilateral, que pode ser interpretado como um facilitador da comunicação, e um interventor que promove a convivência e procura evitar conflitos sociais (Vieira & Vieira, 2013).

CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE VIDA E MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

O projeto de vida é considerado um direito fundamental das crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, e como tal, representa uma estratégia de intervenção, que requiere o envolvimento e participação ativa dos respetivos. Esta participação é necessária no momento da definição do projeto de vida, na sua avaliação e nos reajustes, assim como, nas decisões que influenciem diretamente a vida das crianças e jovens. A construção do projeto de vida assenta num plano de intervenção desenvolvido para cada criança e jovem (Sousinha, 2018). A mediação intercultural evidenciou ser um processo essencial para a (re)construção de projetos de vida, privilegiando a sua vertente preventiva, transformadora e educativa, ao invés de uma intervenção resolutiva ou paliativa (Matias & Vieira, 2018).

A convivência de indivíduos conduz inevitavelmente a tensões e conflitos, o que não significa que deve ser sempre interpretado como um aspeto negativo. Existe uma possibilidade de o conflito ser o impulsionador da mudança e a oportunidade de modificar hábitos. A mediação intercultural quando promove a transformação do social, de condutas ou códigos sociais, que alicerçam as novas relações entre os indivíduos, demonstra ter uma função criativa. A intervenção mediadora irá possibilitar a aprendizagem resolutiva e preventiva de conflitos, proporcionando a troca de informação entre indivíduos e culturas. Assim, a mesma baseia-se no princípio da igualdade, “[...] numa posição de igual para igual, sem hierarquias de culturas dominantes e dominadas, sem reducionismo ou permissões” (Matias & Vieira, 2018, p. 33).

Em conformidade com Ricardo Vieira (2011b), a mediação intercultural implica estar dentro e estar fora, ou seja, é necessário intervir, intercalar, compreender, assim como, assumir um distanciamento que permita observar com clareza, a fim de compreender e conhecer os diferentes sistemas culturais e as suas redes de significados. O objetivo da mediação é a criação de um terceiro lugar (Vieira, 2013), que promova pontes e ligações entre culturas, valores, conhecimento e informação, a fim de evitar conflitos dramáticos (mediação preventiva e transformadora) ou gerir conflitos existentes (mediação resolutive). Além disso, os autores Ricardo Vieira e Ana Vieira (2017) referem que a mediação também procura a autonomia dos sujeitos e grupos (empowerment).

Em contexto intercultural, a mediação assume uma vertente transformadora, uma vez que, modifica as relações entre indivíduos e culturas, tentando eliminar a cultura de conflito e confronto, implementando a cultura de consenso, que promove as ideias de paz e harmonia (Matias & Vieira, 2018). Deste modo, a mediação intercultural promove a transformação dos sujeitos, nomeadamente ao nível das atitudes, comportamentos, representações e ações, com o intuito de se alcançar um entendimento e um terceiro lugar. Este processo nem sempre acontece de forma serena, sendo possível a ocorrência de choques de culturas e interpessoais no presente e no futuro (os choques interpessoais também fazem parte dos choques culturais). Os choques culturais podem existir de formas diferentes, dependente das partes envolvidas e da sua história de vida, ou seja, pode se registar um processo mais dialogante, mediador, intercultural e transformador ou um onde as fronteiras pessoais e sociais se encontrem mais acentuadas, e onde exista uma atitude mais monocultural (Vieira & Vieira, 2017). Os indivíduos têm tendência a assumir comportamentos mais monoculturais, quando ao longo da sua vida registou-se uma estabilidade cultural e reduzidas interações com a alteridade. Por outro lado, aqueles que passaram por processos de mobilização social (ascendente ou descendente), experienciaram diversos contextos socioculturais através de processos migratórios, de processos de escolarização ou outros, são produto de metamorfoses culturais e reconstruções, e como tal, redefinem a conceção que têm de si e a que fazem transparecer ao outro (Vieira & Vieira, 2017).

A interculturalidade traduz-se na convivência entre diferenças e diferentes, que muitas vezes pode ser difícil porque as pessoas têm valores distintos, que servem de base para o pensamento e para a ação e, quando estes são muito divergentes seja na ética, religião, consumo cultural, ou práticas sociais, podem surgir choques de cultura. Assim, a

mediação intercultural é uma forma de minimizar e resolver choques de cultura. Neste sentido, a autora Pacheco (2000) refere que, os indivíduos quando chegam à sociedade de acolhimento experienciam uma fase de lua de mel, sentindo-se encantados pelo novo contexto onde se encontram inseridos. Todavia, procede-se uma fase de tensão e confronto entre os indivíduos e a sociedade de acolhimento, que se caracteriza por confrontos entre valores e costumes, isto é, o choque cultural. Nesse momento, os indivíduos não se encontram capacitados para realizar uma leitura dos códigos culturais, que são distintos dos seus, o que resulta na impossibilidade de uma previsão assertiva dos acontecimentos e das consequências para os seus atos. Posteriormente, vai-se registando uma progressiva adaptação à sociedade de acolhimento, no entanto, quando os indivíduos regressam à sociedade de origem necessitam de fazer um novo reajuste.

A este propósito, a Intercultural Contact Point (2022) da Faculdade de Engenharia - Universidade do Porto menciona que os indivíduos se encontram diante de um choque cultural quando sentem dificuldades na adaptação à cultura de acolhimento, que se distingue da sua. Apesar de representar um momento de tensão e confronto, que pode conduzir a atitudes de intolerância, ou até discriminação, este pode igualmente resultar numa assimilação, convivência e numa positiva integração dos indivíduos.

A Intercultural Contact Point (2022), em comparação com a autora Pacheco (2000), identifica algumas fases diferentes acerca do choque cultural, nomeadamente a fase da lua de mel (as diferenças da cultura de origem e de acolhimento são observadas de uma forma eufórica, romântica e idealizada), a fase da crise (período de um conjunto de problemas que se vão acumulando, os indivíduos sentem-se impacientes, desanimados, frustrados e podem sentir que as pessoas desse novo meio são indiferentes às suas dificuldades, o que provoca o descontentamento com as pessoas e o meio), a fase do ajuste (os indivíduos reconhecem as suas dificuldades na adaptação, compreensão e aceitação da cultura de acolhimento e desenvolvem a capacidade de lidar com a mesma, aceitando-a com uma atitude positiva) e a fase da aculturação (os indivíduos desenvolvem um equilíbrio na resolução dos problemas e conseguem realizar uma gestão da cultura de acolhimento). De salientar que, a fase de ajuste nem sempre acontece numa primeira abordagem, sendo necessário alguns períodos de crise e readaptação.

Natércia Pacheco (2000) elucida que, “[...] é muito frequente que a insegurança, as dificuldades com a língua, a nostalgia do país de origem e uma incapacidade de acolhimento da parte do país de destino levem a reações de choque logo à partida e que estas sejam dificilmente superadas” (p. 121). Neste sentido, os indivíduos sentem que os seus códigos culturais e redes de significado que até ao momento funcionavam como uns “óculos” que interpretavam o seu meio, e que guiavam as suas ações, são agora impotentes, para agravar a situação também sentem que não compreendem os símbolos da sociedade de acolhimento. Alguns sentimentos presentes nos indivíduos nessas alturas são: incapacidade de se relacionar; impotência; receio de ser enganado por terceiros; esgotamento; vontade em retornar ao país de origem. No que diz respeito ao país de acolhimento, diversas vezes, existe uma rejeição, sendo evidente um pessimismo e críticas permanentes (Pacheco, 2000).

É possível comparar o choque cultural e o luto, observando uma determinada semelhança entre ambos, ou seja, “[...] há uma perda de estatuto social, de referências culturais e sociais, de intimidade e cumplicidade” (Pacheco, 2000, p. 124). As reações provenientes da tensão e do confronto entre duas culturas irá variar consoante diversos aspetos, nomeadamente distanciamento cultural (cultura de origem e cultura de acolhimento), dos conhecimentos do indivíduo acerca da cultura de acolhimento, da maturidade socioafetiva do indivíduo, dos contactos e interações anteriormente estabelecidos com outras culturas, dos apoios encontrados e disponibilizados no país de acolhimento por parte dos seus conterrâneos, e do confronto entre a maior ou menor abertura do país de chegada e as características culturais mais ou menos abertas do país de partida (Pacheco, 2000).

Em suma, o projeto de vida remete para “quem eu sou” e “quem eu quero ser”, e como tal, as crianças e jovens estrangeiros não acompanhados procuram definir e construir o seu novo eu, posicionando-o entre a cultura de origem e a de acolhimento, mas separando as mesmas. Contudo, será realizada uma conciliação entre ambas e será produzida uma terceira dimensão identitária. A mediação intercultural irá fornecer ferramentas aos sujeitos que permitem a gestão dos diversos contextos culturais onde se encontram inseridos, a fim de diminuir os efeitos adversos da contínua estruturação e (re)estruturação da sua identidade pessoal e social, e consequentemente, prevenir e impedir a crise de identidade, à qual se encontram vulneráveis devido aos processos migratórios (Marques, Vieira & Vieira, 2019).

CAPÍTULO 2

ASPETOS METODOLÓGICOS: BUSCANDO A COMPREENSÃO DE JOVENS ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

Antoine de Saint-Exupéry, “O Príncipezinho”

Neste capítulo, encontra-se espelhado o quadro teórico-metodológico que apoiou esta investigação. Numa primeira instância, serão descritos os aspetos paradigmáticos, que remetem para a definição da metodologia, bem como, a descrição dos procedimentos utilizados. De seguida, será apresentada a relevância das entrevistas semiestruturadas e da escuta ativa para este estudo. Num momento posterior, no ponto “Aspetos Práticos” serão retratadas as tarefas e as ações que concretizei, que representam uma dimensão mais próxima da investigação no terreno, que se traduz na entrada no campo de estudo e no contacto com os entrevistados.

De ressaltar que, na transcrição das entrevistas aos jovens acolhidos na Casa de Acolhimento Especializado é possível encontrar alguns erros ortográficos. Contudo, estes foram escritos intencionalmente, uma vez que, na qualidade de investigadora procurei ser fiel às respostas que me foram dadas.

ASPETOS PARADIGMÁTICOS

A definição do quadro teórico-metodológico representa uma das etapas fundamentais para o desenvolvimento e concretização de qualquer investigação científica. É nesse

momento, que é definido o caminho a percorrer, bem como, os procedimentos que serão utilizados para se alcançar os objetivos previamente estipulados.

Atendendo à complexidade dos objetos de estudo das investigações na área das ciências sociais e humanas, assumi uma perspectiva compreensiva, tal como refere Wilhelm Dilthey,

[...] por um lado, as Ciências Humanas procuram compreender os factos humanos (as ideias, os valores, os projetos, a cultura), por outro, as ciências da natureza pretendem explicar, com base em hipóteses e no estudo de variáveis, os factos naturais. (Dilthey, como citado em Boavida & Amado, 2008, p. 87)

Neste sentido, implementei uma pesquisa de carácter etnográfico, colocando a ênfase na subjetividade de cada sujeito e na descoberta da sua rede de significados. O autor Peter Woods sublinha que a etnografia

[...] interessa-se pelo que fazem as pessoas, como se comportam, como interactuam. Propõe-se descobrir as suas crenças, valores, perspectivas, motivações, e o modo como tudo isso muda com o tempo ou de uma situação para outra. [...] O que conta são os seus significados e interpretações. (Woods, como citado em Amado, 2000, p. 190)

No meu caso concreto, desenvolvi uma investigação qualitativa, recorrendo ao paradigma compreensivo, de natureza biográfica. Assim, tive o cuidado de recolher dados que me permitissem a compreensão e a interpretação das complexidades das histórias de vida, gestão de identidades e construção de projetos de vida das crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, acolhidos na Casa de Acolhimento Especializado (CAE), da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré. Este paradigma apresenta uma natureza biográfica, uma vez que, procurei colocar o foco nas narrativas dos participantes e nas suas histórias de vida.

De acordo com Friedberg (1995), o cerne do paradigma compreensivo é a perceção que a realidade é construída pelos sujeitos através da sua interação com os mundos ou

contextos onde se encontram inseridos. Neste sentido, o investigador irá colocar o seu foco e interesse na compreensão dos significados que os sujeitos conferem a estes mundos, na tentativa de alcançar pontos de vista subjetivos para que consiga “[...] *reconstruir e compreender do interior a lógica própria das situações tal como ela é percebida e vivida pelos próprios interessados, com todos os dados implícitos que estes integram nas suas condutas, muitas vezes sem disso se aperceberem completamente*” (Friedberg, 1995, p. 302).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa visa estudar a complexidade dos fenómenos no seu contexto natural. Quando são utilizadas metodologias qualitativas, é priorizada a compreensão dos comportamentos dos investigados, através das interpretações que os mesmos fazem acerca desses comportamentos. O investigador, sem assumir verdades absolutas, irá em busca da compreensão profunda do quadro de referências dos sujeitos.

Na qualidade de investigadora, privilegiei uma metodologia qualitativa e intensiva, onde procurei compreender a realidade vivida pelas crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, refletir acerca das significações apreendidas pelos mesmos, compreender a sua gestão identitária e construção dos projetos de vida. Assim, considerei que esta metodologia mediante um olhar etnográfico possibilitava “[...] *quer a proximidade necessária, quer a distância intelectual indispensável à reflexão sobre diferentes perspetivas – de fora e de longe e de perto e de dentro*” (Matias & Vieira, 2018, p. 28), necessárias para compreender a construção de diferentes opções de vida. A este propósito, realizei um estudo em profundidade a três jovens acolhidos na CAE e à diretora técnica, que me permitiu debruçar-me mais intensamente e durante um espaço de tempo maior sobre cada caso.

A presente investigação adota uma perspetiva compreensiva, remetendo para os ensinamentos de Max Weber (1977), e contrariando o paradigma positivista de Émile Durkheim (2001), que busca as regularidades e leis gerais. Este estudo pretende procurar os significados que os investigados conferem aos seus comportamentos, e como tal, o foco é colocado no mundo subjetivo, nomeadamente na consciência, intuição e valores. Posto isto, não se encontram espelhadas preocupações sobre a generalização nesta investigação e, à semelhança de Max Weber, e tal como Ana Vieira,

recusamos “[...] falar de leis generalizáveis à complexidade das diversas singularidades sociais” (Vieira, 2013, p. 196).

Atendendo à preocupação em observar o outro com os seus próprios olhos, em compreender em profundidade o seu quadro de referências e o significado que atribui aos acontecimentos, esta investigação representa um estudo de caso, Stenhouse (1994) apresenta a seguinte definição para o estudo de caso:

[...] estudo em profundidade de um único caso, através da observação participante, apoiada pela entrevista; em geral, não se foca diretamente nas necessidades práticas dos atores, mas preocupa-se com as interpretações e significados que estes atribuem aos contextos em que participam e isso pode ser motor de desenvolvimento. (Stenhouse, como citado em Amado, 2014, p. 132)

De acordo com a autora Ana Vieira (2013), o estudo de caso permite desvendar uma situação específica, que diversas vezes apresenta características únicas, sendo que o investigador tem como objetivo “[...] descobrir o que há nela de mais específico [...]” (Vieira, 2013, p. 202). O estudo de caso remete para a descoberta e, por conseguinte, o conhecimento e compreensão em profundidade do “como” e do “porquê”.

Enquanto investigadora, pretendi captar o lado mais invisível dos entrevistados ou o lado que não se encontra tão à vista, e como tal, priorizei uma abordagem descritiva, interpretativa e compreensiva das suas narrativas. Além disso, procurei estar num lugar de fronteira, que se traduz no estar dentro e no estar fora dos contextos estudados (Vieira, Marques, Silva, Vieira & Margarido, 2018a). Em relação ao estar dentro e fora, o autor Telmo Caria (2003) realça que:

O «dentro e fora» é fonte de conhecimento acrescido porque provoca uma tensão e uma ambiguidade na relação social de investigação que convoca o investigador a reflectir sobre o inesperado. O investigador é um actor social que é reconhecido como competente nos «saberes-pensar de fora», mas, ao mesmo tempo, mostra ser incompetente nos «saberes-fazer de dentro». É nesta fronteira

que designaria de intercultural (entre ciência e o saber comum), que se pode construir a reflexividade da cidadania e a reflexividade que desenvolve uma ciência da ciência. (p. 13)

Neste sentido, procurei igualmente colocar-me num lugar de fronteira intercultural, onde posicionei-me nas duas margens do rio, respeitando o distanciamento necessário, a fim de ser possível a construção de um objeto científico legítimo, que não esteja simplesmente relacionado com a subjetividade e emoções dos entrevistados (Vieira, 2011b). Assim, o lugar de fronteira intercultural remete para a tradução de culturas estudadas pelo mundo científico.

No que diz respeito às técnicas de recolha de dados, recorri às entrevistas individuais semiestruturadas e aos questionários. As entrevistas realizadas aos jovens apresentavam uma natureza biográfica, remetendo para as suas histórias de vida. Relativamente aos questionários, estes apenas foram aplicados aos jovens. A técnica principal de recolha de dados foi a entrevista, e por isso, no ponto seguinte será clarificada a sua importância para a presente investigação e serão apresentados os contributos da prática da escuta ativa no desenvolvimento das mesmas.

DA METODOLOGIA: ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS E A ESCUTA ATIVA

As entrevistas individuais semiestruturadas foram a principal técnica de recolha de dados deste estudo, uma vez que permitiram a compreensão dos sujeitos e possibilitaram liberdade e flexibilidade de resposta aos entrevistados. Neste sentido, os guiões de entrevista (apêndices 3 e 4) orientaram a interação entre o entrevistador e o entrevistado.

De acordo com Amado (2014), as entrevistas contribuem de forma significativa para o entendimento dos sujeitos e para a aquisição de informações pertinentes. Bogdan e Biklen (1994) referem que as entrevistas têm como objetivo recolher dados descritivos na linguagem dos sujeitos, e, conseqüentemente, o investigador irá ter uma noção das interpretações dos sujeitos acerca dos aspetos do mundo. Todavia, Woods (1987)

privilegia a expressão “conversação”, afirmando que se enquadra melhor na natureza etnográfica pretendida nas relações entre o entrevistador e entrevistado. A entrevista é um processo livre, democrático, aberto, informal e bidirecional, que proporciona aos sujeitos um espaço onde não se sintam presos a papéis determinados e onde se consigam expressar (Woods, 1987). Vieira (2011b) acrescenta que,

As entrevistas enquanto conversa e centradas no mundo vivido pelos entrevistados, ouvindo mais que propriamente perguntando (por isso etnográficas) e, muitas vezes, colocando a ênfase na própria biografia dos sujeitos, suas trajetórias e papéis desempenhados [...] (por isso etnográficas). (p. 184)

As entrevistas semiestruturadas permitiram-me adotar um procedimento aberto-fechado, que se caracteriza pela sua vertente flexível e dirigida. Deste modo, é flexível porque me permitiu uma abertura para proceder às alterações que considere pertinentes, ou seja, explorar um novo tópico que seja introduzido durante a entrevista, alterar a sequência das questões e realizar ajustes na linguagem para que seja compreendida por todos os entrevistados. É dirigida uma vez que pressupõe o alcance dos objetivos definidos da investigação.

Apesar das entrevistas semiestruturadas serem a técnica privilegiada da recolha de informação na presente investigação, foi fundamental praticar uma escuta ativa durante a realização das entrevistas para se conseguir alcançar dados mais enriquecidos, profundos e detalhados. Segundo Oliveira-Formosinho (2013), a escuta ativa é “[...] *um processo de procura de conhecimento sobre [...] seus interesses, motivações, relações, saberes, intenções, desejos, mundos de vida [...]*” (p. 49). Assim, a escuta ativa implica a observação das ações dos sujeitos, ouvir atentamente o que os mesmos dizem e realizar um registo detalhado (Parente, 2011).

Durante as entrevistas semiestruturadas, levei a cabo observações cuidadas e intencionais e escutei cada entrevistado, a fim de alcançar o entendimento das crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, acolhidos na CAE da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré. Neste sentido, a escuta ativa possibilitou-me ouvir atentamente as histórias de vida, os percursos e os projetos de vida dos jovens entrevistados, bem

como, a explicação da diretora técnica em relação ao funcionamento da CAE e a sua caracterização. Enquanto investigadora, detinha o papel de ouvir cuidadosamente, refletir sobre essa escuta, orientar a entrevista e guiar o meu estudo.

ASPETOS PRÁTICOS

O facto de eu ser um quadro da instituição e, por conseguinte, estar dentro dos diversos contextos poderia constituir um obstáculo epistemológico ao desenvolvimento da minha investigação. Contudo, tal como refere o autor Ricardo Vieira e outros (2018b), é necessário conciliar essas distâncias entre o estar dentro e o estar fora para podermos aceder por um lado a dados mais subtis e intimistas, mas ao mesmo tempo ter um suficiente distanciamento intelectual para não fazermos dos investigados/entrevistados seus amigos, seus parentes, filhos, etc. Foi esta a atitude que procurei sempre adotar, buscando uma “*distância óptima*” (Baptista, 2005), onde não estou totalmente envolvida, não abordo uma realidade que apenas ouvi falar e na qual não emergi devidamente. Deste modo, Carvalho e Baptista (2004) realçam que, o investigador deverá de:

[...] escutar e estar atento, criando situações de encontro e de proximidade favoráveis à emergência de respostas pessoais [...]. Para isso, terá de promover relações interpessoais baseadas no princípio ético da distância óptima. Ou seja, numa distância que permita garantir a conjugação equilibrada entre racionalidade, sensibilidade e serenidade”. (p. 93)

Parafraseando o escritor José Saramago, “*é preciso sair da ilha para ver a ilha*”, e como tal, recorrendo ao princípio ético da “*distância óptima*” (Baptista, 2005) procurei estar dentro da ilha, sair da mesma, observar o seu panorama e voltar a entrar na ilha.

Num primeiro momento, tinha previsto entrevistar a diretora técnica e cinco jovens estrangeiros não acompanhados acolhidos na CAE, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, mas à medida que a investigação foi decorrendo percebi que as entrevistas em profundidade, as entrevistas como conversa tais como aquelas que eu realizei implicam

muito tempo e espaço de transcrição e análise. Assim, para poder cumprir com os dados acabei por optar por apenas apresentar a entrevista da diretora técnica e de três jovens (A, B e C)², invés daqueles que inicialmente pensei, sendo certo que como este é um estudo de caso não estamos perante uma representatividade estatística, mas antes perante uma representatividade temática. Isto mostra que efetivamente todos os projetos são inacabados e é à medida que entramos e mergulhamos no seu desenvolvimento que surgem novas ideias, tal como diz o poeta António Machado “*o caminho faz-se caminhando*”.

Na linha do que estava a dizer, devo de acrescentar que cheguei mesmo a entrevistar mais dois jovens (D e E), mas percebi que a sua transcrição e análise não iriam adicionar nada de muito novo em termos teórico-práticos. Relativamente aos jovens entrevistados, todos eles rapazes, é sabido que as histórias de vida que emergem das suas narrativas quando estão a falar com a entrevistadora resultam como diferentes, mas ao mesmo tempo como categoria social (Bourdieu, 2012), como diz Pierre Bourdieu as histórias de vida são diferentes, mas remetem sempre para uma mesma categoria e apontando para dados biográficos muito semelhantes.

Os participantes da presente investigação representam uma amostra por conveniência, onde procurei respeitar e implementar o princípio da diversificação e da saturação, tal como é mencionado por Isabel Guerra (2006), na sua obra “Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso”. Neste sentido, com os entrevistados obtive a diversidade dos jovens acolhidos, sem que existisse um número tão elevado de dados recolhidos que provocasse um desperdício de tempo e informação.

As entrevistas com os três jovens foram realizadas em diferentes dias no gabinete de trabalho da equipa técnica da CAE, sendo que uma delas foi necessário realizar em dois dias diferentes, uma vez que, o entrevistado abordava em profundidade as questões apresentadas. Atendendo aos idiomas falados e compreendidos pelos jovens, uma das entrevistas foi realizada na língua portuguesa e as restantes na língua inglesa (cf. Apêndices 9, 10 e 11).

² Optei por atribuir letras aos sujeitos que participaram nesta investigação, a fim de respeitar o anonimato, confidencialidade e privacidade dos mesmos, assim como, dos seus dados pessoais. Atendendo às questões éticas, foi respeitado o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD), que entrou em vigor no dia 25 de maio de 2018, na União Europeia.

No momento anterior ao início da entrevista, foi entregue um questionário aos jovens para que estes preenchessem de imediato. Este questionário permitiu à investigadora recolher informação pessoal dos entrevistados, nomeadamente o nome, idade, religião e agregado familiar (cf. Apêndice 5).

Foi necessário, por vezes, explicar alguns conceitos aos jovens entrevistados para que estes percebessem as perguntas, e como tal, a entrevista foi-se transformando a pouco e pouco, não só numa entrevista aberta como já estava previsto de início e em conformidade com o guião (cf. Apêndice 4), mas numa entrevista como conversa (Burgess, 1997). Neste tipo de entrevista, não há propriamente perguntas, há temas de discussão e estes vão-se misturando e ganhando forma e peso conforme a resposta e a adesão dos entrevistados. Em função da conversa com os entrevistados, a entrevistadora irá falar mais ou menos, porque o seu objetivo fundamental é a escuta ativa, é pôr o entrevistado a falar sobre aquilo que a entrevistadora coloca como objetivo de cada questão.

Por vezes, os temas de discussão não geravam conversa, e por isso, a entrevistadora teve de ir colocando perguntas aos jovens para afunilar o tema para o assunto concreto que pudesse não estar a ser compreendido num primeiro momento.

Relativamente à entrevista com a diretora técnica, esta não foi realizada toda de imediato, foi iniciada a conversa sobre alguns aspetos particulares como foi o caso da descrição da origem da CAE e a sua caracterização, a pintura de um quadro geral sobre os jovens estrangeiros não acompanhados acolhidos nesta resposta social e a importância da família no quotidiano destes jovens. Posteriormente, por razões laborais foi necessário interromper a reunião, sendo que após alguns dias, concluímos alguns dos temas que estavam a ser discutidos (cf. Apêndice 8). A entrevista decorreu no gabinete de trabalho da diretora técnica.

Foi realizada a entrevista à diretora técnica da Casa de Acolhimento Especializado, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, a fim de ser possível fazer uma breve apresentação desta resposta social, assim como da intervenção desenvolvida na mesma. Apesar dos protagonistas principais desta investigação científica serem as crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, acolhidos na CAE, e o foco deste trabalho recair sobretudo neste público-alvo, esta entrevista pretendeu oferecer um panorama mais

abrangente e enriquecedor acerca das crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, bem como, do seu acolhimento e integração nesta resposta social.

Após a realização das entrevistas, procedi à transcrição das mesmas (cf. Apêndices 8, 9, 10 e 11)³. Posteriormente, seguindo as orientações da autora Isabel Guerra (2006) analisei e elaborei as sinopses das entrevistas (cf. Apêndices 12, 13, 14 e 15), a fim de sintetizar as mesmas e clarificar quais os dados qualitativos pertinentes para a minha investigação. A análise foi realizada de forma descritiva, compreensiva e interpretativa, apoiando-se no enquadramento teórico mencionado nesta investigação.

Em conformidade com Vala (1986), a análise de conteúdo é a principal técnica de tratamento de dados quando se pretende descrever um fenómeno social. Bravo (1992) divide a análise de conteúdo em duas fases, ou seja, uma fase mais mecânica, onde se organizam os dados em unidades e se subdividem em categorias, e uma fase mais interpretativa, onde se define o significado das categorias em relação aos objetivos da investigação. Neste sentido, Goldenberg (2004) enfatiza a importância de a análise de conteúdo olhar atentamente para os tópicos considerados pertinentes para o estudo, bem como, para a importância que os entrevistados conferem aos mesmos, a linguagem, comportamentos e emoções registados durante a interação.

³ Na transcrição das entrevistas dos jovens acolhidos na Casa de Acolhimento Especializado (A, B e C) é possível encontrar alguns erros ortográficos, todavia estes foram escritos intencionalmente, na tentativa de as transcrições serem rigorosas e fiéis às respostas que os entrevistados foram dando.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS: DAS HISTÓRIAS DE VIDA DE JOVENS ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS À COMPREENSÃO DA GESTÃO IDENTITÁRIA E DAS MÚLTIPLAS PERTENÇAS

“Eu sou vários! Há multidões em mim. Na mesa de minha alma sentam-se muitos, e eu sou todos eles.”

Friedrich Nietzsche

Numa primeira instância, irei realizar a apresentação da Casa de Acolhimento Especializado (CAE) da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré e da intervenção desenvolvida na mesma. Neste sentido, será apresentada a voz da diretora técnica que nos irá guiar pela origem da CAE, as práticas implementadas e a caracterização dos jovens que passaram ou se encontram nesta resposta social (cf. Apêndice 6).

Num momento seguinte, serão apresentadas as identidades e as vozes dos três jovens estudados, onde serão abordados os seguintes tópicos: identidades dinâmicas e metamorfoses culturais; mediação intercultural e intrapessoal; família; histórias de vida; construção e (re)construção do projeto de vida (cf. Apêndice 7). Todavia, reforço que a investigação no terreno representou uma descoberta, e como tal, o meu objetivo não era “[...] verificar/ confirmar algo, mas antes de entender, de estar com, de compreender, de interpretar, de refletir sobre o observado e o auscultado [...]” (Simões & Vieira, 2018, p. 48).

APRESENTAÇÃO DA CASA DE ACOLHIMENTO ESPECIALIZADO (CAE): ENTREVISTA À DIRETORA TÉCNICA

A investigadora utilizou um guião (cf. Apêndice 3) para orientar a entrevista semiestruturada que foi feita como conversa (Burgess, 1997), para permitir o desenvolvimento e aprofundamento com base no pensamento da entrevistada e não tanto da entrevistadora (cf. Apêndice 12). A entrevista foi realizada no gabinete de trabalho da diretora técnica e teve uma duração de duas horas e quinze minutos.

A diretora técnica sublinhou ao longo da entrevista o compromisso assumido pelo Estado Português com a Comissão Europeia com vista ao acolhimento de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, “[...] Em maio de 2020, a Comissão Europeia solicitou que Portugal acolhesse 500 crianças e jovens que se encontram nos campos sobrelotados na Grécia, em situação de grave perigo e especial vulnerabilidade” (cf. Apêndice 12). Por conseguinte, foi criada a Casa de Acolhimento Especializado, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré.

Em relação à equipa da CAE, a diretora técnica referiu que a mesma “[...] é constituída pela diretora técnica, pela equipa técnica composta por uma assistente social e uma psicóloga, pela equipa educativa constituída por sete educadores e um intérprete e pela equipa de apoio constituída por três auxiliares de serviços gerais”.

A investigadora percebeu que a Confraria de Nossa Senhora da Nazaré dispõe de duas respostas subsequentes, o Apartamento de Autonomização e a Autonomia Supervisionada, tal como a diretora técnica salientou “[...] possui dois Apartamentos de Autonomização e uma equipa de Autonomia Supervisionada. O encaminhamento para as respostas subsequentes decorre da avaliação diagnóstica, do plano de intervenção e do projeto de vida de cada jovem” (cf. Apêndice 12).

A entrevistada mencionou que, a CAE “[...] destina-se ao acolhimento de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, com idade inferior a 18 anos, que entrem em território nacional desacompanhados” (cf. Apêndice 12). Esta resposta social visa o “[...] acolhimento e integração de 12 jovens em simultâneo, pelo período considerado adequado, de acordo com o interesse superior de cada jovem” (cf. Apêndice 12).

A diretora técnica referiu que, em outubro de 2020, a CAE acolheu os seus primeiros jovens. “*No período de outubro de 2020 a abril de 2024, foram acolhidos na CAE 54 jovens*” (cf. Apêndice 12). No âmbito do Programa Europeu de Recolocação Voluntária, foram acolhidos 37 jovens, tendo a maioria nacionalidade paquistanesa e afegã. A partir do mês de setembro de 2023, a CAE começou a acolher jovens provenientes dos Movimentos Não Programados, um total de 17 jovens, tendo a maioria nacionalidade gambiana. De acordo com a entrevistada, todos os jovens são do sexo masculino e “[...] possuem idades compreendidas entre os 15 e 18 anos” (cf. Apêndice 12).

A propósito do motivo de saída da CAE, a diretora técnica elucidou que “[...] a maioria dos jovens foram encaminhados para as respostas subsequentes – *Apartamento de Autonomização ou Autonomia Supervisionada, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré*” (cf. Apêndice 12). Todavia, registaram-se outras situações, como explica a diretora técnica:

Alguns dos jovens declararam após o acolhimento que eram maiores de idade, à data de admissão na CAE pelo que foram cessadas as medidas de promoção e proteção de acolhimento residencial. Neste sentido, foram celebrados protocolos de cooperação entre a Confraria de Nossa Senhora da Nazaré e o Alto Comissariado para as Migrações, através dos quais foi assegurado o acompanhamento dos jovens. (cf. Apêndice 12)

Durante a realização da entrevista, a diretora técnica pintou um quadro geral dos jovens acolhidos na CAE à data. Neste sentido, “[...] encontrava-se acolhido 1 jovem no âmbito do Programa Europeu de Recolocação Voluntária” e encontravam-se acolhidos 11 jovens provenientes dos Movimentos Não Programados. Os jovens eram do sexo masculino e eram oriundos do Paquistão, Argélia, Gâmbia, Senegal e República Democrática do Congo. No que diz respeito à faixa etária dos jovens, estes tinham “[...] idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, com maior predominância nos 17 anos de idade” (cf. Apêndice 12). A entrevistada ressaltou que, 1 jovem é cristão e 11 são muçulmanos.

Em relação à duração do acolhimento, “[...] a maioria encontra-se em acolhimento há menos de 6 meses” (cf. Apêndice 12). A diretora técnica referiu igualmente que, num

total de 12 jovens, 10 encontravam-se a frequentar a escola e nenhum exercia uma atividade profissional.

Relativamente aos motivos que conduziram os jovens a abandonar os seus países de origem, a diretora técnica destacou *“os conflitos familiares, a insegurança e por motivos económicos”* (cf. Apêndice 12). Foi igualmente salientado que os percursos dos jovens não são lineares, por outras palavras, são *“[...] marcados pela permanência em outros países, onde por vezes residiram e trabalharam. A maioria dos jovens relatam o papel dos contrabandistas, “smuggler”, que asseguraram a saída do país de origem, em rotas terrestres, marítimas e aéreas”* (cf. Apêndice 12).

No que se refere aos motivos que influenciaram os jovens a escolher Portugal para residir, a diretora técnica elucidou que *“A maioria dos jovens escolheram Portugal [...], atendendo às referências positivas que tinham de Portugal, no seu país de origem, como sendo um país democrático, acolhedor, seguro, onde terão oportunidade de estudar e trabalhar”* (cf. Apêndice 12).

No que diz respeito ao pedido de proteção internacional, *“atendendo ao curto tempo de duração do acolhimento, cerca de 6 meses, a maioria dos jovens apenas possui a Declaração Comprovativa de Apresentação do Pedido de Proteção Internacional”* (cf. Apêndice 12).

Em conformidade com a diretora técnica, a Casa de Acolhimento Especializado alicerça-se num modelo de intervenção que garante e assegura o acolhimento residencial inicial das crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, após a entrada em território português. A intervenção desenvolvida nesta resposta social:

[...] é dirigida à proteção e à efetivação dos direitos dos jovens, com o foco na intervenção terapêutica, na educação, socialização e integração dos jovens. Assenta numa intervenção multidisciplinar, articulada e integrada com as várias entidades e serviços da comunidade, nomeadamente justiça, saúde, educação, entre outros. (cf. Apêndice 12)

A diretora técnica enfatizou que a intervenção prevê a concretização de atividades que promovam a participação e a autonomia de cada jovem, assim como, a sua integração na

comunidade. Além disso, a intervenção prevê igualmente o desenvolvimento de estratégias promotoras da participação e do envolvimento dos jovens na construção e definição dos seus projetos de vida.

Segundo a entrevistada, a intervenção desenvolvida na CAE tem como finalidade

[...] a avaliação diagnóstica de cada jovem e o desenvolvimento de uma intervenção cuidada e individualizada, de modo a elaborar uma proposta conjunta de encaminhamento subsequente para cada jovem, no âmbito do seu projeto de promoção e proteção, e, de acordo com as necessidades e interesses de cada jovem. (cf. Apêndice 12)

Durante a entrevista, a diretoria técnica ressaltou que a multiculturalidade se encontra presente na CAE, e como tal, a intervenção “[...] procura desenvolver um plano individual de integração com os jovens, promovendo a sua inclusão e identidade” (cf. Apêndice 12). Neste sentido, a intervenção tem como base o respeito pelos direitos, identidade e cultura de cada jovem, e como tal, são desenvolvidas atividades de acordo com os seus interesses, cultura e religião.

A entrevistada salientou que, na Casa de Acolhimento Especializado são implementadas diferentes estratégias de mediação intercultural, indicando que “[...] as rotinas diárias e as atividades desenvolvidas são elaboradas com a colaboração e participação dos jovens, de acordo com as necessidades, interesses, cultura e religião” (cf. Apêndice 12). Foi igualmente mencionado que durante o período do Ramadão, “[...] as rotinas e horários da CAE são adaptados, de modo que os jovens realizem as suas práticas religiosas” (cf. Apêndice 12). Relativamente aos hábitos alimentares, “[...] na CAE é elaborada pelos jovens, com o apoio dos educadores, uma ementa semanal e respetiva lista de ingredientes e quantidades para a confeção das refeições. Deste modo, são confeccionados os pratos típicos do país de cada jovem” (cf. Apêndice 12). Além disso, “É igualmente promovida a integração dos jovens na comunidade, através da participação em atividades culturais e desportivas” (cf. Apêndice 12).

Quando a diretora técnica foi questionada acerca das dificuldades e obstáculos existentes na intervenção desenvolvida na CAE, a mesma referiu que “No momento de

integração, nomeadamente no momento inicial do acolhimento, uma das barreiras é o idioma de cada jovem” (cf. Apêndice 12). Contudo, frisou que a CAE possui um intérprete e que a maioria dos jovens comunica na língua inglesa. A diretora técnica mencionou igualmente que a aprendizagem da língua portuguesa é uma ferramenta essencial para a autonomização dos jovens: “[...] *permite estabelecer uma relação mais próxima entre os jovens e os adultos, possibilita o acesso aos serviços essenciais, como a saúde, educação, trabalho, aquisição de bens e serviços, fundamental para a aquisição da autonomia plena de cada jovem*” (cf. Apêndice 12).

A entrevistada enfatizou que *“A maioria dos jovens estabelece contactos regulares com os familiares”* (cf. Apêndice 12), tendo estes um peso significativo na tomada de decisões dos jovens:

A família encontra-se presente na vida dos jovens, tendo um papel importante nas suas decisões, nomeadamente no que se refere ao seu projeto de vida. A maioria dos jovens pretende trabalhar assim que atingem a maioridade, no sentido de ajudar a família através do envio de dinheiro. (cf. Apêndice 12)

Antes de passarmos ao próximo entrevistado apresento algumas ideias conclusivas sobre a entrevista realizada à diretora técnica:

1. A entrevista mostrou o historial da CAE da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré nas palavras da quem a dirige;
2. Percebemos o funcionamento da estrutura organizacional;
3. Na entrevista, a diretora técnica situa-se essencialmente na dimensão organizacional sem se posicionar pessoal e profissionalmente sobre a sua filosofia de ação;
4. Foi possível uma reflexão acerca da presença e da importância da família na vida dos jovens acolhidos na CAE.

RETALHOS DE VIDA DO ENTREVISTADO A

A entrevista foi realizada presencialmente no gabinete de trabalho da equipa técnica da CAE, tendo a duração de uma hora e um minuto. A investigadora recorreu a um guião (cf. Apêndice 4) para orientar a entrevista semiestruturada como se fosse uma conversa (Burgess, 1997), dando espaço e oportunidade para desenvolver algumas questões e aspetos alicerçados no pensamento do entrevistado (cf. Apêndice 13).

O entrevistado A é oriundo da República Democrática do Congo, tem 15 anos de idade e é cristão. O jovem residia com o seu pai, mãe e dois irmãos no seu país de origem.

O entrevistado referiu que tinha um bom relacionamento com a sua família, afirmando que tem boas memórias/recordações com os seus irmãos: *“Com os meus irmãos, muitas vezes dançávamos, colocávamos música na casa e começávamos a dançar e algumas vezes jogávamos playstation e ríamos algumas vezes juntos e só isso. Foi bom”* (cf. Apêndice 13). Contudo, o jovem reconheceu que se afastou da sua família, uma vez que, os contactos com a mesma diminuíram, identificando como causas o facto do seu pai ter um telemóvel antigo e a sua mãe não ter um telemóvel. Assim, o jovem revelou contactar com o seu tio paterno para conseguir conversar com a sua família:

Com o meu pai, eu falo com ele através de uma outra pessoa da família. Se eu quero falar com eles, vou chamar uma pessoa da família e essa pessoa vai ir até a minha casa e como mãe não é muito em casa, pai que fica muito, é por isso que eu falo muito com pai do que com a mãe. Os meus irmãos são muito pequenos e saem muito vezes para jogar, não sei, é por isso. (cf. Apêndice 13)

O entrevistado assumiu ter um bom relacionamento com os restantes membros da sua família: *“Com a minha família muito longo também tive uma boa relação”* (cf. Apêndice 13). Além disso, o jovem também reconheceu que antigamente sentia mais saudades da sua família, ou seja, *“[...] a saudade não é como no início. Agora a saudade é um pouco moderada, é um pouco normal”* (cf. Apêndice 13).

O jovem afirmou ter sido muito feliz durante o período que residiu com a sua família: *“Na minha casa, fomos muito felizes. Falamos, jogamos, quando zangamos um com o outro não foi por um longo tempo, foi alguns minutos e tudo bem. E aqui é diferente”* (cf. Apêndice 13). Por outro lado, o entrevistado referiu que, por vezes, pensa sobre o seu passado e sobre quem era: *“[...] alguns vezes me chega pensar como eu fui com os meus amigos, com a minha família [...]”* (cf. Apêndice 13).

No que se refere ao motivo pelo qual o entrevistado abandonou o seu país de origem, o mesmo mencionou que *“[...] um dos meus amigos, ele se lutava com uma pessoa e tomou um barro de ferro e [...]. Bateu na cabeça da pessoa que enfrentava. Essa pessoa fez uma hemorragia interna e acabou por morrer [...]”*. De acordo com o jovem, o seu amigo disse às autoridades que o agressor era ele.

O entrevistado reconheceu que no calor do momento não refletiu acerca das suas hipóteses e escolhas, afirmando sentir-se obrigado a fugir do país: *“[...] se eu penso na decisão que tomei, foi uma obrigação um pouco, porque não tive escolha. [...] Não foi minha decisão completa, porque os vizinhos que disseram-mo [...]”* (cf. Apêndice 13).

Relativamente ao seu percurso até Portugal, o entrevistado referiu que saiu de Kinshasa (República Democrática do Congo) e viajou para Lufu. Posteriormente, o jovem dirigiu-se para Angola, e por último para Portugal. O jovem mencionou ter viajado de autocarro e avião.

Em conformidade com o jovem, este teve ajuda de algumas pessoas durante a sua viagem, ou seja, uma amiga da sua mãe, um amigo e a sua tia, e um conhecido da respetiva tia. Contudo, confessou que teve bastante medo durante a viagem de Kinshasa até Lufu. Em contraste, sentiu-se aliviado quando chegou a território angolano. De Angola para Portugal, o jovem também não se sentiu bem, uma vez que, viajou com uma pessoa que não conhecia.

O entrevistado salientou que a decisão de reconstruir a sua vida em Portugal não foi sua: *“[...] quando foi morar lá na casa da tia do meu amigo, ela é que diz que será melhor viajar para cá, Portugal é o melhor lugar para mim”* (cf. Apêndice 13).

Durante a entrevista, o jovem afirmou que ter vindo para Portugal foi uma boa decisão. Além disso, o entrevistado tem a consciência que a aprendizagem de novos conhecimentos e o contacto com novas pessoas é algo positivo:

[...] Mas aqui, eu não odia muito, mas eu gosto um pouco. Foi uma boa decisão porque chegar aqui, conhecer muitas pessoas, muitas coisas e aprender umas coisas é uma boa decisão. Aprender as coisas novas e aprender português também, porque português talvez a língua, a língua portuguesa talvez me ajudar um dia. Foi uma boa decisão chegar aqui. Se eu não chegar aqui, não podia falar português ou aprender português. Ora chegar aqui também me ajuda no meu inglês, porque se não foi aqui, no meu país não praticava muito o inglês, porque no meu país as pessoas falam muito só francês e lingala. (cf. Apêndice 13)

Neste sentido, o entrevistado assume que a sua vinda para Portugal permitiu-lhe aprender e desenvolver a língua portuguesa e inglesa, algo que não aconteceria caso permanecesse no seu país de origem.

No que diz respeito às diferenças culturais entre o país de origem e de acolhimento, o entrevistado não considera existir uma diferença significativa entre a sua antiga vida e a nova, indicando que as tradições e a cultura nunca estiveram muito presentes no seio da sua família:

A minha família, nós não somos muito apertados culturais, tradições, tudo isso, a minha mãe não gosta muito das tradições, o meu pai também, no meu país não fazemos muito, uma grande coisa, na nossa casa só festejamos as festas do novo ano e só isso. Não há festa de aniversários, não há festa do não sei o que seja. Só isso, a minha família tradições, culturas, não sinto nada de diferença, mesmo aqui, porque mesmo a minha família não havia muita tradições e cultura na nossa casa. (cf. Apêndice 13)

No decorrer da entrevista, o jovem refletiu acerca do seu quotidiano na República Democrática do Congo e em Portugal. Deste modo, o jovem mencionou que no seu país de origem frequentava a escola, ajudava a sua mãe, jogava e convivia com os seus amigos. O jovem reconheceu que se afastou dos seus amigos que residem no seu país de origem. Enquanto em Portugal, o entrevistado frequenta a escola, estuda, utiliza o telemóvel, dorme e realiza as refeições, afirmando ocupar o seu tempo livre a ver vídeos e animes. O jovem assumiu que permanece a maior parte do seu tempo no quarto, uma vez que, os seus colegas também o fazem. Além disso, referiu não ter amigos ou um contacto de referência/ significativo neste país.

Ainda seguindo esta linha de raciocínio, o jovem faz uma comparação entre a República Democrática do Congo e Portugal, referindo que “[...] a comida do meu país é melhor do que aqui e as festas [...]”.

O jovem refletiu igualmente sobre o aumento da consciência de vida e a necessidade de definir ações para alcançar os seus objetivos em Portugal. Em contraste, quando residia na República Democrática do Congo apenas necessitava de definir objetivos:

No meu país, não pensava muito no que eu quero, só sabia que eu quero ser médico, nem como fazer para ser isso, no meu país, não é muito difícil de ir para as universidades fazer medicina, só tem de ter diploma [...]. Mas aqui, é um pouco diferente, no meu país se eu quero ser médico só tenho que pensar quero ser médico e vou fazer medicina, mas aqui se eu quero ser médico tenho que pensar que eu quero ser médico e como fazer para ser médico [...]. (cf. Apêndice 13)

No que se refere à mediação intercultural e intrapessoal, o entrevistado reconheceu que utiliza algumas estratégias para promover o seu bem-estar em Portugal, nomeadamente tenta se familiarizar com a sua nova vida, procura sentir que esta é a sua casa, assiste a vídeos da sua família e vê fotografias da sua mãe. O jovem acrescentou ainda que, “[...] eu tento conseguir a me sentir bem, a me forçar a sentir aqui é a minha casa e isso pode me ajudar a sentir bem” (cf. Apêndice 13).

Segundo o entrevistado, o mesmo sente saudades da sua vida na República Democrática do Congo quando se lembra de algo que fazia antigamente, quando ouve algo que já ouviu no seu país ou quando repara nas diferenças entre o seu país de origem e Portugal:

Algumas vezes, quando alguém está a fazer alguma coisa e me lembro, eu fazia também isso com as pessoas, tenho um pouco saudade, ou estou a falar com alguém, alguém diz alguma coisa que já escutei em algum lugar no meu país, eu penso [...]. (cf. Apêndice 13)

O jovem assumiu que quando sente saudades da sua família, assiste a vídeos da mesma, referindo “[...] *algumas vezes tento ver os vídeos da minha família a dançar e eu tenho uma gravação quando estamos a dançar. Esse vídeo me ajuda muito e é isso*” (cf. Apêndice 13). Além disso, o jovem também ouve músicas uma vez que a sua família costumava dançar, cantar e jogar.

Numa outra perspetiva, o entrevistado afirmou que a aprendizagem de novas línguas apresenta contributos positivos para a sua integração e adaptação ao país de acolhimento, enfatizando que pode vir a ajudá-lo um dia: *“Português, aprender muitas línguas pode ajudar, porque aprender inglês, saber falar inglês, francês, português e todas as línguas ajuda num lugar”* (cf. Apêndice 13).

Numa fase inicial do seu acolhimento, o jovem reconheceu que o processo de adaptação foi difícil e que se sentia mal uma vez que sentia stress, sentia-se perdido, não conseguia estabelecer contactos com a sua família e não sabia a quem deveria de expor esta situação. Por outro lado, o jovem afirmou não existir contributos positivos em partilhar aspetos da sua história de vida, que não considera bons:

As perguntas como foi a tua família, fala um pouco da tua família, como cheguei aqui, essas perguntas não é bom porque quando há uma coisa que aconteceu, uma coisa que não é bom, falar desse assunto não faz bem. É isso. Com muitas perguntas no início, não foi bom, mas agora não muita perguntas e isso que me sinto um pouco bem. (cf. Apêndice 13)

O jovem salientou que, o processo de adaptação a Portugal e à sua nova vida foi difícil, no entanto, a investigadora percebeu que tinha existido uma melhoria no seu bem-estar, visto que à data da entrevista o jovem salientou que se sente normal: *“Eu, no meu grau de felicidade, o grau das coisas para mim é muito mau, mau, normal, bom, muito bom. Para mim é normal”* (cf. Apêndice 13). O jovem reconheceu que encontrar a felicidade é uma escolha e que não se obriga a ser feliz, todavia revelou que ouve música para se sentir bem.

O jovem afirmou que irá adotar os ensinamentos que a sua família lhe transmitiu e irá tentar acostumar-se à cultura portuguesa, construindo assim uma ponte entre as duas margens do rio, a fim de conciliar a cultura de origem e de acolhimento.

Em relação à construção e (re)construção do projeto de vida, o entrevistado afirmou que num momento inicial não tinha a certeza se Portugal encontrava-se nos seus futuros planos. Contudo, à data da entrevista, o jovem pretende dar continuidade aos seus estudos e ingressar no curso superior de medicina em Portugal. O jovem mencionou igualmente que deseja permanecer em território português e apenas visitar o seu país, não tendo como objetivo regressar permanentemente ao mesmo.

Apresento algumas ideias conclusivas sobre a entrevista realizada ao jovem:

1. Apesar do entrevistado reconhecer que atualmente se encontra mais afastado da sua família, afirmou que durante o período em que residiu com a mesma era bastante feliz;
2. O jovem teve ajuda de algumas pessoas durante a sua viagem até Portugal, no entanto, esse fator não impediu que o seu percurso não fosse pautado com receios e medos;
3. O jovem afirmou não existirem diferenças culturais significativas entre o seu país de origem e de acolhimento. Contudo, realizou algumas comparações entre a sua antiga vida e a nova;
4. O entrevistado pretende permanecer em Portugal, e como tal, irá colocar a cultura de origem e de acolhimento em articulação.

RETALHOS DE VIDA DO ENTREVISTADO B

A entrevista foi realizada presencialmente no gabinete de trabalho da equipa técnica da CAE. Por motivos do quotidiano, a entrevista ocorreu em dois dias seguidos e teve a duração de duas horas e cinquenta e um minutos. A investigadora utilizou um guião (cf. Apêndice 4) que norteou a entrevista semiestruturada, que se desenvolveu como uma conversa (Burgess, 1997), a fim de promover o desenvolvimento de determinadas questões pelo entrevistado, e não tanto pela entrevistadora (cf. Apêndice 14).

O entrevistado B é proveniente da Gâmbia, tem 17 anos de idade e é muçulmano. No país de origem, o entrevistado residia com a sua mãe e a sua sobrinha. O entrevistado referiu que, tem duas irmãs e que o seu pai faleceu.

O entrevistado salientou que tem uma boa relação com a sua família, afirmando estabelecer contactos regulares com a sua mãe e irmãs: “[...] *I always speak a lot of times with my family. My mother, my sisters, yeah*” (cf. Apêndice 14).

O entrevistado mencionou ter boas memórias/recordações com a sua mãe e confessou que a sua mãe não queria que o mesmo viajasse para a Europa:

Now when I talk to her, she feel happy, yeah. When she ask me, what about Europe? Are you living? I always tell him, I'm good here. Because my mom didn't want me to away far from him. So that's why. They always ask me, so what about there? I always tell them, yeah, it's good. They will take care of us here, good. (cf. Apêndice 14)

O entrevistado frisou igualmente a importância dos conselhos parentais, a fim de se alcançar uma boa vida, ou seja, “*Because when you want to get a good life, so you need to be your parents to explain something about the world*” (cf. Apêndice 14).

No que se refere ao motivo pelo qual o entrevistado decidiu abandonar o seu país de origem, o mesmo referiu que foi devido à sua orientação sexual: “*That's the culture don't allow you to do it*”; “*I'm a Muslim*” (cf. Apêndice 14). O entrevistado afirmou

que em Portugal a homossexualidade é permitida, contudo em África a situação é distinta:

In here, when you do it, nobody will tell you about anything. You are the one who feel to do it for yourself. But in Africa, when you do it, when you know that you are doing this kind of thing, when they catch you, you will... Maybe you can go to jail or they can do something wrong with you. Yeah, that's the thing I left in Africa. Because for me, I started there. (cf. Apêndice 14)

O entrevistado frisou que a decisão de sair da Gâmbia foi sua e que não informou ninguém acerca da mesma: “[...] *it's not force*”; “[...] *because it's the time, that is the time I need to leave*”; “*I cannot tell anyone. Because I need to go alone, nobody will know about my situation*” (cf. Apêndice 14).

Relativamente ao percurso até Portugal, o entrevistado ressaltou que o mesmo não foi fácil, indicando que “*A lot of people are dying there*” (cf. Apêndice 14). O entrevistado passou por países como a Gâmbia, Senegal e Espanha para chegar a território português e viajou de autocarro e barco. Além disso, o entrevistado revelou que quando chegou a território europeu não se encontrava bem, ou seja, “[...] *the time I came to Espanha, my head was not functional*” (cf. Apêndice 14).

O jovem afirmou não desejar que as pessoas façam esta viagem, “*I cross to Europe, but I don't want anyone to come about this life. It's not easy*” (cf. Apêndice 14). O entrevistado clarificou a sua posição, referindo que a viagem de barco foi difícil, ou seja,

For the journey, it's not easy to sit at the boat. You see the people are dying. You will, maybe you will think, so next, I'm the next person. Yeah. It's difficult. Sometimes when the food is finished, yeah, it's very difficult. Maybe in, for my boat, I think not a lot of people are dying there. But some boats, people, the boat, all of the boat people are dead. [...] Because I remember some people are fighting in the boat. (cf. Apêndice 14)

Numa primeira instância, o jovem frisou que não teve a ajuda de ninguém para efetuar a viagem, no entanto, posteriormente, confessou não ter assegurado o pagamento do bilhete de barco: *“Sometimes a lot of people came from Senegal to here. They didn't pay any amount of money. Yeah. Because who have the boat, sometimes he can help”; For in Gambia to Senegal I pay money because I have little money in my pocket. So, I pay for Senegal. But Senegal to Espanha, I can't pay anything*” (cf. Apêndice 14).

Foi possível a investigadora compreender que, o entrevistado permaneceu num campo de refugiados em Espanha, *“[...] when I came to Espanha, I'm in the camp”* (cf. Apêndice 14), e que a equipa desse campo efetuou o pagamento do seu bilhete de autocarro para Portugal, *“The camp where I was, yeah. They paid me. They gave me the ticket”* (cf. Apêndice 14).

O entrevistado referiu igualmente que, em Portugal, uma pessoa ajudou-o a chegar até à AIMA: *“He tell me, okay, so I will help you to go to AIMA”* (cf. Apêndice 14). O jovem indicou que, quando chegou a esse serviço teve medo:

[...] I came to AIMA. They ask me and I tell everything I want to tell. So, that's the time they tell me, okay, you can wait here until the police will come and take you. So, that time they tell me the police will come. That time I'm afraid because I don't understand. (cf. Apêndice 14)

Durante a entrevista, o jovem refletiu acerca de algumas diferenças entre África/Gâmbia e Europa/Portugal, afirmando por diversas vezes que a vida em África não é fácil: *“So, in Africa, it's not easy to survive, but it is part of life”* (cf. Apêndice 14). Um dos cenários utilizados pelo entrevistado para ilustrar as dificuldades vivenciadas pelas pessoas em África foi:

Maybe when the rainy season is on, your house, you are safe. But when you don't have a good house in Africa, when the rainy season is starting, you need to thank God every day, to help you. Because sometimes it's not easy. When the rain is coming, in your house, they can flood your house. The water is flooding your house. (cf. Apêndice 14)

O entrevistado afirmou que nem todos os indivíduos que viajam para a Europa procuram melhores condições económicas, todavia salientou que os mesmos têm de ajudar as suas famílias, ou seja, *“Not everybody wants to come here for money. [...] Africa and Europe, the life is quite different. For sure. So, when you are here, you need to do something to help back your home”* (cf. Apêndice 14).

Segundo o entrevistado, um dos pontos divergentes entre África e Europa é o tempo de permanência em casa dos pais ou no terreno da família, isto é, em África os homens permanecem durante um período maior na casa dos pais, existindo a possibilidade de casarem e continuarem a residir no terreno da sua família. Por outro lado, quando as mulheres casam têm de sair do terreno da sua família e ir residir com o marido. Enquanto na Europa, os jovens podem trabalhar, residir sozinhos e construir uma vida:

Maybe in Europe. You can go alone and do work. Maybe when you get 18 to 20 something, you can build your life. But in Africa, you can have maybe 40. You can sleep with your mom or your dad. You don't do anything. [...] Maybe I can say boys. Maybe when you are a boy, you can stay with family in Africa, the same compound. But with girls, maybe when you have 18 to 25, you will get married and you will go out of the compound. (cf. Apêndice 14)

O entrevistado também identificou como uma diferença entre estes dois continentes, o facto de as mulheres na Europa poderem escolher se pretendem contrair matrimónio ou não: *“[...] the daughters always getting married in Africa. Maybe in Europe, you need your idea. Maybe if you want to marry, you marry. If you don't want to marry, it's your business. But in Africa, you will marry by force”* (cf. Apêndice 14).

Ainda seguindo a mesma linha de pensamento, o entrevistado salientou que, em África, casar e ter filhos é algo positivo, explicando que quando um pai tiver 40 anos de idade, o filho terá uma idade igual ou inferior a 20 anos, sendo possível o mesmo providenciar cuidados ao pai e trabalhar. Além disso, o jovem identificou como uma grande diferença entre a Europa e África, ou por outras palavras, entre a Europa e um país muçulmano, a autoridade e o poder que o homem possui no casamento, ou seja,

I think it's a big difference between Europe and Africa. Yeah. In Muslim countries. Yeah, in Muslim. When you get married, now the husband has the right to tell you anything. If you need him, to stay with him, you will go. (cf. Apêndice 14)

O entrevistado mencionou que, na Europa, as pessoas não têm muitos amigos, considerando que essa característica pode se encontrar relacionada com o estilo de vida adotado. Em comparação, o entrevistado afirmou que em África é possível ter diversos amigos:

[...] Guys come from Africa to Europe and if they come back to in Africa, they will explain it like this. In Europe, when you come from work, you need to sit in your house to cook your food and eat. You need to sleep earlier to get earlier in work at the morning time. (cf. Apêndice 14)

Por outro lado, o entrevistado referiu igualmente que em Portugal é mais fácil exercer uma profissão ou trabalhar, afirmando que

I think here is more, more easier than to do works than Africa. Because in here, you need the learn. You need the learn, the work, and you can do it. But in Africa, some people are learning about the work, but not everyone learn about the work. [...] everyone not go to about school to learn about the work in Africa. But I think here, you can learn about the work and after you can do it. (cf. Apêndice 14)

O entrevistado afirmou que, em África, as famílias estão a sofrer, no entanto, na Europa também é possível encontrar pessoas a sofrer, ou seja, “[...] *in Africa, some families are suffering. Maybe even in Europe, I see some people sleeping on the street*” (cf. Apêndice 14).

No que se concerne ao quotidiano do entrevistado no país de origem, o mesmo referiu que costumava jogar futebol, “[...] *I always go to play football*” (cf. Apêndice 14).

Além disso, o jovem começou a trabalhar na área da canalização, ou seja, “[...] *I play football. Sometimes I go... I started even plumber, I started plumber in Africa*” (cf. Apêndice 14). O entrevistado elucidou que teve de abandonar o seu percurso escolar e começar a trabalhar, a fim de ajudar a sua mãe: “*Because, at that time, I needed to do some little work to help my mom. [...] You need to pay the school fees. [...] When you don't have someone who will help you, it's difficult to do that*” (cf. Apêndice 14).

O jovem mencionou ajudar a sua mãe em casa, ou seja, “[...] *at home I help my mom*” (cf. Apêndice 14). Quando o entrevistado se encontrava em África, desejava melhores condições de vida e pretendia ajudar a sua família, isto é,

When I was in Africa, I always think to have a good life to assist my family.

Sometimes when I see my mom doing some works I feel sad. So, I always pray:

So, God give me a better life to help my mom to get the life she is now. (cf.

Apêndice 14)

No que se refere ao quotidiano do entrevistado no país de acolhimento, o mesmo afirmou que frequenta a escola e refletiu sobre algumas diferenças entre as escolas portuguesas e africanas, ou seja, “[...] *I think here school is more easier than in Africa*”; “[...] *the teachers [Portugal] are very good. Yeah, the teachers are good. They don't give you pressure...to force you to do something. [...] But in Africa school, you need to do it by force*” (cf. Apêndice 14). Além disso, o jovem afirmou que realiza atividades desportivas, “[...] *to do exercise, yeah, for my body, yeah, for my health, yeah, that's it*” (cf. Apêndice 14).

O jovem referiu que confeciona as suas refeições, salientando que a equipa da CAE tem promovido a sua autonomia:

[...] because when I stay with myself, I will do everything for myself, so that is the way the guys who is taking care of us here, explaining to us to do something, because in future, you will stay alone with yourself, nobody will help you anything, so you can do things like that, easy, but now, yeah, everything is okay

for me, because school is okay. For cooking, yeah, now I have lot of experience.

[...] I'm happy to do that, I'm happy for that, yeah. (cf. Apêndice 14)

Ao nível do relacionamento interpessoal, o entrevistado revelou que considera os colegas da CAE como família: “[...] *now we are family here*”; “*Because we are from Gambia. I think a lot of people here, they are all from Gambia. [...] Because in Gambia, when you see your fellow Gambian, yeah, you, in Europe, you feel happy*” (cf. Apêndice 14). O jovem também referiu que a equipa da CAE é boa: “[...] *now, I'm good. Yeah. Because I'm chatting with people, I'm chatting with people here. The people here, everyone is good. They don't give you pressure to do something*” (cf. Apêndice 14).

Em relação à mediação intercultural e intrapessoal, o entrevistado referiu que, por vezes, durante o período do Ramadão encontrava-se na CAE a descansar: “[...] *if you are in Ramadan, you need to relax more, yeah, what we are doing are holidays time, so that is important for us [...]*” (cf. Apêndice 14).

O entrevistado assumiu ser feliz em Portugal: “*Yeah, I feel happy, because people are good*” (cf. Apêndice 14). Além disso, o entrevistado referiu conceder valor e importância à sua nova vida, visto que não necessita de comprar géneros alimentares, realiza diariamente as suas refeições, dorme tranquilamente, frequenta a escola e recebe ajuda das pessoas. Nas palavras do jovem: “*I didn't have to buy food. Every day I eat food here. And I sleep well. They help me with something. To go to school*” (cf. Apêndice 14).

O entrevistado afirmou que o seu sonho era vir para Portugal: “[...] *I always tell you that's my dream to come here*”; “*I cannot feel I have a bad day here [...]*” (cf. Apêndice 14). O entrevistado referiu igualmente que decidiu vir para Portugal, uma vez que, tinha boas referências do país: “[...] *people from here to Africa, they always say Portugal is a beautiful country*”; “[...] *peaceful country, [...]* *Yeah, that's why I decided to come to Portugal, because that's the thing [...]*”; “[...] *that time I was in Gambia I always tell I will go to Portugal. [...] Yeah, Portugal clothes. I think it's from Cristiano Ronaldo. When I go to football, I always wear it*” (cf. Apêndice 14).

Apesar do entrevistado afirmar ser feliz em Portugal, o mesmo revelou que quando pensa sobre o passado sofre, uma vez que, a sua família apresentava dificuldades

económicas e a viagem de barco foi difícil: *“I'm suffering there for the boat. Yeah, in past years, for my family, I will tell you, my family, we don't have any rich man there”* (cf. Apêndice 14). O jovem acrescentou ainda que quando pensa no seu pai sente-se triste, ou seja, *“[...] I see that I'm thinking about my father. Yeah, I feel some cry, yeah”* (cf. Apêndice 14).

O entrevistado ressaltou a importância de planejar o futuro para se alcançar um bom emprego e, por conseguinte, existir uma melhoria das condições económicas. Neste sentido, o jovem referiu que quando alcançar esse momento deixará de pensar no passado e irá atenuar o seu sofrimento:

This is the thing you need to plan to do something, to do something work. When you have some good work and you do it and you have some kind of money, you have it, you will forget about the past because it's past already. You think about in future [...] when you achieve now something, you have what you want, you will forget about the past. So now you are in present, you need to think about my future, for my family. (cf. Apêndice 14)

O entrevistado afirmou que a aprendizagem da língua portuguesa irá promover a sua integração em Portugal, uma vez que, quando conseguir comunicar em português irá compreender melhor o que o rodeia e irá conseguir fazer mais: *“For me, I need to learn about the language here because now I'm in Portugal, so when I learn the language I understand more, I will do something more here”* (cf. Apêndice 14).

O entrevistado mencionou não possuir um grande conhecimento sobre a sua cultura de origem, e como tal, não pode falar muito sobre a mesma: *“For me in my culture, I don't say much of thing about my culture. I don't know everything about my culture. Maybe when you see people older than me maybe they can tell about more about culture [...]”* (cf. Apêndice 14). O entrevistado acrescentou ainda que se encontra em território português há pouco tempo, e por isso, não conhece bem a cultura portuguesa. Todavia, pretende articular a sua cultura de origem e a sua cultura de acolhimento, construindo assim uma ponte entre as duas margens do rio:

Even my teacher, she always explain about the culture here, the portuguese culture, but I don't know much for now. Because now is the time I am here almost 2 months here, so maybe when I am here one or two years I can know a lot of culture in here. [...] the two can work together. (cf. Apêndice 14)

No que diz respeito à construção e (re)construção do projeto de vida, o entrevistado pretende ajudar a sua mãe e a sua futura família: *“I'm here to learn something about my mother. To help her. Yeah, when I have, I will help. So, it's not easy at all”, “[...] I'm here to help to plan my life for a better life”*; *“When I have a wife, I can assist my wife and my children”* (cf. Apêndice 14). O entrevistado tinha referido anteriormente ser homossexual. Aqui assume desejar ter uma esposa. Provavelmente há um projeto de vida que passa por fugir ao estigma que recai sobre os homossexuais no seu país de origem, mas esta questão não foi explorada. Referiu igualmente que pretende permanecer em Portugal e trabalhar na área da canalização:

[...] I'm here now, yeah. I need to here, maybe in future, when I have my dream fulfilled, I can go to my country to see my mom after that and then I will come back to do my work, yeah. [...] that is my dream, I need to do something, some works to help my mom and for myself [...]. (cf. Apêndice 14)

Antes de passarmos à apresentação dos dados do último entrevistado, exponho algumas ideias conclusivas sobre a entrevista realizada ao jovem:

1. O entrevistado identificou alguns pontos divergentes entre África e Europa, realizando uma comparação com recurso a exemplos de alguns aspetos que se encontram mais vincados na sua cultura;
2. Ao longo da entrevista, o jovem demonstrou um vínculo afetivo significativo com a sua mãe, algo que o faz desejar ter melhores condições de vida no futuro;
3. A viagem do entrevistado até Portugal foi pautada por dificuldades, e por isso, o mesmo não deseja que outras pessoas façam esse percurso;
4. O entrevistado afirmou que pretende articular a sua cultura de origem e a sua cultura de acolhimento, realizando uma ponte entre as duas margens do rio.

RETALHOS DE VIDA DO ENTREVISTADO C

A entrevista foi realizada presencialmente no gabinete de trabalho da equipa técnica da CAE, tendo a duração de quarenta e nove minutos e quarenta e quatro segundos. A entrevistadora utilizou um guião (cf. Apêndice 4) para orientar a entrevista semiestruturada como se fosse uma conversa (Burgess, 1997), concedendo espaço e liberdade ao entrevistado para desenvolver algumas questões e aspetos alicerçados no seu pensamento (cf. Apêndice 15).

De acordo com o entrevistado C, o mesmo é oriundo da Gâmbia, tem 17 anos de idade e é muçulmano. No país de origem, o entrevistado residia com o seu pai, mãe, oito irmãs, um irmão, três tias paternas e dois primos. Em relação aos seus irmãos, o jovem tem duas irmãs mais velhas e os restantes são mais novos.

O entrevistado descreveu a sua relação com a sua família como sendo normal, ou seja, *“All is normal. I talk to my family. If my family need to talk to me, call me. If my father or my brother need to talk to me, he call me”* (cf. Apêndice 15). Além disso, o jovem mencionou que estabelece contactos com os seus familiares: *“My father and my mother. All. Sometimes I make a video call to see my brother, my father and my mother”* (cf. Apêndice 15).

O entrevistado partilhou com a investigadora uma memória que tem da sua mãe: *“Like, because me, my mom love me, sometimes I sit and my mom laughing [...]. Sometimes, if my mom go out, she see something beautiful, she bring for me, yeah”* (cf. Apêndice 15).

No que diz respeito ao motivo pelo qual o entrevistado decidiu abandonar o seu país de origem, o mesmo foi devido a uma questão familiar: *“[...] it's a family problem. [...] Because my family is not my house, my father's house. It's not my father's only house. Like, it's a family house. Like, big house. Yeah, yeah. Sometimes make a problem. It's not safe.”*; *“Because my father have three brother. One brother is not, is not, is not all right. Sometimes he want to kill someone, like me. Like, sometimes he do fight, like that”*; *“He come, he take faca. He say, I kill you. Then I run”* (cf. Apêndice 15).

O entrevistado afirmou que a sua família não tinha conhecimento da sua decisão em abandonar o seu país de origem, no entanto, informou um amigo seu: *“[...] I go. After*

my father and my mother know that"; *"Yeah, my friend"* (cf. Apêndice 15). O entrevistado estabelece contactos regulares com este amigo, *"[...] every week, two weeks"* (cf. Apêndice 15).

Em relação ao percurso até Portugal, o entrevistado referiu ter passado por Mali, Líbia, Itália, França e Espanha: *"Yeah, Mali. After Mali, I go to Libya. After Libya, I go to Italy, France, Spain, I come here, Portugal"* (cf. Apêndice 15). O jovem viajou de autocarro e barco.

O entrevistado revelou que durante a viagem realizou alguns trabalhos e residiu em Mali: *"I do some work in my journey, yeah. If I have money, I go to another country"*; *"Yeah, I live in Mali"* (cf. Apêndice 15). Além disso, o jovem assumiu que recebeu ajuda de terceiros ao longo do percurso:

Like, one day if my family help me, that day I don't have nothing. I have my telephone, I have telephone, I call my father, my father help me. Because I live in Mali in my friend's house. My friend, because that friend, he live in Gambia. He go to Gambia to live after. When I go to Libya, Mali, I call, I tell my friend, I live in Mali. He say, if you live in Mali, you can go and my father compound. My friend father house. (cf. Apêndice 15)

O entrevistado afirmou ter tido algumas dificuldades durante a viagem:

I have sometimes difficult, yes. But it's not like, because difficult is many. Sometimes difficult for your body or your health. But like someone, like, because some people have a problem in someone to kidnap. Like that, kidnap. But I don't have that in my journey, yeah. (cf. Apêndice 15)

O entrevistado referiu ter escolhido Portugal para construir a sua nova vida, uma vez que, *"[...] I feel Portugal is nice country. That's why I choose in Portugal. I think if I live in Portugal, I can do my life good, yeah. In, in good way"* (cf. Apêndice 15).

No que se concerne às diferenças entre o país de origem e de acolhimento, o entrevistado referiu que a gastronomia destes dois países é diferente, afirmando que:

I can eat portuguese people food, like if sometimes, like soup. I cannot... Right now, I cannot eat because I don't... But maybe I can eat soup. Because Portugal soup and Gambian soup is not the same. But I can eat maybe after, like I can eat hamburger because when I come here, hamburger is good for me. I eat hamburger. I can eat soup, I can try little, little, little, little, after I can eat. (cf. Apêndice 15)

No que diz respeito ao quotidiano do entrevistado no país de origem, o mesmo referiu que frequentava a escola, ajudava a sua mãe e jogava futebol: *“I live in Gambia, I go to school, because school is important for me, yeah. And help my mom like garden. That's why it's very important for me in my life, yeah”*; *“Every morning, I wake up at night, like 6, 7, 4. I go there to help my mom. I come home after I go to shower. Sometimes I go to play football”*; *“My friends, I go with my friends to school. After home, play football like this”* (cf. Apêndice 15).

No que se refere ao quotidiano do entrevistado no país de acolhimento, o mesmo mencionou que frequenta a escola e anda a aprender a profissão de canalizador. O entrevistado afirmou igualmente que, por vezes, confeciona as refeições e assiste a filmes: *“I go to school. Yeah, sometimes I go to work, to learn trabalho. Like this. Like I study in here. Sometimes I do cozinhar, yeah. Like this. Sometimes I look film”*; *“Plumber”*; *“I study to learn, learn like practical, practical”* (cf. Apêndice 15). Além disso, o jovem utiliza o seu telemóvel e conversa com a sua família nos seus tempos livres: *“Yeah, I take my telephone, like TikTok. Sometimes I talk to my family”* (cf. Apêndice 15).

Ao nível do relacionamento interpessoal, o entrevistado afirmou que

All. All people in here, like my friend, I like because I have Gambian people and my Congo people. That's yes. And Senegal, Senegal. [...] If I need this, I sit here

all and talk to my friends, this all. But I don't have a like friend is close to me.

(cf. Apêndice 15)

Relativamente à mediação intercultural e intrapessoal, o entrevistado referiu que confeciona refeições típicas da Gâmbia em Portugal: *“Yes, like a cook, I can cook for myself like a Gambian cook”* (cf. Apêndice 15). O entrevistado afirmou igualmente que, pretende articular a sua cultura de origem e a sua cultura de acolhimento, construindo assim uma ponte entre as duas margens do rio.

O entrevistado mencionou sentir-se bem em Portugal, considerando que pode ter uma boa vida neste país: *“[...] Good life, I feel. If I live in here, I have good life, yeah”; “Like, Portugal, I think Portugal is nice country. Yeah. I can live in here, yeah, and my family, yeah. I think that is good for me, yeah”* (cf. Apêndice 15). O entrevistado afirmou que a sua estratégia para encontrar a felicidade em Portugal é começar a trabalhar para melhorar as suas condições de vida: *“I go... I want to work, to have money, good life in here, and happiness in here, yeah”* (cf. Apêndice 15).

O entrevistado afirmou ter boas memórias da sua vida na Gâmbia: *“[...] I cannot say all like 85% is good or 80%, yeah”* (cf. Apêndice 15). Além disso, o entrevistado referiu que, por vezes, pensa sobre a sua família, no entanto, existe algumas partes da sua antiga vida que prefere não se recordar: *“Yeah. Like difficulty, like that, yeah. Because, I say, sometimes I think my family and my brother and my sister, like that. But some things, I don't think about that”* (cf. Apêndice 15).

O jovem partilhou uma memória que tem de um amigo seu:

Sometimes, I think my country, when I live in my country, my life in my country, I live in there. I think for my... When I live, I do this, I do this. Yeah. [...] And I think my friend. Because, sometimes, I go to my friend's house, compound. Sometimes, my friend come to my house to do shawarma. (cf. Apêndice 15)

O entrevistado afirmou que, por vezes, sente saudades da sua vida na Gâmbia: *“Sometimes, I miss. Yes”* (cf. Apêndice 15). Contudo, o jovem revelou igualmente que,

em algumas ocasiões quando pensa sobre o seu passado sente dor: *“Sometimes, if I think some past, I feel hurt. Yeah, yeah. It's pain. Sometimes, I think good thing for my memory, like my father, my mother, yeah”* (cf. Apêndice 15). Neste sentido, o jovem referiu que a sua estratégia para diminuir essa dor é *“If I sit for myself, I think that thing is gone. [...] I take my telephone to go TikTok. WhatsApp to talk to my family. Like this”* (cf. Apêndice 15).

Relativamente à construção e (re)construção do projeto de vida, o entrevistado referiu que pretende começar a trabalhar e permanecer em território português: *“Yes, yes. I work here, I stay here”*; *“No, I don't return in Gambia, but maybe like vacations, I can go Gambia, like, two months, one month, if I return in Portugal, yeah”* (cf. Apêndice 15).

Apresento algumas ideias conclusivas sobre a entrevista realizada ao jovem:

1. O entrevistado mantém o contacto com a sua família;
2. Durante o percurso até Portugal, o entrevistado teve de trabalhar para conseguir obter dinheiro, e conseqüentemente, prosseguir com a sua viagem;
3. O entrevistado referiu que irá articular e fazer a ligação entre a cultura de origem e de acolhimento;
4. O entrevistado considera que pode alcançar melhores condições de vida em Portugal.

CAPÍTULO 4

BIOGRAFIAS E PROJETOS DE VIDA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante”

Antoine de Saint-Exupéry

Apresento, de seguida, uma análise comparativa das trajetórias e identidades dos jovens estrangeiros não acompanhados acolhidos na CAE que participaram na presente investigação. Não pretendo focar-me simplesmente nos pontos convergentes e divergentes apresentados pelos jovens, mas antes partir das suas vozes e mostrar como realizam a sua gestão identitária, e como a mediação intercultural e intrapessoal contribui para o desenvolvimento dos seus projetos de vida. Será igualmente realizada uma análise da informação concedida pela diretora técnica, no que diz respeito às práticas de mediação intercultural implementadas na CAE e os seus contributos para o respeito pela identidade pessoal e cultural dos jovens, e para o desenvolvimento dos projetos de vida com cada um destes. Neste sentido, elaborei dois quadros de leitura (cf. Apêndices 16 e 17) que abordam, no caso dos jovens estudados, os seguintes parâmetros: histórias de vida; família; identidades dinâmicas e metamorfoses culturais; mediação intercultural e intrapessoal; construção e (re)construção do projeto de vida. No caso da diretora técnica, o quadro de análise encerra os seguintes parâmetros: mediação intercultural e intervenção social; família.

Em relação às histórias de vida, mais especificamente no país de origem, o entrevistado A referiu que frequentava a escola, ajudava a sua mãe e convivia com os seus amigos. Em comparação, o entrevistado B afirmou que jogava futebol e teve de abandonar o seu percurso escolar, a fim de começar a trabalhar e ajudar a sua mãe. O entrevistado C verbalizou que frequentava a escola, ajudava a sua mãe e jogava futebol com os seus amigos.

No país de acolhimento, o entrevistado A mencionou que frequenta a escola, permanece no seu quarto, utiliza o seu telemóvel, realiza as refeições e vê vídeos e animes. O entrevistado B afirmou que frequenta a escola, confeciona as refeições e pratica atividades desportivas. Enquanto o entrevistado C referiu que frequenta a escola, anda a aprender a profissão de canalizador, confeciona as refeições, assiste a filmes, utiliza o seu telemóvel e conversa com a sua família.

A abordagem das histórias de vida do entrevistado A, B e C permitiram a compreensão das identidades pessoais e promoveram a (auto)formação e (auto)reflexão (Josso, 2002). Uma vez que este estudo visava a reflexão das transformações dos jovens acolhidos na CAE, das suas metamorfoses e (re)construções identitárias, era imprescindível a abordagem das histórias de vida. Neste sentido, tal como refere o autor Ricardo Vieira (2009), as entrevistas etnobiográficas permitem a recolha de informação pessoal sobre o sujeito e contribuem para a formação do mesmo, visto que este irá refletir sobre dimensões que até à data não tinha racionalizado. Além disso, o conhecimento das experiências vivenciadas pelos jovens (A, B e C) permitem compreender como estes interpretam de uma determinada forma a realidade (Freire, 1974, como citado Vieira, 2009).

No que se refere à família, o entrevistado A mencionou que tinha um bom relacionamento com a mesma quando residia no seu país de origem, afirmando ter sido muito feliz durante esse período. Contudo, revelou que houve um distanciamento entre si e a sua família, e uma diminuição dos contactos com a mesma. Em contraste, o entrevistado B referiu ter uma boa relação com a sua família e estabelecer contactos regulares com a respetiva. Enquanto o entrevistado C afirmou ter uma relação normal com a sua família e estabelecer contactos com a mesma.

Relativamente às identidades dinâmicas e metamorfoses culturais, os entrevistados A, B e C abordaram questões diferentes a este respeito. Todavia, o entrevistado B foi quem mais aprofundou esta questão, utilizando diversos exemplos para ilustrar as diferenças culturais entre o continente africano e o europeu. Enquanto o entrevistado C desenvolveu este tópico de uma forma mais superficial.

O entrevistado A referiu que a aprendizagem de novas línguas e o contacto com o diferente tem contributos positivos, afirmando que a sua vinda para Portugal permitiu-

lhe adquirir e desenvolver novos conhecimentos. Contudo, mencionou não sentir uma grande diferença cultural entre o país de origem e de acolhimento, uma vez que, de acordo com o jovem, a cultura e as tradições nunca estiveram muito presentes no seio da sua família. De ressaltar que, o entrevistado A confessou ter existido uma transformação em si, visto que atualmente encontra-se mais consciencializado para a necessidade de definir ações para alcançar os seus objetivos. Em comparação, o entrevistado B revelou existir diferenças culturais significativas entre o seu país de origem e de acolhimento, identificando apenas uma semelhança, ou seja, o sofrimento das pessoas. O entrevistado B clarificou este assunto, referindo que as pessoas sofrem em África, no entanto, também já viu algumas pessoas sofrerem em Portugal, como é o caso dos sem abrigo. Enquanto isso, o entrevistado C abordou igualmente a questão das diferenças culturais, referindo que a gastronomia de África e de Portugal são diferentes.

Apesar dos três jovens terem introduzido tópicos diferentes nas suas respostas, todos demonstraram uma determinada transformação em si proveniente do contacto com um meio e pessoas diferentes. Deste modo, revelaram ter uma identidade em gerúndio (Vieira, 2009), dinâmica e em trânsito, onde existe espaço para a transformação e onde se privilegia o estar invés de ser, ou seja, invés de ser, estão, estão sendo (Silva, 2000; Vieira, 2009; Maalouf, 2005, como citado em André, 2012). Além disso, encontra-se evidenciada a capacidade de adaptação dos jovens ao diferente, espelhando desta forma uma transformação e reflexividade (Vieira, 2009 e 2011a).

Na mesma linha de pensamento, os entrevistados A, B e C também evidenciaram o fenómeno da mestiçagem, uma vez que, tal como refere Ricardo Vieira (2009), encontram-se em constante transformação e procuram novos conhecimentos e experiências. Neste sentido, como os entrevistados estão sempre em movimento é necessário a realização da mediação do familiar e do estranho (André, 2012).

No que diz respeito à mediação intercultural e intrapessoal, os entrevistados A, B e C aprofundaram de forma semelhante este tópico, afirmando que recorrem a determinadas estratégias para se sentirem bem em Portugal. Deste modo, tanto o entrevistado A como o B sublinharam a importância da aprendizagem da língua portuguesa, no entanto, o entrevistado B acrescentou ainda que esta aprendizagem irá promover a sua integração em Portugal.

O entrevistado A apresentou algumas estratégias que utiliza para se sentir bem em Portugal, nomeadamente tentando familiarizar-se com a sua nova realidade, procurando um sentimento de pertença, vendo vídeos da sua família e fotografias da sua mãe, para manter as ligações à cultura de partida. Além disso, afirmou que quando sente saudades ouve música, assiste a vídeos da sua família a dançar e vê fotografias da sua mãe. Em comparação, o entrevistado B afirmou que quando pensa no passado sofre e quando pensa no seu pai sente-se triste, mencionando que a sua estratégia para diminuir essa dor e encontrar a felicidade em Portugal é o planeamento do seu futuro, a fim de conseguir um bom trabalho e melhorar as suas condições de vida. O entrevistado C afirmou também ter estratégias para diminuir a dor que por vezes sente quando pensa no seu passado, assim o mesmo pensa que o passado se encontra no passado, utiliza a aplicação TikTok e conversa com a sua família. O entrevistado C considera que um fator promotor da sua felicidade em Portugal é o início de uma atividade profissional. Além disso, o entrevistado A afirmou que em Portugal “[...] *sinto-me normal*” (cf. Apêndice 13), o entrevistado B referiu “[...] *I feel happy* [...]” (cf. Apêndice 14) e o entrevistado C mencionou “[...] *I feel good* [...]” (cf. Apêndice 15).

O entrevistado B partilhou com a investigadora que realizou/celebrou o período do Ramadão, e o entrevistado C afirmou que confeciona refeições típicas da Gâmbia na CAE.

Os três jovens estudados (A, B e C) afirmaram que pretendem articular a sua cultura de origem e de acolhimento, construindo assim uma ponte entre as “duas margens do rio”: “[...] *vou adotar a meu indicação, mas como não escapar, não sair das indicações tudo me acostumar as culturas daqui*” (cf. Apêndice 13); “[...] *to connect it together I think more easier* [...]” (cf. Apêndice 14); “[...] *All, like Gambian and Portuguese culture, to do all*” (cf. Apêndice 15). A este propósito, o autor Ricardo Vieira (2009) introduz o conceito *trânsfuga intercultural*, que remete para os sujeitos que constroem pontes entre as culturas que os definem e atravessam, ou seja, entre as duas margens do rio, a de origem e de chegada. O *trânsfuga intercultural* recusa negar ou substituir a cultura de origem, concedendo uma nova forma e interpretação à mesma. Assim, estes jovens (A, B e C) revelaram ser *trânsfugas interculturais*, uma vez que, assumem ter uma identidade pessoal e cultural mestiça, e não procuram fingir que nunca pertenceram à cultura de origem ou que não conhecem mais nenhuma sem ser a cultura de acolhimento. Durante as entrevistas, foi possível compreender que tal como os

trânsfugas interculturais os jovens chegaram à segunda margem do rio, mas admitem que estiveram na primeira.

Ao longo das entrevistas, os jovens partilharam algumas memórias/recordações com a investigadora, e, tal como o autor Gilberto Velho (1994) referiu, a memória irá permitir aos jovens realizarem uma interpretação organizada do seu trajeto de vida. Assim sendo, o projeto de vida é a antecipação do trajeto e da biografia dos jovens, onde serão definidos os objetivos e os meios para se alcançar um determinado fim.

Em relação à construção e (re)construção do projeto de vida, o entrevistado A mencionou que pretende dar seguimento ao seu percurso escolar e ingressar no ensino superior. O entrevistado B afirmou que pretende trabalhar na área da canalização. Enquanto o entrevistado C referiu que pretende trabalhar. Todos os entrevistados (A, B e C) afirmaram que pretendem permanecer em território português e apenas visitar o seu país de origem.

Apesar dos entrevistados A, B e C apresentarem algumas semelhanças nos seus projetos de vida, como é o caso de todos quererem permanecer em território português, também houve algumas divergentes, ou seja, a vontade de prosseguir com os estudos e o desejo de começar a trabalhar. Contudo, os entrevistados A, B e C demonstraram envolvimento e participação na definição dos seus projetos de vida. Quando os jovens abordaram a questão do projeto de vida, refletiram igualmente acerca do “quem eu sou” e “quem eu quero ser”, posicionando-se inconscientemente entre a cultura de origem e de acolhimento (Marques, Vieira & Vieira, 2019).

No que diz respeito à entrevista com a diretora técnica, ao nível da mediação intercultural e intervenção social, a mesma referiu que são desenvolvidas estratégias que promovam a participação e envolvimento dos jovens na construção do seu projeto de vida. Estas estratégias visam igualmente promover a participação, autonomia e integração dos jovens na comunidade.

A diretora técnica acrescentou ainda que, a intervenção da CAE “[...] assenta no respeito pelos direitos dos jovens, pela identidade e cultura, que se traduz no desenvolvimento de atividades que vão ao encontro dos interesses, cultura e religião de cada jovem” (cf. Apêndice 12). Além disso, as rotinas diárias e as atividades

desenvolvidas são elaboradas com a participação dos jovens, segundo as suas necessidades, interesses, cultura e religião.

A diretora técnica sublinhou a importância da aprendizagem da língua portuguesa: “[...] *permite estabelecer uma relação mais próxima entre os jovens e os adultos, possibilita o acesso aos serviços essenciais, como a saúde, educação, trabalho, aquisição de bens e serviços, fundamental para a aquisição da autonomia plena de cada jovem*” (cf. Apêndice 12).

Em relação à família, a diretora técnica mencionou que a maioria dos jovens estabelece contactos regulares com a sua família. Assim, a família encontra-se presente na vida dos jovens, desempenhando um papel de relevância na construção dos seus projetos de vida: “*A maioria dos jovens pretende trabalhar assim que atingir a maioridade, no sentido de ajudar a família através do envio de dinheiro*” (cf. Apêndice 12).

CONCLUSÃO

No mundo contemporâneo, as identidades pessoais representam cada vez menos microrepresentações de uma determinada identidade cultural e social, e como tal, as influências das sociedades na construção identitária são menos determinantes, perdendo para a reflexividade e autoformação onde o empoderamento e autonomização individuais são efetivamente possíveis (Vieira, 2009). Apesar de uma pessoa nascer num determinado local geográfico, a sua identidade não pode ser relacionada exclusivamente com a língua materna, a cultura de origem, a pertença, entre outros aspetos (Vieira, Margarido, Trindade & Silva, 2013).

Os indivíduos são diariamente influenciados pelas pessoas com quem se vão cruzando, pelos lugares onde vão passando, pelos meios onde se encontram inseridos e todos estes fatores contribuem para a sua construção e (re)construção identitária. Assim, as identidades são dinâmicas e fluidas, uma vez que, não permanecem iguais durante um longo período (Vieira, 2009; Silva, 2000; Maalouf, 2005, como citado em André, 2012).

Na presente investigação, a escuta atenta e ativa das histórias de vida dos três jovens acolhidos na CAE da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, representaram a primordial técnica de recolha de dados. Assim, foi possível compreender os diferentes modos que estes jovens utilizam para gerir as suas identificações pessoais numa trajetória complexa, ou seja, entre as margens culturais (Vieira, 2009). Os jovens entrevistados (A, B e C) demonstraram ter tido contacto com diferentes países, pessoas e culturas, o que conseqüentemente os influenciou de determinada forma. De ressaltar que, os jovens saíram do seu país de origem e viajaram até ao país de acolhimento, no entanto, é necessário compreender que não existe uma cultura migrante, cada migrante tem a sua própria cultura pessoal, que se caracteriza como mestiça, ou seja, é uma mistura da cultura de partida e da cultura de chegada. A este propósito, os autores Michel Serres (1993), Ricardo Vieira e Ana Vieira (2017), remetem para o conceito de terceiro instruído, em outros termos, os sujeitos após o contacto com novas formações e aprendizagens transformam-se e deixam de ser resultado de uma socialização primária. Neste sentido, os sujeitos passam a incluir diversas dimensões de ser e estar, onde articulam os saberes antigos e as novas alternativas culturais.

Na qualidade de investigadora, enfatizei as especificidades e singularidades de cada jovem estudado, e procurei compreender a forma como cada um realiza a gestão das suas subjetividades numa realidade que se caracteriza como distante daquela que partiram, ou seja, saíram da Gâmbia e da República Democrática do Congo e chegaram a Portugal. Contudo, os três jovens que participaram no estudo apesar de se identificarem mais com uma característica cultural de um país e com outra de outro país, todos reconheceram as múltiplas referências que os rodeiam, definem ou atravessam.

Nos casos que apresento neste estudo, a primeira margem do rio ou cultural é representada por dois países, isto é, a Gâmbia e a República Democrática do Congo, enquanto a segunda margem remete para Portugal. Deste modo, é na segunda margem do rio que os jovens reconhecem os significados da experiência migratória, bem como, constroem uma identidade dinâmica. A partir das vozes dos entrevistados A, B e C foi possível compreender e apresentar a forma como os mesmos realizam a gestão do diferente e da alteridade. Além disso, os entrevistados A, B e C também revelaram que a gestão identitária é um processo de negociação (Bauman, 2005).

Neste sentido, Laplantine e Nouss (2002) e Vieira (2009) elucidam que, a gestão identitária é um processo de aprendizagem permanente, que remete para um projeto de vida sempre inacabado. De acordo com estes autores, o sujeito vai-se transformando, reconstruindo e tornando cada vez mais mestiço.

No que se refere à mediação intrapessoal, esta possibilita um espaço que privilegia a aprendizagem e a simulação da convivência, de acordo com uma intervenção psicossocioeducativa e de uma pedagogia de convivência (Pinto & Vieira, 2023). Deste modo, os jovens entrevistados assumiram recorrer a processos de mediação intrapessoal quer para diminuir a dor que sentem quando pensam sobre o seu passado como para promover o seu bem-estar e felicidade em Portugal. Foi possível compreender que essas estratégias têm auxiliado os jovens a catalisar marcas da vida passada e a promover uma integração plural, mediadora e geradora de qualidade de vida e bem-estar.

Relativamente à mediação intercultural, esta representa uma importante ferramenta na intervenção social com os jovens estrangeiros não acompanhados, uma vez que, promove a intercompreensão, a comunicação intercultural e bilateral, a inclusão, coesão

social e transformação. Assim, as práticas de mediação intercultural desenvolvidas na CAE promovem um diálogo e uma negociação, que auxilia os jovens a construir pontes entre as suas margens culturais, a de partida e de chegada, e a reconhecerem que são indivíduos multiculturais, mestiços e compósitos (Costa, Vieira & Santos, 2018). A mediação intercultural irá promover a convivência e procurar evitar os conflitos sociais, e, como tal, é um processo de relevância para a construção e reconstrução dos projetos de vida uma vez que eleger uma vertente preventiva, transformadora e educativa (Matias & Vieira, 2018).

FONTES E BIBLIOGRAFIA

LEGISLAÇÃO

Lei n.º 67/2003. Diário da República n.º 194/2003, Série I-A de 2003-08-23.

Lei n.º 27/2008. Diário da República n.º 124/2008, Série I de 2008-06-30.

Lei n.º 147/99. Diário da República n.º 204/1999, Série I-A de 1999-09-01.

Lei n.º 147/99. PGFL: Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa / Ministério Público.

BIBLIOGRAFIA

Amado, J. (2000). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula.* Asa Editores.

Amado, J. (Coord.) (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação.* Imprensa da Universidade de Coimbra.

André, J. M. (2006). *Identidade(s), Multiculturalismo e Globalização.* Apf - Associação de Professores de Filosofia.

André, J. M. (2012). *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem: o diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião.* Palimage.

Baptista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético.* Profedições.

Bauman, Z. (2005). *Identidade.* Jorge Zahar Editor.

- Boavida, J. & Amado, J. (2008). *Ciências da Educação: Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.
- Bourdieu, P. (2012). *A miséria do mundo*. Editora Vozes.
- Bravo, C. (1992). La Metodologia Cualitativa. In Colas Bravo, M. P. & Elisman, L. B. (Ed.), *Investigación Educativa* (pp. 249-288). Ediciones Alfar.
- Burgess, R. (1997). *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Celta Editora.
- Caria, T. (Org.) (2003). *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Edições Afrontamento.
- Castles, S. (2005). *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, Lda.
- Costa, P., Vieira, R. & Santos, R. (2018). Políticas Sociais, Mediação Intercultural e Intrapessoal com Jovens Institucionalizados. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (Orgs.), *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária. Estar dentro e estar fora para mediar e intervir* (pp. 207-231). Edições Afrontamento, Lda.
- Durkheim, E. (2001). *O Suicídio – Estudo Sociológico*. Editorial Presença.
- Friedberg, E. (1995). *O Poder e a Regra: Dinâmicas de acção organizada*. Instituto Piaget.

- George, R. M. (2021). *Menores Estrangeiros não Acompanhados / Unaccompanied Minors*. In Tomás, C., Trevisan, G., Carvalho, M. J. L. & Fernandes, N. (Eds.), *Conceitos-chave em Sociologia da Infância. Perspetivas Globais / Key concepts on Sociology of Childhood. Global Perspectives* (pp.337-343). UMinho Editora.
- Gilberto, V. (1994). *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Zahar.
- Goldenberg, M. (2004). *A Arte de Pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Editora Record.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Princípia.
- Guerra, P. (2021). *Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo* (5ª edição). Almedina
- Josso, M. C. (2002). *Experiências de vida e formação*. Educa.
- Lahire, B. (2004). *O Homem Plural*. Instituto Piaget.
- Laplantine, F. & Nouss, A. (2002). *A Mestiçagem*. Instituto Piaget.
- Maalouf, A. (2002). *Identidades Assassinas*. Difel.
- Marques, J., Vieira, A. M. & Vieira, R. (2020). Imigração portuguesa, políticas sociais e mediação intercultural. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (Orgs.), *Migrações, Minorias Étnicas, Políticas Sociais e (Trans)Formações. Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 15-31). Edições Afrontamento.

- Matias, C. & Vieira, R. (2018). Vidas de Rua: A mediação na (re)construção de projetos de vida. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (Orgs.), *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária. Estar dentro e estar fora para medir e intervir* (pp. 25-43). Edições Afrontamento, Lda.
- Morin, E. (1977). *O Método: I. A Natureza da Natureza*. Publicações Europa-América.
- Oliveira, C. R. (2021). Nota da Coordenadora do OM. In Roberto, S. & Moleiro, C. (autoras), *De menor a maior: acolhimento e autonomia de vida em menores não acompanhados* (pp. 11-13). Alto Comissariado para a Migrações, I.P (ACM, I.P.).
- Oliveira, C. R. (2023). *Requerentes e Beneficiários de Proteção Internacional em Portugal: Relatório Estatístico do Asilo 2023*. Alto Comissariado para as Migrações, I.P. (ACM, I.P.).
- Oliveira-Formosinho, J. (Org.) (2013). *Modelos curriculares para a educação de infância*. Porto Editora.
- Parente, C. (2012). *Observar e escutar na creche: para aprender sobre a criança*. Universidade do Minho.
- Pereira, S. (2021). Nota de Abertura. In Roberto, S. & Moleiro, C. (autoras), *De menor a maior: acolhimento e autonomia de vida em menores não acompanhados* (p. 9). Alto Comissariado para a Migrações, I.P (ACM, I.P.).
- Pinto, P. C. Q. (2023). *A Mediação Intrapessoal através da fotografia e videografia terapêutica: Narrativas, Convivência e Mindsets*. [Dissertação de mestrado,

Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais].

Pinto, P. Q. & Vieira, R. (2023). Uma proposta de mediação intrapessoal através da fotografia e videografia terapêutica - pedagogias da convivência e mindsets. In Vieira, R., Puya, M. V. P. G., Marques, J. C., Silva, P., Vieira, A. M., Margarido, C., Matos, R. & Santos, R. (Orgs.), *Livro de Atas: XXXIV Congresso Internacional da SIPS (Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social) e 10.ª Conferência Internacional de Mediação Intercultural e Intervenção Social - "Pedagogia Social e Mediação Intercultural: Teoria e Prática na Intervenção Socioeducativa* (pp. 152-165). CICS.NOVA.IPLeiria e ESECS.Politécnico de Leiria.

Portes, A. (2006). *Estudos sobre as Migrações Contemporâneas: Transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração*. Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, Lda.

Serres, M. (1993). *O Terceiro Instruído*. Instituto Piaget.

Silva, T. (2000). *Identidade e Diferença*. Vozes.

Simões, P. & Vieira, A. (2018). Da Mediação Intercultural num GAAF. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (Orgs.), *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária. Estar dentro e estar fora para mediar e intervir* (pp. 45-60). Edições Afrontamento, Lda.

Tomás, C., Carvalho, M. J. L. & Fernandes, N. (2019). Introdução. In Tomás, C., Carvalho, M. J. L. & Fernandes, N. (Coords.), *Revista Configurações n. 23*:

Acolhimento de Crianças e Jovens (pp. 7-14). Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais - Polo da Universidade do Minho.

Torremorell, M. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto Editora.

Vala, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In Silva, A. S. & Pinto, J. M (Org.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101 – 128). Edições Afrontamento.

Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Profedições, Lda. e Jornal a Página

Vieira, R. (1999). *Histórias de Vida e Identidades: Professores e Interculturalidade*. Edições Afrontamento.

Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais - Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais*. Edições Colibri.

Vieira, R. (2011a). *Ser Igual, Ser Diferente: Encruzilhadas da Identidade*. Profedições.

Vieira, R. (2011b). *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*. CIID, Instituto Politécnico de Leiria e Edições Afrontamento, Lda.

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (Orgs.) (2016). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Edições Afrontamento.

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (Orgs.) (2018a). *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária: Estar dentro e estar fora para mediar e intervir*. Edições Afrontamento.

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A & Margarido, C. (2018b). *Concepções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Edições Afrontamento.

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A & Margarido, C. (2020). *Migrações, Minorias Étnicas, Políticas Sociais e (Trans)Formações: Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Edições Afrontamento.

Vieira, R. & Vieira, A. (2016). Mediações socioculturais: conceitos e contextos. In

Weber, M. (1977). [1904]. *Sobre a teoria das Ciências Sociais*. Ed. Presença.

Woods, P. (1987). *La escuela por dentro – La etnografía en la investigación educativa*. Paidós/M.E.C.

WEBGRAFIA

Bernardo, A. (2017). *Associação Humanitária da Barosa: Um Lar com Vida(s)* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais]. Repositório IC-Online. <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/3792>

Cunha, P. & Lopes, C. (2001). Em torno do conceito de mediação: algumas ideias de base. *Revista Antropológicas*, 5, 151-160. <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1731/1/151-160.pdf>

Delgado, P. & Gersão, E. (2018). O acolhimento de crianças e jovens no novo quadro legal. Novos discursos, novas práticas? *Análise Social*, 53 (226), 112-134. <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/22350/16456>

- Ferreira, C. (2023). *Histórias de Vida de Reclusos: o Portefólio de Aprendizagem como Compromisso e Instrumento de Transformação e (Re)construção Identitária*. [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais]. Repositório IC-Online. https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/9562/1/dissertacao_cristianaferreira_ref_ap%c3%b3s%20corre%c3%a7%c3%b5es%20formais.pdf
- Intercultural Contact Point - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (2022). *Choque Cultural*. <https://fe.up.pt/ipoint/bem-estar/individual/choque-cultural/>
- Marques, J. C., Vieira, A. & Vieira, R. (2019). Migration and Integration Processes in Portugal: The Role of Intercultural Mediation. *Humanities & Social Sciences*, 2 (12), pp. 187-205. https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/3850/1/artigo_int_2019.pdf
- Pacheco, N. A. (2000). Do Confronto de Culturas às Relações Interculturais. *Educação, Sociedade e Culturas*, 13, pp. 119-139. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14460/2/83395.pdf>
- Sousinha, M. J. B. (2018). *O Acolhimento Residencial e a Promoção do Direito à Família* [Dissertação de mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório ISMT. <https://repositorio.ismt.pt/server/api/core/bitstreams/ab815209-e2a2-433d-adcb-900703d79ca1/content>
- Vieira, A. & Vieira, R. (2013). Pedagogia Social, comunicação e mediação intercultural. *a Página da Educação*, 201 (2), n.p. <https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=561&doc=14501&mid=2>

Vieira, R. & Vieira, A. (2017). Construindo pontes e travessias: das mediações sociais à mediação intercultural. *Mediações Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal*, 5 (1), pp. 44-56.
https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/2721/1/pontes%20e%20travessias%20RV_AV2017.pdf

FONTES ORAIS

Entrevistado A – jovem acolhido na CAE da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, oriundo da República Democrática do Congo, 15 anos de idade

Entrevistado B – jovem acolhido na CAE da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, oriundo da Gâmbia, 17 anos de idade

Entrevistado C – jovem acolhido na CAE da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, oriundo da Gâmbia, 17 anos de idade

Diretora Técnica da CAE da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO NA ENTREVISTA

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A aluna, Ana Sofia Bilhastre Cascalho, do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, lecionado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, sob a orientação do Professor Doutor Ricardo Vieira, vem por este meio solicitar o seu consentimento para a realização de uma entrevista no âmbito da dissertação que se encontra a efetivar.

Salienta-se que a entrevista será utilizada exclusivamente no âmbito da presente investigação, sendo que os dados recolhidos serão tratados e divulgados de forma confidencial e anónima preservando deste modo a sua identidade.

Esta será gravada em formato áudio e poderá existir o registo de notas. Mais se esclarece que as presentes gravações serão eliminadas após o término da investigação.

Não irá usufruir de benefícios diretos em participar no presente estudo, todavia estará a contribuir para a compreensão do fenómeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Poderá desistir de participar a qualquer momento, sem que daí resulte qualquer prejuízo.

Eu, _____, compreendi a informação que me foi fornecida acerca da investigação acima mencionada, tendo-me sido dada a oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias. Por isso, declaro participar de forma livre e esclarecida na investigação.

Assinatura: _____

Data: ____ de _____ de _____

APÊNDICE 2 – CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO NO QUESTIONÁRIO, DESTINADO AOS JOVENS ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A aluna, Ana Sofia Bilhastre Cascalho, do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, lecionado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, sob a orientação do Professor Doutor Ricardo Vieira, vem por este meio solicitar o seu consentimento para a realização de um questionário no âmbito da dissertação que se encontra a efetivar.

Salienta-se que o questionário será utilizado exclusivamente no âmbito da presente investigação, sendo que os dados recolhidos serão tratados e divulgados de forma confidencial e anónima preservando deste modo a sua identidade.

Não irá usufruir de benefícios diretos em participar no presente estudo, todavia estará a contribuir para a compreensão do fenómeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Poderá desistir de participar a qualquer momento, sem que daí resulte qualquer prejuízo.

Eu, _____, compreendi a informação que me foi fornecida acerca da investigação acima mencionada, tendo-me sido dada a oportunidade de fazer perguntas que julguei necessárias. Por isso, declaro participar de forma livre e esclarecida na investigação.

Assinatura: _____

Data: ___ de _____ de _____

APÊNDICE 3 – GUIÃO DA ENTREVISTA À DIRETORA TÉCNICA DA CAE

GUIÃO DA ENTREVISTA

1. Qual o seu nome?
2. Qual o seu cargo na Casa de Acolhimento Especializado (CAE)?
3. Descreva a origem da CAE.
4. Fale sobre os jovens que podem ser acolhidos na CAE.
5. Como é constituída a equipa da CAE?
6. Caracterize os jovens estrangeiros não acompanhados que foram acolhidos na CAE.
7. Caracterize o contexto atual da CAE.
8. Qual o papel da família na integração e bem-estar dos jovens estrangeiros não acompanhados?
9. Fale da intervenção desenvolvida na CAE.
10. A equipa implementa diferentes estratégias de mediação e intervenção, com base na origem e nas necessidades de cada jovem estrangeiro não acompanhado?
11. A intervenção desenvolvida na CAE tem subjacente práticas de mediação intercultural? Se sim, quais?
12. Qual o objetivo primordial da intervenção desenvolvida na CAE?
13. Quais as principais dificuldades/obstáculos existentes na intervenção desenvolvida na CAE?
14. Quais as respostas subsequentes que os jovens estrangeiros não acompanhados podem integrar?

APÊNDICE 4 – GUIÃO DA ENTREVISTA AOS JOVENS ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS

GUIÃO DA ENTREVISTA

1. Fale da relação e da ligação que tem com a sua família.
2. Fale de como era a vida de todos os dias no seu país de origem.
3. Fale da sua decisão em abandonar o seu país de origem.
4. Descreva a sua viagem desde o país de origem até Portugal.
5. Fale dos motivos que o conduziu a escolher Portugal para construir a sua nova vida.
6. Descreva como é a vida de todos os dias no país de acolhimento.
7. Fale sobre a sua opinião sobre Portugal e como se sente neste país.
8. Fale sobre o seu país de origem, a sua antiga vida e o que era importante para si.
9. Atualmente está em Portugal, mas por vezes pode-se encontrar a pensar no seu país de origem.
Comente esta frase e aborde as suas estratégias para encontrar a felicidade em Portugal.

**APÊNDICE 5 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS JOVENS ESTRANGEIROS
NÃO ACOMPANHADOS**

QUESTIONÁRIO

1. Qual o seu nome?

2. Qual a sua nacionalidade?

3. Qual a sua idade?

4. Qual a sua religião?

5. Indique quantas pessoas residiam consigo no seu país de origem?

6. Quantas pessoas fazem parte da sua família?

APÊNDICE 6 – CATEGORIAS DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À DIRETORA TÉCNICA



**APÊNDICE 7 – CATEGORIAS DE ANÁLISE DA ENTREVISTA AOS JOVENS
ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS**



APÊNDICE 8 – TRANSIÇÃO DA ENTREVISTA À DIRETORA TÉCNICA DA CAE

Data da Entrevista: 06 e 13 de maio de 2024

Local: Gabinete de trabalho da diretora técnica da Casa de Acolhimento Especializado

[Introdução. Explicação dos objetivos da entrevista. Ambientação para uma entrevista como conversa].

Investigadora (Inv) – Qual o seu nome?

Diretora Técnica (DT) – [...]

Inv – Qual o seu cargo na Casa de Acolhimento Especializado (CAE)?

DT – Diretora Técnica

Inv – Descreva a origem da CAE.

DT – O acolhimento de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados decorre do compromisso assumido pelo Estado Português com a Grécia perante a Comissão Europeia.

Em maio de 2020, a Comissão Europeia solicitou que Portugal acolhesse 500 crianças e jovens que se encontram nos campos sobrelotados na Grécia, em situação de grave perigo e especial vulnerabilidade.

Neste sentido foram criadas cinco casas de acolhimento especializado destinadas ao acolhimento de jovens estrangeiros não acompanhados, sendo uma delas a CAE da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré.

Inv – Fale sobre os jovens que podem ser acolhidos na CAE.

DT – A Casa de Acolhimento Especializado destina-se ao acolhimento de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, com idade inferior a 18 anos, que entrem em território nacional desacompanhadas.

A CAE destina-se ao acolhimento e integração de 12 jovens em simultâneo, pelo período considerado adequado, de acordo com o interesse superior de cada jovem.

Inv – Como é constituída a equipa da CAE?

DT – A equipa da cae é constituída pela diretora técnica, pela equipa técnica composta por uma assistente social e uma psicóloga, pela equipa educativa constituída por sete educadores e um intérprete e pela equipa de apoio constituída por três auxiliares de serviços gerais.

Inv – Caracterize os jovens estrangeiros não acompanhados que foram acolhidos na CAE.

DT – A CAE recebeu os primeiros jovens em outubro de 2020.

No período de outubro de 2020 a abril de 2024, foram acolhidos na CAE 54 jovens.

Foram acolhidos no âmbito do Programa Europeu de Recolocação Voluntária 37 jovens.

A maioria dos jovens são paquistaneses e afegãos.

Decorrente dos Movimentos Não Programados, a partir do mês de setembro de 2023 foram acolhidos 17 jovens.

A maioria dos jovens são oriundos da Gâmbia.

Todos os jovens são do sexo masculino. Os jovens possuem idades compreendidas entre os 15 e 18 anos.

No que se refere ao motivo de saída da CAE, a maioria dos jovens foram encaminhados para as respostas subsequentes – Apartamento de Autonomização ou Autonomia Supervisionada, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré.

Alguns dos jovens declararam após o acolhimento que eram maiores de idade, à data de admissão na CAE pelo que foram cessadas as medidas de promoção e proteção de acolhimento residencial. Neste sentido foram celebrados protocolos de cooperação entre a Confraria de Nossa Senhora da Nazaré e o Alto Comissariado para as Migrações, através dos quais foi assegurado o acompanhamento dos jovens.

Inv – Caracterize o contexto atual da CAE.

DT – Atualmente, encontra-se acolhido 1 jovem no âmbito do Programa Europeu de Recolocação Voluntária. Decorrente de Movimentos Não Programados, encontram-se acolhidos 11 jovens.

Os jovens são oriundos do Paquistão, Argélia, Gâmbia, Senegal e República Democrática do Congo.

Os jovens são do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, com maior predominância nos 17 anos de idade.

Relativamente à situação escolar, num total de doze jovens, 10 frequentam a escola.

Atualmente nenhum jovem se encontra a trabalhar.

No que se refere à duração do acolhimento a maioria encontra-se em acolhimento há menos de 6 meses.

Em relação à religião, 1 jovem é cristão e os restantes muçulmanos.

No que se refere ao motivo da saída do país de origem, destacam-se os conflitos familiares, a insegurança e por motivos económicos.

Os percursos dos jovens não foram lineares, mas sim marcados pela permanência em outros países, onde por vezes residiram e trabalharam. A maioria dos jovens relatam o papel dos contrabandistas, “smuggler”, que asseguraram a saída do país de origem, em rotas terrestres, marítimas e aéreas.

A maioria dos jovens escolheram Portugal para residir, atendendo às referências positivas que tinham de Portugal, no seu país de origem, como sendo um país democrático, acolhedor, seguro, onde terão oportunidade de estudar e trabalhar.

No que se refere ao pedido de proteção internacional, atendendo ao curto tempo de duração do acolhimento, cerca de 6 meses, a maioria dos jovens apenas possui a Declaração Comprovativa de Apresentação do Pedido de Proteção Internacional.

Inv – Qual o papel da família na integração e bem-estar dos jovens estrangeiros não acompanhados?

DT – A maioria dos jovens estabelece contactos regulares com os familiares. A família encontra-se presente na vida dos jovens, tendo um papel importante nas suas decisões, nomeadamente no que se refere ao seu projeto de vida. A maioria dos jovens pretende trabalhar assim que atingem a maioridade, no sentido de ajudar a família através do envio de dinheiro.

Inv – Fale da intervenção desenvolvida na CAE.

DT – A Casa de Acolhimento Especializado assenta num modelo de intervenção que assegura o acolhimento residencial inicial aos jovens estrangeiros não acompanhados após a entrada em território nacional.

A intervenção na Casa de Acolhimento Especializado é dirigida à proteção e à efetivação dos direitos dos jovens, com o foco na intervenção terapêutica, na educação, socialização e integração dos jovens. Assenta numa intervenção multidisciplinar, articulada e integrada com as várias entidades e serviços da comunidade, nomeadamente justiça, saúde, educação, entre outros.

A intervenção prevê o desenvolvimento de estratégias que promovam a participação e o envolvimento do jovem na definição do seu projeto de vida, bem como a realização de atividades promotoras da participação e autonomia de cada jovem e da sua integração plena na comunidade.

Inv – A equipa implementa diferentes estratégias de mediação e intervenção, com base na origem e nas necessidades de cada jovem estrangeiro não acompanhado?

DT – Na CAE encontram-se acolhidos jovens de diversas nacionalidades. A intervenção da CAE procura desenvolver um plano individual de integração com os jovens, promovendo a sua inclusão e identidade.

A intervenção é assente no respeito pelos direitos dos jovens, pela sua identidade e cultura, que se traduz no desenvolvimento de atividades que vão ao encontro dos interesses, cultura e religião de cada jovem.

Inv – A intervenção desenvolvida na CAE tem subjacente práticas de mediação intercultural? Se sim, quais?

DT – Na CAE as rotinas diárias e as atividades desenvolvidas são elaboradas com a colaboração e participação dos jovens, de acordo com as necessidades, interesses, cultura e religião.

No período do Ramadão, as rotinas e horários da CAE são adaptados, de modo que os jovens realizem as suas práticas religiosas.

No que se refere aos hábitos alimentares, na CAE é elaborada pelos jovens, com o apoio dos educadores, uma ementa semanal e respetiva lista de ingredientes e quantidades para a confeção das refeições. Deste modo, são confeccionados os pratos típicos do país de cada jovem.

É igualmente promovida a integração dos jovens na comunidade, através da participação em atividades culturais e desportivas.

Inv – Qual o objetivo primordial da intervenção desenvolvida na CAE?

DT – A intervenção da CAE, tem como objetivo a avaliação diagnóstica de cada jovem e o desenvolvimento de uma intervenção cuidada e individualizada, de modo a elaborar uma proposta conjunta de encaminhamento subsequente para cada jovem, no âmbito do seu projeto de promoção e proteção, e, de acordo com as necessidades e interesses de cada jovem.

Inv – Quais as principais dificuldades/obstáculos existentes na intervenção desenvolvida na CAE?

DT – No processo de integração, nomeadamente no momento inicial do acolhimento, uma das barreiras é o idioma de cada jovem.

A CAE possui um intérprete que assegura a tradução da língua materna dos jovens, sendo que a maioria dos jovens comunicam na língua inglesa.

A aprendizagem da língua portuguesa torna-se crucial, permite estabelecer uma relação mais próxima entre os jovens e os adultos, possibilita o acesso aos serviços essenciais, como a saúde, educação, trabalho, aquisição de bens e serviços, fundamental para a aquisição da autonomia plena de cada jovem.

Inv – Quais as respostas subsequentes que os jovens estrangeiros não acompanhados podem integrar?

DT – A Confraria de Nossa Senhora da Nazaré possui dois Apartamentos de Autonomização e uma equipa de Autonomia Supervisionada.

O encaminhamento para as respostas subsequentes decorre da avaliação diagnóstica, do plano de intervenção e do projeto de vida de cada jovem.

[Conclusão. Agradecimento pela participação].

APÊNDICE 9 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO ENTREVISTADO A, JOVEM ACOLHIDO NA CAE

Data da Entrevista: 05 de abril de 2024

Local: Gabinete de trabalho da equipa técnica da Casa de Acolhimento Especializado

[Introdução. Explicação dos objetivos da entrevista. Ambientação para uma entrevista como conversa].

Investigadora (Inv) – Fale da relação e da ligação que tens com a sua família.

Entrevistado A (A) – Quando foi no meu país, foi uma ligação... foi uma boa ligação. Eu com o meu pai foi bom, eu com a minha mãe também, com os meus irmãos também e o meu pai foi bom, saímos algumas vezes, saímos para ver as coisas e com a minha mãe algumas vezes ajudava ela a vender, algumas vezes ajudava ela a vender as coisas, e com os meus irmãos foi bom, e ajudava ele também a estudar no seu estudo, quanto teves... quando tiveram TPC e eu estava em casa eu ajudava e ajudava também a estudar, mas não foi fácil.

Inv – E o que é que mais gostava de fazer com a sua família? Disse que tinha uma boa relação com eles, havia algo que mais gostasse de fazer com eles?

A – Com os meus irmãos, muitas vezes dançávamos, colocávamos música na casa e começávamos a dançar e algumas vezes jogávamos playstation e ríamos algumas vezes juntos e só isso. Foi bom.

Inv – E agora? Sente que ainda mantém uma boa relação com a sua família ou sente que se afastou um pouco?

A – Agora é um pouco afastada, porque não falo muito com a minha mãe e quando tento falar com ela, não teve tempo ou ela não está, e com o meu pai, mais ou menos, porque eu falo um pouco com ele e com os meus irmão não, porque eu não falo com eles, eles são muito pequenino e não tem tempo de falar com ele, por isso é que a relação é um pouco afastada.

Inv – Utilizava a internet ou eles não têm sempre acesso à internet, é por isso que não fala tanto?

A – Sim, é por isso. Ele não tem telemóvel, ele não tem telemóvel, e por isso não tem um meio de falar com eles. Se eles tinham telemóvel, talvez queira falar com ele, isso é um problema também.

Inv – Os seus irmãos não têm telemóvel e os seus pais?

A – O meu pai, ele tem um telemóvel, a minha mãe não tem um telemóvel, mas não é muito desse tempo, é um telemóvel só de touch.

Inv – De teclas? Não tem um smartphone?

A – É isso. Com o meu pai, eu falo com ele através de uma outra pessoa da família. Se eu quero falar com eles, vou chamar uma pessoa da família e essa pessoa vai ir até a minha casa e como mãe não é muito em

casa, pai que fica muito, é por isso que eu falo muito com pai do que com a mãe. Os meus irmãos são muito pequenos e saem muito vezes para jogar, não sei, é por isso.

Inv – Jogar futebol?

A – Jogar futebol, sair, jogar com as outras pessoas.

Inv – Essa pessoa da sua família, é quem?

A – Essa pessoa que falo com ele para falar com os meus família é o meu tio, é o meu tio do lado do pai. Ele que me ajuda muito.

Inv – Tinha uma boa relação com o seu tio?

A – Sim sim. Com a minha família muito longo também tive uma boa relação. Sim. Algumas vezes, íamos na família da minha mãe, porque ele não é muito grande a família da minha mãe, só eu sei o seu pai, os irmãos dele, só isso. Mas do lado do meu pai, que eu sei muitas pessoas, e quando fui muito muito pequenino costumávamos ir na casa da família da minha mãe, ficávamos aí talvez 12/13 dias e jogávamos. Foi bom, muito bom mesmo. E agora não, não íamos muito na família da minha mãe, ficávamos muito em casa do que na família da minha mãe.

Inv – Sente saudade? Da sua família, de passar tempo com a sua família... Como é que lida com essa saudade?

A – No início quando cheguei aqui, foi um pouco stressante, foi muito, tive vontade de voltar porque não conseguia me... não me conseguia adaptar aqui. Me colocar aqui foi muito um pouco difícil, foi perdido, mas agora estou bem, a saudade não é como no início. Agora a saudade é um pouco moderado, é um pouco normal.

Inv – Tem uns dias em que está melhor e outros dias que está pior. É isso?

A – É isso.

Inv – Nesses dias que em está um pouco pior, sente que de algum modo também pode vir a reencontrar uma casa aqui, como se fosse a sua casa, ou sente que terá sempre saudades do que ficou para trás? Da sua família que está no Congo?

A – Não, acho que quando eu sinto saudades, algumas vezes tento ver os vídeos da minha família a dançar e eu tenho uma gravação quando estamos a dançar. Esse vídeo me ajuda muito e é isso. Quando tenho saudade, eu tento ver a foto da minha mãe, ajuda também, e eu tento me familiarizar aqui, tento me forçar a sentir bem, porque isso me ajuda também. Me forçar a sentir que é aqui a minha casa e se eu penso assim me ajuda também, apesar de que aqui não é a minha casa, a ver os vídeos da minhas famílias, a ver foto da minha mãe me ajuda também.

Inv – Estava a dizer que tenta se forçar a pensar que aqui também é a sua casa, sente que esta casa é muito diferente da sua antiga casa ou existe pontos que são semelhantes? Como é que eu posso fazer esta

pergunta de outra forma, sente que consegue conciliar as duas casas e fazer essa gestão ou sente que são muito diferentes?

A – A casa aqui e a minha casa é diferente, porque na minha casa o ambiente o vibe foi diferente. Na minha casa, fomos muito felizes. Falamos, jogamos, quando zangamos um com o outro não foi por um longo tempo, foi alguns minutos e tudo bem. E aqui é diferente. Aqui é diferente. Na minha casa, foi diferente. Não sei como dizer, mas foi diferente.

Inv – Na sua antiga casa foi muito feliz.

A – Sim, é isso.

Inv – Agora aqui é diferente, é uma vibe diferente, uma palavra que utilizou, mas também sente que é a sua casa? Consegue conciliar ou sente que não consegue conciliar?

A – Consigo, eu tento conseguir a me sentir bem, a me forçar a sentir aqui é a minha casa e isso pode me ajudar a sentir bem.

Inv – É como se tivesse duas casas dentro de ti?

A – É isso.

Inv – Fale de como era a vida de todos os dias no seu país.

A – O meu dia a dia foi... bom, eu estudava muito longe da minha casa, pois eu acordava muito cedo. Algumas vezes acordávamos às quatro da manhã, mas ou cinco da manhã porque os carros autocarros não são... são muitos, mas a população também é muito, muito que os autocarros e devíamos acordar muito cedo para apanhar o autocarro. Se eu acordo às seis seis da manhã, é que me preparo para ir à escola, eu vou acabar às seis, o autocarro é muito muito difícil. Eu ainda estudava era muito longo e tomava vinte e dois minutos, não é grande, mas... era difícil. Se eu acordo às cinco ou às seis, eu tive que tomar dois autocarros e isso foi difícil. Mas, depois do autocarro vou à escola, algumas vezes tínhamos de acabar até as dezasseis horas, mas algumas vezes também acabamos ao meio-dia. Ok, quando acabamos ao meio-dia, eu apanho o autocarro para voltar a casa, vou ficar um pouco até doze horas minha cama, um pouco, depois a minha mãe vai-me chamar para ajudar ela a vender e vou com ela vender até as seis da noite e até as seis vendemos com ela e acabamos de vender às seis sete e acabamos de vender e fechamos as coisas até oito e retomamos em casa e vamos comer, dormir às oito e no dia seguinte a mesma coisa.

Se acabo às dezasseis horas a escola, vou voltar até casa, algumas vezes mesmo, voltava em casa às seis da noite e como voltava às seis não pode ajudar a minha mãe, ficava em casa, comer, jogar e ver televisão, se havíamos eletricidade porque não sempre e é isso.

Inv – Escolhia ajudar a sua mãe ou a sua mãe pedia ajuda?

A – Ela que pedia.

Inv – E gostava de vender? Vocês vendiam onde?

A – No mercado.

Inv – Iam a pé para o mercado?

A – Não, lá é muito longe.

Inv – Gostava de ir ao mercado?

A – Gostar não, desgostar também não. Foi ajudar só. Não gostava muito e não odiava muito também.

Inv – Fale da sua decisão em abandonar o seu país de origem.

A – Ah ok. A minha, a decisão não foi muito muito minha, porque não me preparava isso. Quando cheguei a casa, num dia, que havia os meus vizinhos muito com pânico, não sabia falar, muito desordem, se fala e outro fala e eles me avisam que será melhor que eu mude de cidade, melhor mudar de país mesmo. A decisão não foi completamente minha, porque não foi eu que decidi de eu mesmo.

Inv – Foi os seus vizinhos?

A – Que decidiram que será melhor para mim.

Inv – Mas os seus vizinhos referiram algum motivo?

A – Ah sim. Havia um motivo. O motivo foi que o meu amigo, um dos meus amigo, ele se lutava com uma pessoa e tomou um barro de ferro e bate batou bateu bateu bateu.

Inv – Bateu sim.

A – Bateu na cabeça da pessoa que enfrentava. Essa pessoa fez uma hemorragia interna e acabou por morrer e os policias apanharam o meu amigo e foi com ele numa estação de policias e ele disse que foi comigo. Depois os policias, as policias, os policias chegaram a minha casa, felizmente eu não foi lá, foi jogar nesse dia e quando voltei em casa, os meus vizinhos foi com pânico e se falar e outro falar e ele dizer-me que, o teu amigo se bateu com alguém e essa pessoa morreu, ele diz que foi contigo. E ele dizer será melhor mudar de cidade, mesmo melhor mudar de país.

Inv – Sentiu que foi obrigado a abandonar a sua casa? A sua família? Os seus amigos? Sofreu com essa decisão?

A – Quando a decisão foi, quando fomos no pânico não tivemos o tempo de refletir, de pensar bem, e nesse momento não sabia o que fazer. Mas agora, se eu penso na decisão que tomei, foi uma obrigação um pouco, porque não tive escolha. É isso. Não foi minha decisão completa, porque os vizinhos que disseram-mo e foi uma boa decisão também, mesmo se foi um pouco obrigado.

Inv – Porque também foi uma boa decisão?

A – Porque... quando nos vimos no lugar, ou gostamos ou não gostamos do lugar. Mas aqui, eu não odiar muito, mas eu gosto um pouco. Foi uma boa decisão porque chegar aqui, conhecer muitas pessoas, muitas coisas e aprender umas coisas é uma boa decisão. Aprender as coisas novas e aprender português também, porque português talvez a língua, a língua portuguesa talvez me ajudar um dia. Foi uma boa decisão chegar aqui. Se eu não chegar aqui, não podia falar português ou aprender português. Ora chegar aqui

também me ajuda no meu inglês, porque se não foi aqui, no meu país não praticava muito o inglês, porque no meu país as pessoas falam muito só francês e lingala. E chegar aqui me ajuda a mais a aprender a língua, o português e também a mais a aprender o inglês. Foi uma boa decisão.

Inv – Disse que, a língua portuguesa pode vir a ajudá-lo um dia. Em que sentido é que disse isso?

A – Português, aprender muitas línguas pode ajudar, porque aprender inglês, saber falar inglês, francês, português e todas as línguas ajuda num lugar. Como uma história no meu país, foi não se se é uma história certa ou uma invenção, mas dizem que um dia uma pessoa viajava e foi viajava de ah... cavalari cavalari. Foi viajavam muitas pessoas que têm um destino comum, foi uma viagem de carro, uma viagem de autocarro com muitas outras pessoas. Cava, não, cavalari em francês. Em francês é cavalari. É uma viagem muitas pessoas com um destino comum, eles não vão parar no caminho, mas têm um destino comum.

Inv – Então, muitas pessoas viajavam com um destino comum.

A – Foi no caminho de viagem, foi parado por polícias do outro cidade, porque no meu país agora, não sei se é até agora, é uma guerra entre o lado oeste do meu país e Luanda e as pessoas faziam viagem até desse lado e foi parado por soldados do lado de Luanda e soldados estavam falar na língua de Luanda e uma pessoa dessa viagem sabia falar a língua e quando as pessoas, os soldados estavam a matar as pessoas da viagem, essa pessoa estava a falar na língua de Luanda e um dos soldados reconhecia a língua, diz essa pessoa não vamos matar, ele sabe falar a nossa língua e talvez a língua que lhe salvou. Saber falar uma língua pode salvar uma pessoa.

Inv – Explicou como era o seu dia a dia no seu país, ia à escola, ajudava a sua mãe e ficava em casa. Também passava tempo com os seus amigos?

A – Sim, sim. Passava os tempos no sábado ou domingo. De sábado, ou a escola acabava sempre ao meio-dia, quando voltava a jogar, sábado não vendia com a minha mãe e domingo vou à igreja de manhã às seis, não como no início quando foi muito pequenino havia escola de monge, escola de domingo, é uma escola de as criancinhas para ir estudar a bíblia e tudo isso e acabávamos às nove, mais tarde nove dez e voltar jogar e mais recentemente começava a ir ao culto de domingo, quando todas as pessoas, e o culto acaba às meio-dia. Quando acaba às meio-dia, volto em casa, come e vá jogar até à tarde.

Inv – Quando diz jogar, é jogar futebol ou é outros jogos?

A – Muitos jogos.

Inv – Então, tinha o fim-de-semana, sábado e domingo. Ao sábado, a escola acabava ao meio-dia, podia utilizar a tarde para estar com os seus amigos e jogarem jogos e ao domingo, depois também do meio-dia, depois da escola e do culto, era ao meio-dia que acabava?

A – O culto acaba ao meio-dia, mas a escola de domingo acaba às dez mais tarde.

Inv – Também tinha tempo para ir jogar com os seus amigos.

A – Sim, é isso.

Inv – Ainda mantém algum tipo de relação com esses amigos?

A – Relação com os amigos... não é muito, mas um pouco sim, se falo com eles não muitas vezes, mas não é muito muito bom.

Inv – Sente saudade dessas amizades ou sente que aqui também encontrou novas amizades?

A – Para mim, uma amizade não é uma coisa simples. Aqui não tenho amigos, tenho conhecimentos. No meu país havia amigo. Para mim, ter amigo não é uma coisa fácil e ter saudade não vou dizer não ou vou dizer sim, não é uma saudade, é normal. Não tenho saudade muito deles.

Inv – Descreva a sua viagem desde o país de origem até Portugal.

A – O meu viagem foi primeiro tomei o autocarro da minha cidade até Lufu. Lufu é uma cidade que no Congo e na Angola também. Cheguei ai no Lufu do lado do Congo e depois fui na casa da amiga da minha mãe, falei com ela tudo o que se passava e ela me ajudou a entrar na Angola, no Lufu do lado de Angola. Quando cheguei do lado de Angola, chamei o meu amigo, que chegou com a sua tia e a sua tia me ajudou também. Fiquei na sua casa, alguns dias, na casa da tia do meu amigo e um dia de 28 se me lembro, 27 à noite fui aqui no Portugal. Para aqui em Portugal havia avião, aqui no Portugal, e fui para Lisboa e de Lisboa, autocarro para Nazaré.

Inv – Durante essa viagem, viajou sozinho, teve ajuda de mais alguém para além do seu amigo e da sua tia?

A – Do Congo, da minha cidade Kinshasa até Lufu, do lado do Congo foi sozinho. De Lufu, do lado de Angola, não do lado do Congo até Lufu, do lado de Angola, foi ajuda da tia da amiga da minha mãe. Em Angola, já foi na Angola, até aqui foi com alguém, mas não sei quem era, mas era uma pessoa familiar da amiga, uma pessoa familiar da tia do meu irmão. Uma pessoa que sabia.

Inv – Um familiar?

A – Não era familiar, não sei quem era, mas era uma pessoa que sabia a tia do meu amigo, do lado de Angola. Quando cheguei a Angola, chamei o meu amigo, que chegou com a sua tia, e fui na casa deles e fiquei alguns dias e a 27, uma pessoa, não antes de 27, alguns dias antes uma pessoa chegou na casa e tirou minha foto e foi com esse, que no dia 27 ele voltou em casa, essa pessoa é um amigo da tia do meu irmão, do meu amigo.

Inv – Essa pessoa é uma amiga?

A – Amigo.

Inv – Amigo da tia do seu amigo?

A – É isso.

Inv – Durante essa viagem sentiu alguma dificuldade, sentiu medo, passou por alguma necessidade, algum tipo de violência?

A – Durante que viagem?

Inv – A viagem desde o Congo até Portugal.

A – A viagem de Congo até Lufu, foi muito mau.

Inv – Pode explicar porque é que foi muito mau?

A – Porque não me sentia muito bem, foi muito frustrado, com muito medo. Não me sentia muito bem. Foi muito, não me sentia muito bem. Cheguei a Lufu, do lado do Congo, me sentia muito um pouco bem, porque fui acompanhado por uma pessoa que conhecia. Por isso, que foi um pouco normal e daqui, de Lufu, do lado do Congo, até Lufu, do lado de Angola, foi normal porque já havia uma pessoa que conhecia e quando cheguei na Angola, foi normal porque sentia já estou noutro país, nada me pode acontecer e ai do Lufu, não há avião. De Angola até aqui não foi bem, porque não me sentia bem, porque foi sozinho, foi com uma pessoa que não conhecia. Quando cheguei aqui, até aqui no início não foi bem, não me sentia muito bem, mas agora mais ou menos me sinto um pouco bem.

Inv – Quando fala que agora mais ou menos se sente um pouco bem é aqui na casa?

A – É aqui na casa.

Inv – Porque mais ou menos um pouco bem?

A – No início, não me sentia bem porque não sei como dizer. Não me sentia não me sentia muito bem, não sei como dizer, mas agora eu me sinto um pouco bem.

Quando cheguei aqui, que foi no início do tudo, porque no início de tudo, tudo é mau e não falava com ninguém da minha família quando cheguei aqui porque não havia um meio de falar com eles. Só comecei a falar com ele daqui a um pouco, daqui a um pouco e por isso não falava com ninguém, não sabia de ninguém e não sabia a quem falar. Só as perguntas que a pessoas me fizeram aqui é isso que me não me fazia sentir um pouco bem.

Inv – As perguntas que lhe faziam?

A – Sim é isso.

Inv – Pode dar um exemplo?

A – As perguntas como foi a tua família, fala um pouco da tua família, como cheguei aqui, essas perguntas não é bom porque quando há uma coisa que aconteceu, uma coisa que não é bom, falar desse assunto não faz bem. É isso. Com muitas perguntas no início, não foi bom, mas agora não muita perguntas e isso que me sinto um pouco bem.

Inv – É por isso que se sentiu um pouco bem porque já não há tantas perguntas?

A – Sim porque não há tantas perguntas.

Inv – Durante a viagem sofreu algum tipo de violência ou alguém o obrigou a fazer algo que não queria?

A – Não. A viagem foi bom, foi normal.

Inv – Como fez o percurso até Portugal?

A – Da minha cidade até Lufu, do lado do Congo, foi de autocarro. De Lufu, do lado do Congo, até Lufu, do lado de Angola, foi com autocarro, mas com a ajuda de, não sei como pagou, quem pagou, mas com a ajuda da amiga da minha mãe. E de Angola até aqui de avião.

Inv – Fale dos motivos que o conduziu a escolher Portugal para construir a sua nova vida.

A – O motivo de escolher Portugal não foi meu minha decisão também, quando foi morar lá na casa da tia do meu amigo, ela é que diz que será melhor viajar para cá, Portugal é o melhor lugar para mim.

Inv – Descreva como é a vida de todos os dias no país de acolhimento.

A – Aqui, como temos escola, acordo às oito, não, acordo às sete, apanho o autocarro às oito, vou à escola, e acaba a escola acaba às dezasseis, apanho o autocarro dezasseis dezassete e vou até aqui, às dezassete dezoito horas e venho cá, no meu quarto fica, porque fico muito no quarto e vou usar o meu telemóvel até a hora de comer, depois vamos comer e vamos estudar às dez da noite e dormir às onze, onze doze, onze.

Inv – Existe algum motivo para passar mais tempo no quarto?

A – Motivo, no meu país não acostumava sair muito de casa, ou foi na escola ou foi para vender. Sair muito não costumava, é por isso que mesmo aqui não saiu muito.

Inv – Mas tinha dito que ficava mais tempo no quarto, no seu país também ficava mais tempo no quarto quando estava em casa?

A – Não. No meu país, ficava muito em tempo em casa, mas não especificamente no quarto.

Inv – Convivia com a sua família?

A – Sim, não percebi a pergunta.

Inv – Ficava mais tempo em casa, mas andava pela casa, falava com a sua família, aqui prefere ficar no quarto?

A – No meu país, não ficava muito no quarto porque havia pessoa com quem falar, mas aqui não eu só, mas outras pessoas também ficam muito no quarto. É isso.

Inv – Como ocupa os seus tempos livres?

A – Aqui?

Inv – Sim.

A – Aqui, os tempos livres eu passo o tempo no meu telemóvel a ver os vídeos, os animés.

Inv – Sente que aqui tem alguma pessoa de referência que considera ser importante para si?

A – Uma pessoa importante aqui, não. Não tenho uma pessoa importante aqui.

Inv – Fale acerca da sua opinião sobre Portugal e como se sente neste país.

A – Aqui, Portugal, não é uma boa cidade, bom porque na escola os professores são bem simpáticos e simpáticos e em casa aqui também as pessoas não são muito mau, mesmo as regras que não gosto muitos e sabe bom, não muito bom a cidade.

Inv – Como se sente aqui?

A – Sinto-me normal.

Inv – Normal? Feliz?

A – Feliz não, mas infeliz não também. É isso.

Inv – Pode explicar um pouco melhor?

A – Eu, no meu grau de felicidade, o grau das coisas para mim é muito mau, mau, normal, bom, muito bom. Para mim é normal.

Inv – Utiliza como se fosse uma tabela de classificação e vai classificando os vários aspetos da sua vida, é isso?

A – Sim, é isso.

Inv – O seu projeto de vida passa por Portugal?

A – É assim, no início se passava e não passava, porque pensava que quando vou acabar de estudar escola irei no universidade, mas não havia muito a ideia que cidade e que país vou fazer as minhas universidades e pensava ir, ou seja, no Portugal ou França ou Colômbia, que vou muito muito, Colômbia, Estados Unidos ou Londres, mas agora eu penso que vou fazer as minhas universidades, as minhas estudos superiores no Porto, vou fazer medicina.

Inv – Depois de fazer o curso quer trabalhar em Portugal ou quer ir trabalhar para o estrangeiro?

A – Quero ficar aqui, porque vou falar, vou estudar aqui, porque estudar medicina toma muitos tempos, é certo que me vou familiarizar mais aqui do que em outro lugar, por isso é que eu vou ficar aqui.

Inv – Deseja um dia regressar e ficar a viver no Congo ou quer apenas visitar o país ou não tem a intenção de regressar?

A – Eu tenho intenção de regressar, mas é para ir visitar alguns dias e voltar.

Inv – Fale sobre o seu país de origem e a sua antiga vida... o que era importante para si.

A – Uma coisa importante... no meu país, eu costumava tocar guitarra e foi importante, gostava e é isso uma coisa importante.

Inv – Aprendeu sozinho ou alguém o ensinou?

A – Alguém me ensinou.

Inv – Tocava bem?

A – Bem não, mas não tocava mal.

Inv – Havia alguma música que preferia tocar?

A – Não.

Inv – Sente falta ou necessidade de algo que não encontra em Portugal?

A – Uma coisa que não encontre aqui, ah sim tocar guitarra.

Inv – Costuma viajar mentalmente para o seu país de origem quando sente saudades ou durante o seu dia a dia? Costuma pensar várias vezes no seu país, isso deixa-o feliz, triste? Como faz essa gestão e quais são as suas estratégias para não sofrer com isso?

A – Pensar no meu país, não é muito, mas alguns vezes me chega pensar como eu fui com os meus amigos, com a minha família, e isso, mas pensar saudades não.

Inv – São só recordações?

A – Sim recordação.

Inv – Como fica com essas recordações?

A – Algumas vezes, quando alguém está a fazer alguma coisa e me lembro, eu fazia também isso com as pessoas, tenho um pouco saudade, ou estou a falar com alguém, alguém diz alguma coisa que já escutei em algum lugar no meu país, eu penso, ou quando ando de autocarros, não, nas vias de carros, e vem algum autocarro, dos automóveis, como se passa, eu penso no meu país não foi assim, mas quando eu atravesso as ruas, no meu país não é quando atravessa não com muito cuidado, mesmo o autocarro está a vir para cá, eu espero até ele que se aproxime um pouco mais de mim para se aproximar.

[...]

Inv – Fisicamente de momento não pode regressar à sua antiga vida, contudo como faz para regressar ao passado?

A – Como na minha família, na casa, costumávamos dançar e cantar, jogar e se sentir saudade posso escutar músicas, escuto muito músicas e como costumava muito, não no início, mas quando foi na escola havia amigos que costumava ver os animes, canções de rádios, tudo isso, e uma pessoa da minha família também costuma muito ver os animes e a música. Graças a essa pessoa que eu também começar mais ver os animes, e isso nunca faço. Eu ver muitos animes, quando estou a ver um anime que tem um formato igual a um anime que já vi com ele, eu pensar esse anime parece muito. É isso.

Inv – Atualmente está em Portugal, mas por vezes pode-se encontrar a pensar no seu país de origem. Comente esta frase e fale sobre as suas estratégias para encontrar a felicidade em Portugal.

A – Encontrar felicidade e não encontrar felicidade é uma escolha.

Inv – Para tentar ser feliz aqui, para tentar encontrar a felicidade aqui.

A – Eu não me forçar a sentir feliz.

Inv – Para se sentir bem aqui, não vamos utilizar a palavra felicidade.

A – Para me sentir bem eu costumo escutar músicas. É isso.

Inv – Quando tem essas memórias do seu passado, não sofre ou sofre? Quando sofre, sente saudade? Tem alguma estratégia para diminuir o sofrimento?

A – Saudade... sofrimento... eu, a felicidade, sentir feliz, sentir bem, eu não procuro isso. Para mim ser feliz não pensar nisso, só tento me sentir normal e sentir bem e é isso. Não penso muito na felicidade.

Inv – Tem a sua cultura de origem, do Congo, e a cultura de Portugal, costuma trazer aspetos culturais da sua cultura de origem para a sua vida aqui em Portugal?

A – A minha família, nós não somos muito apertados culturais, tradições, tudo isso, a minha mãe não gosta muito das tradições, o meu pai também, no meu país não fazemos muito, uma grande coisa, na nossa casa só festejamos as festas do novo ano e só isso. Não há festa de aniversários, não há festa do não sei o que seja. Só isso, a minha família tradições, culturas, não sinto nada de diferença, mesmo aqui, porque mesmo a minha família não havia muita tradições e cultura na nossa casa.

Inv – Então não sente muita diferença?

A – Não há diferença.

Inv – Qual é a sua opinião sobre a cultura portuguesa?

A – Cultura portuguesa, não sei muito como é a cultura portuguesa.

Inv – Não tem nenhuma ideia, por exemplo dos nossos dias festivos, da comida. No seu dia a dia vai-se cruzando com vários aspetos da cultura portuguesa e qual é a sua opinião sobre isso.

A – Ok, do lado do Congo a comida, a comida do meu país é melhor do que aqui, porque por exemplo o peixe, o peixe do meu país é muito bom, mas o peixe daqui não é mau, não é bom, e as comida, o frango também diferente, no meu país é bem fácil, mas aqui não é. Em primeiro lugar, a comida do meu país é melhor do que aqui e as festas, no meu país, por exemplo, a festa do novo ano é uma grande festa porque de início vinte e cinco de dezembro, a festa não é vinte e cinco de dezembro, é uma festa que as crianças fazem muito, não é muito os adultos, são criança, muita criança mesmo. Durante o dia, o dia inteiro do vinte e cinco vamos comprar, não sei como dizer aqui, são... vamos comprar as coisas que quando colocamos o fumo, o fogo, faz bá rá bá rá bá rá.

Compramos foguetes, muitas coisas, muito mesmo, e quando, durante dia até meio-dia, não é normal, porque durante o meu dia as famílias cozinham, cada casa, uma coisa que cozinha sempre, mesmo seja pobre ou rico, cozinha sempre o frango e frango, o feijão e o arroz, é as coisas que não faltam nesse dia, cozinhamos sempre isso e até ao meio-dia, que é o dia de cozinhar, mas depois não cozinham muito, depois que já acabamos. A partir de um da tarde, as crianças vão se vestir muito bem, com as suas roupas e vão começar a jogar, a correr de todos os lados com os seus foguetes e à noite é melhor, à noite

colocamos isso, é muito bom, é uma grande festa nas ruas mesmo, e no dia um de janeiro, dia de novo ano é o dia de todo o mundo, adulto como meninos pequeno, é a mesma coisa vamos cozinhar sempre, não sempre, mas não falta frango, arroz e feijão e a partir da meio-dia que, nesse dia, os vendedores tomam muito dinheiro, porque vendem muito mesmo, sobretudo as pessoas que vendem nos mercados, porque nesse dia a família cozinha muitas comidas e até às três da tarde que acabamos de cozinhar e nesse dia havia festas, músicas e todas as casas colocam musica muito grande, muito forte, é uma grande festa, mas aqui, no dia do novo ano foi nada alegrado, não havia uma festa, só havia os foguetes, só isso, não foi nada difícil.

Inv – As pessoas na sua terra juntam-se todas na rua e fazem a festa juntas, é isso?

A – Vinte e cinco de dezembro é as crianças que se juntam que se juntam para jogar.

Inv – É só as crianças?

A – Sim. No dia vinte e cinco de dezembro, as crianças até meio-dia que ficam em casa a se preparar, a vestir, a tomar banho, tudo isso. A partir da tarde, eles vão sair nas ruas, vão começar a correr, vão tomar tirar fotos, vão fazer tudo, os pais deixam ir, vão deixar, eles vão voltar só mesmo muito tarde, à noite, dia vinte e cinco. O dia um de janeiro, não, pode, é uma festa também, mas não é só em casa, os vizinhos também pode chegar na sua casa, fazer festa. Dia vinte e cinco é só meninos.

Inv – Também andava com os foguetes?

A – Sim sim. Com os foguetes, jogar, dar o dinheiro para comprar as coisas, comprar comida, como queremos, muitas coisas.

Os mais velhos não faziam, só ficavam em casa. Só o dia um de janeiro, que é o dia do novo ano que para todas as pessoas, mais velhos como mais novos, vamos fazer uma festa, colocar músicas, porque no dia vinte e cinco não há música muito, mas no dia um de janeiro é uma grande festa, música, comida, muitas comidas, roupas novas, tudo é bom. Mas aqui, o dia um de janeiro mesmo o dia vinte e cinco havia nada, nada de nada, que eu vi, que eu não vi. Dia vinte e cinco aqui de dezembro não foi nada, eu não vi nada, mesmo eu saí à noite no dia vinte e cinco para ver se havia alguma coisa, mas havia nada e dia um de janeiro só havia foguetes, só isso, não havia nada.

Inv – E dia 31? Dia 1 vocês saem, é uma grande festa, e dia 31, a passagem do Ano Novo? Também fazem uma grande festa?

A – Dia 31, os cristãos têm sempre um dia de véspera. Vão ir às igrejas, vão cantar, rezar, dançar, dia trinta e um para o dia um, a véspera, todos os cristãos, mesmo todos os cristãos, vão começar o culto, começa às vinte e dois desde a tarde, desde a noite até cinco da manhã. Durante esse tempo, todos os cristãos são nas igrejas e esse dia trinte e um a um, véspera, de dez às seis é uma festa nas igrejas, cantamos tudo, mesmo com foguetes se é passou.

Inv – Ia ao culto?

A – Sim. Sim ia.

[...]

Inv – Prefere adotar os costumes e a cultura portuguesa e esquecer os seus costumes e cultura do Congo ou prefere adotar os costumes e cultura do Congo e não aceitar a cultura e costumes portugueses ou preferes conciliar os dois?

A – Na minha casa, no meu país, não havia muito coisa de cultura e tradição, e por isso é que eu aqui adota a indicação da minha família, que meus pais, meu pai e mãe deram-me, é isso, vou adotar a meu indicação, mas como não escapar, não sair das indicações tudo me acostumar as culturas daqui.

Inv – Só para ver se eu compreendi, tem a indicação da sua família e aqui tenta adotar essa indicação e tenta também habituar-se à cultura de Portugal, sem nunca se esquecer dessa antiga indicação. É isso?

A – Sim, é isso.

Inv – Como faz a ponte entre a sua vida passada e a sua vida do presente? A sua vida no Congo e agora a sua vida em Portugal, como faz essa ponte?

A – No Congo, a minha vida foi diferente daqui, no Congo a coisa que fazia mais foi ir à escola, voltar em casa, ir ajudar mãe, voltar a jogar, mas aqui a coisa que eu faço mais é ver telemóvel, estudar, dormir, ver telemóvel, comer, estudar, dormir e no meu país, não havia mais consciência da vida, mas aqui estou a pensar como tem de fazer isso, como tem de fazer isso, é diferente.

Inv – Essa consciência de vida, pode desenvolver um pouco mais. O que queria dizer com isso?

A – No meu país, não pensava muito no que eu quero, só sabia que eu quero ser médico, nem como fazer para ser isso, no meu país, não é muito difícil de ir para as universidades fazer medicina, só tem de ter diploma, diploma é uma certificação, como vou ter diploma, mesmo aos pontos que tive, mesmo que tive cinquenta, cinquenta e um, qualquer ponto vai para a universidade fazer medicina, só vou fazer um teste de entrada. Mas aqui, é um pouco diferente, no meu país se eu quero ser médico só tenho que pensar quero ser médico e vou fazer medicina, mas aqui se eu quero ser médico tenho que pensar que eu quero ser médico e como fazer para ser médico, primeiro começar a estudar mais, tirar dezoito no fim, é uma coisa difícil, que no meu próprio país não pensava fazer isso. No meu país, eu foi inteligente, mas não foi inteligente, porque estudava, mas não tirava mais de oitenta porcentos, só tirei uma vez oitenta e um, foi uma vez e não tirei mais, mas aqui tenho que fazer mais de oitenta, tirar noventa para ter dezoito. No meu país, não pensava muito nesse tipo de coisas, só quero ser médico, vou ir à universidade, aqui quero ser médico, tenho que estudar muito para ir à universidade, é diferente.

Inv – Sente que não fazes a ponte, são duas vidas distintas?

É diferente, aqui ser médico é mais difícil do que no meu país. No meu país, ser médico é mais fácil do que aqui.

[Conclusão. Agradecimento pela participação].

APÊNDICE 10 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO ENTREVISTADO B, JOVEM ACOLHIDO NA CAE

Data da Entrevista: 11 e 12 de abril de 2024

Local: Gabinete de trabalho da equipa técnica da Casa de Acolhimento Especializado

[Introdução. Explicação dos objetivos da entrevista. Ambientação para uma entrevista como conversa].

Investigadora (Inv) – Talk about your relationship and your connection with your family.

Entrevistado B (B) – Good.

Inv – Good?

B – Yeah.

Inv – So, do you speak to your family often?

B – Yeah, I always speak a lot of times with my family. My mother, my sisters, yeah.

Inv – Yes?

B – Si.

Inv – Who do you talk to most?

B – My mother.

Inv – Your mother?

B – Si.

Inv – Are you close to your mother?

B – Yeah, yeah, yeah. I'm the last son of my mother.

Inv – Do you have good memories with your mother?

B – Yeah.

Inv – Yes? Can you share one?

B – Well, no, no. Like, like how?

Inv – Share a good memory you have with your mother.

B – Yeah, I always stay with my mom since I was young. Now, I travel to come in Europe, yeah. When I come here, I couldn't tell anything about my mom.

Inv – When you arrive in Portugal, you didn't talk anything with your mother?

B – Yeah, if I... When I came from Gambia to Europe, I couldn't tell anything. Because when I tell him, I need to go to... They didn't ask.

Inv – But now you talk to her?

B – Yeah, yeah, yeah. Now when I talk to her, she feel happy, yeah. When she ask me, what about Europe? Are you living? I always tell him, I'm good here. Because my mom didn't want me to away far from him. So that's why. They always ask me, so what about there? I always tell them, yeah, it's good. They will take care of us here, good. And they will try to do maybe something to plan your life, cooking. And you can go to school every day. So, yeah, that's a blessing.

Inv – Is your mother happy?

B – Yeah, for sure. Now she is happy.

Inv – Yes? Did your mother know you were going to travel?

B – No. When I... For the first day I came in Europe, I don't have any phone. No contact with my mom. So when I here, maybe some weeks. So, well, I... For the number of my mom, yeah, I store in my brain. So, I'm asking one boy, I want to talk to my mom. So... Because he didn't know about my way. Because maybe he think I go to somewhere. No, I'm here right now. So, I need to tell my mom to know about my... Where I'm now. So, I call him. He ask me, where are you? So, I tell him now I'm in Europe. He said, how? So, he didn't understand about that. So... He... That time... Little bit he get crying. So, I tell him, I'm good here now.

Inv – When did you do this?

B – Yeah, when I arrived in Europe. Because she didn't understand. Because the journey was... It's not easy. A lot of people are dying there. So that's why when I tell him I'm coming from Senegal to Spain. He didn't... She didn't understand about that. So that's why he little bit cry. Yeah. So, I tell him, now I'm good. Ya.

Inv – When you say he or him, it's about your mother, right?

B – Si, Si.

Inv – Okay, just so I understand.

B – Yeah, she is my mom.

Inv – And do you talk to your sisters?

B – I talk with my sister. My sister, I think last week. The young sister. Because I have two sisters. The other one is old. It's the first son [...]. For the second one is [...]. So, I'm the third one. So last week he getting married [...].

Inv – Last week?

B – Yeah.

Inv – Did one of your sisters get married?

B – Si [...] yeah. I think when the... I saw the workers here. The day he getting married. About the dressing. So, I saw the dress here.

Inv – You saw?

B – The workers.

Inv – How did you see?

B – It's good. I feel happy.

Inv – How did you see your sister getting married?

B – For the photos. Yeah, for the photos. He send me the photos. Yeah.

Inv – Are you happy?

B – You see, I'm very happy. Because to have a child is more important than to sleep. So, it's not easy in Africa. Maybe in Europe. You can go alone and do work. Maybe when you get 18 to 20 something, you can build your life. But in Africa, you can have maybe 40. You can sleep with your mom or your dad. You don't do anything. So, it's not easy to see your home. Maybe I can say boys. Maybe when you are a boy, you can stay with family in Africa, the same compound. But with girls, maybe when you have 18 to 25, you will get married and you will go out of the compound. So, boys can stay there to get married another woman for their home. I think you understand.

Inv – Yes, I understand. Do you think this is a little different in Portugal?

B – Si, I understand. Yeah. But maybe here I can't say anything about because I don't know anything. Maybe in small things. Now I know it. For the first time, I can't tell anything about here. So, in Africa, it's not easy to survive, but it is part of life. Yeah, for sure.

Inv – To see if I understood. When girls turn 14, do they stop going to school and stay at home? In the family home?

B – Maybe you can go to school. But maybe when your mother doesn't have a lot of children or a lot of daughters, you need to help your mother at home. Yeah. Because when your background is not good enough, so you need to do something to survive your life and to make your children happy. So, you need to go to work every day. Yeah. If you are old, old like that, you need to go to work. Yeah. In Africa, for sure. Maybe when you have a big family, maybe it's easier. Maybe when you don't have anything, but your family member has something, he can help you or she can help you about something to survive. But when you don't have about that, yeah, you need to suffer. Because my mother, the mother of my mother.

Inv – Your grandmother?

B – My grandmother had two daughters. My mother and her little sister, but she died. She died. Less than five years she died. Five years she died. She is not here at all. She is my grandmother's daughter. So, my mother is all there now. My grandmother, now she is old. Yeah, for sure she is old. So sometimes my mother can stay with her for long and then she came back to her home. So now my sisters, my sisters are all not there. They are getting married now. So, I'm the one. So, I'm here to learn something about my mother. To help her. Yeah, when I have, I will help. So, it's not easy at all. Yeah, for sure. Because when you... Life is about that. Yeah.

You need to learn something about life. Because it's not... Maybe it's not here. Yeah. I don't know anything. But, in Africa it's not easy. If your mother has one son, yeah... You need to face it, it's difficult, for sure. Not like I don't want something from anything. I'm just... I'm explain about the way when you are there. Because I'm young, but I know a lot of things going there. Yeah, for sure. Not a joke. Yeah, I know, I know. Because in Africa it's not easy to survive. When you don't have a... elder brother. Yeah, elder brother or something.

When you're in Africa, you don't have an elder brother who can help your mother. Maybe for me, when I'm in Africa, maybe when I have two or three brothers, I can stay there. Yeah, in Africa. Because I will say, my brother is in Europe, so now, for me, I can go to Europe for a little bit to plan my life there. But it's not easy to plan your life in Africa. Yeah, for sure. It will take more years. Yeah. Maybe, I didn't know Europe much more. Because I saw people come from Europe, to go to Europe, and then they will help your father. I have a family in Africa. You will see, maybe when you come from Africa to Europe, you can go there maybe three or five years, you will see the family is changing. Coming to help your family, starting life, new life. You understand? Maybe when you are in Africa, you are in Africa, after you come to Europe, after you do those works, to send money to your family, they start to change the family, they start to change the house.

Inv – Do they change their lifestyle?

B – Yeah, life is changing. Maybe when the rainy season is on, your house, you are safe. But when you don't have a good house in Africa, when the rainy season is starting, you need to thank God every day, to

help you. Because sometimes it's not easy. When the rain is coming, in your house, they can flood your house. The water is flooding your house. You understand?

Inv – Yes, you have water in your house.

B – For sure, for sure. That's why everybody pray to have a good life. Yeah. I think that's why many African people are coming here. Not everybody wants to come here for money. But when you come here, you will learn about the life. Because the life is not the same. Africa and Europe, the life is quite different. For sure. So, when you are here, you need to do something to help back your home. For sure. Yeah. So that's it. It's not easy.

Inv – Is it always the sons who help, not the daughters?

B – Yeah, I think the daughters, not much. Because sometimes you need, but not a lot of daughters do. Because that's why I tell you, because the daughters always getting married in Africa. Maybe in Europe, you need your idea. Maybe if you want to marry, you marry. If you don't want to marry, it's your business. But in Africa, you will marry by force. Because in Muslim country, they don't want the daughter say anything about coming for me, I want to get married. Maybe for me, I'm a boy. So, when I grow up, if I like, I get in. Because I will stay with myself. But for daughters in Africa, to get a... Some people are there, you can go to school and learn. If you finish school, you can go work.

Inv – There?

B – Yeah.

Inv – Okay.

B – It's sometimes, but not every time. When I was in Africa, sometimes you can go to school and learn. You finish school, your brain is good, but to have work, problem.

Inv – What is the problem?

B – Work.

Inv – Work?

B – Yeah. To have it is the problem.

Inv – But are these the daughters? The daughters can go to school, finish their studies, but finding a job is difficult?

B – Si.

Inv – Because of society?

B – Si. Sometimes you can go to school and finish, so now you need to go to university. Financial problem.

Inv – Okay.

B – Financial problem. So that's the big problem in Africa. That's why some people are there, they don't finish school. So financial problem in Africa.

Inv – But for the boys and girls, or only for the girls?

B – Sometimes this year. Yeah. Everybody.

Inv – Ah, everyone.

B – Everyone. Maybe when your family is having something, it's okay, yeah, you can go. You can go ahead. Maybe some people are seeing you, you are suffering, so they will say, this girl or this boy need help. So, they can assist you to go to university and complete your school. So, if you finish that, you can have a good job. Yeah. So now you can have responsibility for your family. In the real world, you can have good people, you can have bad people. Yeah, for sure. So that's the big difference there.

[...]

B – So to go somewhere, to do bad things, to do good something. So even my home, I can sometimes, I sit with my mom, to chat. Yeah, talk about something good or not good. Yeah. **Because when you want to get a good life, so you need to be your parents to explain something about the world.**

Inv – Sorry. When you want to do something good, you need?

B – You need to talk with your mom.

Inv – Ah, okay. I understand. If you want to do something good, you need to talk with your mother.

B – Your mother or your father.

Inv – And the father.

B – Si. To give you some advice. The way you are going, the way you are coming. So, you can achieve something, dream to do with your good life. So that's why in Africa, sometimes when you are young, your mother or your father push you to get married. To get married earlier.

Inv – The parents push their sons and daughters to get married.

B – Yeah. Yes, son.

Inv – The son.

B – See, when you have one son or two, you can, yeah, confuse him to getting marry to have a child. Because to have son or daughter is good in Africa. Because when you have a daughter or son, earlier. They can earlier coming. When you have maybe 20 years, you getting marry, you have two children or three. So, when you are going 40 years, your children can help you. Starting helping you about your low age. Yeah, for your background. When you have children, maybe you have 20 years. The children, when your father came to 40 years. I think children will be 20 years or less. So, they can start work.

Inv – They can help with money.

B – Yeah.

Inv – Can I ask about the daughters? The idea of society is that daughters need to get married. When a daughter gets married, what happens? Does she move to a different house?

B – Yeah, yeah. For sure. For me, when I have a wife, my wife will stay with me.

Inv – So the daughters move to their husband's house?

B – The daughters will stay with the mother and father.

Inv – And the husband?

B – No, no, no. When you have a husband, you need to go. You are no longer in the family at all.

Inv – Okay, now I understand.

B – Now you understand. I think it's a big difference between Europe and Africa. Yeah. In Muslim countries. Yeah, in Muslim. When you get married, now the husband has the right to tell you anything. If you need him, to stay with him, you will go.

Inv – So, do we continue to the next question?

B – Si.

Inv – Or do you want to share something more about the...

B – No, no problem.

Inv – No? Do we continue?

B – Yeah.

Inv – So, talk about your life, your daily life in your country. What you did every day.

B – Yeah, for me, I always go to play football. Yeah, it's the thing I'm doing in Africa. Yeah, for sure, football.

Inv – You didn't study, you didn't work, you just played football?

B – Yeah, I play football. Sometimes I go... I started even plumber, I started plumber in Africa.

Inv – Where you a plumber?

B – Yeah, I studied, yeah.

Inv – Ah, you studied to be a plumber.

B – No, I studied in Africa, because there you don't go to school about it. You need to have someone who do it. You can go with him and they will explain it to you. But I cannot tell anything about that because I don't have experience that there. Yeah, because I think here maybe when you want to do it, you need to study. Maybe, I don't know, maybe two years or three years. I don't know about. Yeah. Because in Africa you need to go with someone who know it, who can do it well. Yeah. They need to train you. And you... Yeah.

Inv – So you play football?

B – Yeah.

Inv – Plumber?

B – Si.

Inv – Did you study?

B – No, I left school. Well, I'm in school right now. I'm in grade eight.

Inv – Did you finish eighth grade?

B – No, I'm not finishing.

Inv – But did you start?

B – Yeah, I'm studying. I'm there, so that is the time I came here. Yeah.

Inv – Is your coming here the reason you didn't finish?

B – Yeah. School. Not hard because I can't tell about something in Africa. School, I think here school is more easier than in Africa.

Inv – Easier?

B – Yeah, here. Yeah. The school is fantastic. It's easier than Africa. I think you understand it.

Inv – Why do you say that? Can you explain?

B – No, because I see the things are going. Because here, when you go to school, the teachers are very good. Yeah, the teachers are good. They don't give you pressure...to force you to do something. Yeah. But in Africa school, you need to do it by force. Even that, they will beat you. So here, they don't beat anyone. So they need to explain you easier, easier. To understand it very easier. But in Africa sometimes, yeah, because I went to school. So that's why I know that. Sometimes in Africa, to explain something to teachers, no, no, no. Sometimes, no. It's not easy. Because when I came here, I started school. I feel confident. Yeah, for sure, I feel confident. I feel comfortable. Yeah. That's why, in Africa, it's not easy to do something. Sometimes it's difficult. Yeah. So that's why, in school, I like it here. Here, I like it.

Inv – You said you left school. You said you didn't finish eighth grade in Gambia.

B – Yeah.

Inv – What was the reason? Was it your decision?

B – No, not that. Because, at that time, I needed to do some little work to help my mom. Yeah, so that's why I had to go to school sometimes. Because here, when you go to school, you don't have anything there. You need to pay the school fees. First time, second time, third time. You need to pay. The amount of money is there. You need to pay. When you don't have someone who will help you, it's difficult to do that. You need to find some job. Sometimes you can go to a job. When you have some money, you can come and help your mom. And you learn. Understand? Learn for school.

Inv – Is this the reason you worked as a plumber?

B – Yeah, yeah. Yeah, that's why I do it. Sometimes I go to football. When I come from work, I go play football. I like it there, in Africa. But here, I'm not doing football, so I cannot tell about something. For me, I need to do something here, for sure. Even if I have a plumber, to study about it, I will do it. Yeah, for sure. So, I cannot tell to help me. But I'm fortunate. It's not fortunate. So, I'm here to help to plan my life for a better life. Yeah. So that if I have children, they will never suffer. Because when you don't have nothing, you have children, your children will suffer. Maybe when I have some work. When I have work here, or to study about the work I'm telling you.

Inv – The plumber, yes.

B – So, when I do that, I can plan my life for a better life, in future. You understand?

Inv – Yes, I understand.

B – When I have a wife, I can assist my wife and my children.

Inv – And you left your friends in Gambia?

B – Yeah.

Inv – Do you have friends in Gambia?

B – Yeah, because, yeah, in Africa.

Inv – What did you do with them?

B – Yeah, I play with them football. So, football in Africa, you can have a lot of friends. There if you are a good footballer, you can have a lot of fans who support you.

I think in Europe, we don't have a lot of friends here. But maybe in Africa, when your child have time, you can go with boys to grow up. I think you understand it. When you are there, because for me, I'm not staying in town. I'm staying in village. So, not a lot of people is there now. But some people, you can go with your age, to go and train football. In academy, to train. So, that time, you can have a much friend. When you play good football, everybody will be your fans. Yeah, it's for sure. So, for me, I play football there. Yeah, I play. And I do it like well. Yeah, for sure. So, for me, I have a lot of fans. Yeah. Maybe when I in Africa, when I'm in Nazare...Alcobaça...When you Alcobaça have a gym.

Inv – Does Alcobaça have a gym?

B – I will explain it to you. In Africa... Here is my home village. So, Alcobaça... When Alcobaça have a gym, they can come here and tell me to go and help them. To play a bit for the gym.

Inv – To see if I understood. Nazaré is like your village and Alcobaça is bigger. So, when you play football well, someone from Alcobaça comes and says: you have to train the other boys.

B – For Alcobaça?

Inv – Yes. You are like a coach.

B – No. I will go there to play another football. Because they all want you to play for your team. Everybody want you to play my team because I'm a good footballer. So, everybody want you to play for your team. So, that's why I'm thinking about that. Yeah.

Inv – What did you do at home?

B – Yeah, at home I help my mom.

Inv – What do you remember most about your days in Gambia?

B – Oh... I don't understand that.

Inv – When you think about your old life, what memory do you remember most?

B – Yeah, I think more... Yeah, if I... **When I was in Africa, I always think to have a good life to assist my family. Sometimes when I see my mom doing some works I feel sad. So, I always pray: So, God give me a better life to help my mom to get the life she is now.** Yeah.

Inv – When you saw your mother doing some works, you always prayed for you and your family to have a better life.

B – Better life, si.

[...]

Inv – Talk about your decision to leave your country. What was the reason?

B – Why I'm leaving my country?

Inv – Yes.

B – Because I'm doing something. **That's the culture don't allow you to do it.** Yeah, for sure. That's the reason why I leave my country and I came here. Yeah, for sure.

Inv – Because you did something that is not allowed?

B – Yeah, because I'm a Muslim religion. **I'm a Muslim.** So, here, when you do... You understand gay?

In here, when you do it, nobody will tell you about anything. You are the one who feel to do it for yourself. But in Africa, when you do it, when you know that you are doing this kind of thing, when they catch you, you will... Maybe you can go to jail or they can do something wrong with you. Yeah, that's the thing I left in Africa. Because for me, I started there. Yeah, I started to do it there. So, I know to have something.

Inv – Did you fear for your life?

B – Yeah, yeah. So, I started to do it there. So, when I started, I know that people are recognizing me to do this one, this thing. So, now I understand it. Now, I need to live here. Because when I don't live here... For my mom, I don't know anything about my being. Because I cannot tell my mom. Because I know I'm a Muslim. My mother is a Muslim. So, when my mother know about that, I will have a big problem with my mom. So, that's why my mom didn't know anything about it. So, that is the reason I left there and I came to Senegal. So, I'm in Senegal, I think one day, yeah. So, one day, and I came to the boat, river, you understand? Boat. So, that is the time I take the boat from Senegal to Espanha with seven days in the river, boat. So, that is the reason I came here. Yeah, I think you understand it.

Inv – Yes, I understand. Do you feel that the decision to leave your country was yours or were you forced to?

B – No, **it's not force.**

Inv – Did you decide?

B – Yeah, because it's the time, that is the time I need to leave. If not that, I will have a problem because that time I came here in Europe, I think in Senegal... Senegal. You know Senegal?

Inv – Senegal, yes.

B – Yeah. The, the, where the fire, fire? You know the fire, fire?

Inv – Fire, yes.

B – Someone is doing about this thing in jail, in Senegal. They cut him.

Inv – Did they set the person on fire?

B – Si, they put in the fire. We dead there, she dead there. He put in the fire, he dead, he die. And that's why I tell you, in Senegal or Gambia, when you do this one, this thing, and they will cut you. You will, they will, they can kill you or you will go to the remand, for jail. You understand jail?

Inv – Yes.

B – Yeah. So the two thing, when you have a jail, you can have, you can say Alhamdulillah, if you don't, don't have jail, they will, they will kill you because they don't want that. So, that is the problem from there. So, that is the main reason I'm living in Africa to Europe.

Inv – Did anyone know about your decision?

B – No, no. I cannot tell anyone. Because I need to go alone, nobody will know about my situation. So, then I come. That's why I tell you, when I call my mom, she didn't understand why. I left there, I cannot tell anything about my situation. So, that is the time she was crying and I, after, I explained it, yeah, something. But now, she is fine. Yeah, I always talk with him. Because the time when I came here, I don't have, I don't have mobile. So, I cannot, I cannot remember a lot of phone numbers. Yeah.

Inv – So you don't have a lot of phone numbers of people you know from Gambia.

B – No. Yeah. Because I... In here, maybe you can't have a lot of friends here. But in Africa, maybe you can have a... For the match, you can have a lot of friends. You can play with football. Yeah. But I think maybe, maybe here you can have one friend or two. It's okay.

Inv – Why do you think you can't have a lot of friends here?

B – No, for me, it's not a problem. Yeah. Maybe people are not different. Maybe some people are... Maybe in European, they don't have a lot of friends, maybe. Yeah, but in Africa, you can have a lot of friends. That's not a problem.

Inv – But why do you think that in Europe the people don't have a lot of friends?

B – No, I don't know anything. The situation is not the same. Yeah. Because in here, maybe people are sitting with your house. You can't go to anywhere. Yeah. When you come from work, you need to go to your house. Yeah. Because I remember when you... Guys come from Africa to Europe and if they come back to in Africa, they will explain it like this. In Europe, when you come from work, you need to sit in your house to cook your food and eat. You need to sleep earlier to get earlier in work at the morning time. You can go to work earlier. That's the best decision. So... For me, I can't say anything about that because I'm not studying anything. I'm studying only school. Yeah.

So... That is the decision here. When a guy takes the phone, yeah, that's normal. That's not a problem. Yeah, it's good. Because I think they help for us to learn something before you stay with yourself. Yeah, you need to learn a lot of things. Yeah.

Inv – Who help you learn this? You said someone took the phone.

B – Yeah, because when you take the phone to the office. Yeah, I think here. The guy who work at night.

Inv – The person who works at night.

B – When you... Maybe when tomorrow is school, they will come and take the phone at 11. Yeah, it's the time, 11. Yeah, on Friday, they will come and take the phone around 12. Saturday, 12. Sunday, 11. Yeah, that's it. I said that's good because when you take the phone, you need to sleep. Yeah, but when you have a phone, you can't sleep. You can't sleep. That happens. So, that is the help.

Inv – Describe your journey from Gambia to Portugal.

B – So, that's the thing, I explained it to you. That's why I left in Gambia. I left in Gambia to Senegal. Senegal to Spain. So, that time I was in Gambia I always tell I will go to Portugal. Yeah, for my opinion. Because I have a jersey in Portugal. Yeah, Portugal clothes. I think it's from Cristiano Ronaldo. When I go to football, I always wear it. So, the guys always call me Ronaldo, Ronaldo. So, I support Ronaldo and I like to see him. For my opinion, one day I would like to see Ronaldo. In the future. That time I wasn't there, even now, when I go, some people are there. They always ask me: even now you don't see Ronaldo? I tell them, no, not yet. But inshallah, I will see. Yeah, they ask me every time. So, I always tell them, I will see. That's not a problem, because now I'm in Portugal. Yeah, that's the time I always want to come here because to come from Africa to Europe, it's not easy. Because some people are coming from Africa to Europe. They will come here, Mali. After Mali, Algeria, some people will come Morocco. After, when they come to Morocco, you can have a seat there. Travel to Spain or Italy. Some people are traveling like that. That's my opinion.

Inv – And can you tell me which places you went and passed through? And how did you go? For example, by boat, bus, car.

B – Yeah, bus. In Gambia I take bus from Gambia to Senegal because it's not too far. I think when you go to Senegal to Gambia, almost less, six hours or seven hours. I take bus from Gambia to Senegal. Seven hours, yeah. So when I came to Senegal, I asked people. One time, I want to escape from Gambia, Senegal. If I will, in Europe, I can go. If not there, go to this side. Because in sea, when you die, you either Senegal to Spain, or you will die for the journey. Yeah, it's the two options.

Inv – The two options are to go from Senegal to Spain or?

B – You die there. Because a lot of people have died there. The sea. Maybe when you go one day, two days, three days, four, you start to see people are dying. Because here, it's not easy. Now is the time, I'm telling a little bit about the sea. The first time, I can't tell anything about. But the time I came to Espanha, my head was not functional. Because when I came there, the border Espanha, the time I see, I just like that. So the guys came to me. They called me to hospital. To have water in my blood. That's the time I open my eyes. So that's the time I feel comfortable. Yeah. That's the way you are coming from Africa to Europe. That is the journey.

Inv – And after Spain?

B – Yeah, when I came here, I take bus.

Inv – So, you went from Gambia to Senegal, from Senegal to Spain and from Spain to Portugal. When you were on the boat, did you pass through some countries?

B – Yeah.

Inv – But you didn't stop?

B – You don't know which country is this. You will dive out the country. Because the country, when they see you in the river, they will turn back where you are from. You can go back.

Inv – You passed through some countries, but you don't know which countries they are.

B – Yeah, you don't know anything about here, Morocco, or... Some people are there, I think, in Senegal. They don't know about the jail. Yeah, the boat. They will go travel to some countries, maybe Morocco, Algeria. When you cross there, they will tell you, here is Morocco, here is Algeria, here is Egypt. A lot of countries, they will know that. But for me, to go to the beach, no, I'm not, even in Africa. Sometimes I go to run, but not to go for water, no. Because here... No, no, no.

Inv – Where do you run?

B – For the big side.

Inv – Big side?

B – Big.

Inv – Outside?

B – Si.

Inv – But here?

B – Yeah, even here, I'm going there. In Africa.

Yeah, that time, because when I see the river like this, ah, no, no, no. I will not plan to go there. Because when I'm here, I see the river like this. So I see the river, but I don't know where it stops. Where the river stops. So, when I see that, I will always tell my boys, for me, I'm not going. You can go alone. For me, I'm going back home.

Yeah, in Africa. But now here, sometimes I'm going there, to run. When I'm ready, I come back here. When in Africa, I can't do it. Maybe I can do it a little bit, so that when the whole team can go there, maybe you can have a coach there, assistant coach, to tell you, don't do this, do this. So you can go there, wherever. Maybe, not that. For me, I'm not going.

Inv – So, you are telling me that the coach tells you what you can do and what you can't do.

B – Yeah, for the big side. When you go to the training season. Training with the big side. To train with a team, full team. Coach will always tell you do this and don't do this.

Inv – In Gambia, did your coach tell you what you couldn't do?

B – Yeah, for the river. Because there is not easy. Some kids are there to go to swim in there. Yeah. You understand?

Inv – So, your coach told you that you can't go near to the river?

B – Yeah, you can't near to the river.

Inv – Because is someone there?

B – Yes. It was in Africa. Sometimes people are dying there in the river. For the swimming river. Because in Africa river a lot of salt.

Inv – Did you have help from anyone to make this journey?

B – No. No.

Inv – Did you do it alone?

B – Si. I think Senegal, here, Spain. I don't have money to pay. Yeah. I came there. Only boat no.

Inv – So how did you come?

B – Yeah. Because in there. Sometimes a lot of people came from Senegal to here. They didn't pay any amount of money. Yeah. Because who have the boat, sometimes he can help. Yeah. He can help you. So, when you ask him. Sometimes when you don't have any money. He can feel like, wow. He didn't understand about that. Why he don't have any money. You need to go to Europe. You want to go to Europe. You don't have money. So, sometimes he can feel it. He said, okay, no problem. When the boat is ready, you can go with him. So, when the boat is ready, you can go with him. So, when the boat is ready, he will come with you to there and tell about who will drive the boat. And he will tell him, don't disturb this guy because I feel that he don't have money. He explained something about his family. So, I feel it. So, he can help you to go. That's it. For in Gambia to Senegal I pay money because I have little money in my pocket. So, I pay for Senegal. But Senegal to Espanha, I can't pay anything. In Espanha, yeah. I didn't know guys pay how much. But he pay the money because at that time, when I came to Espanha, I'm in the camp. Camp like this. So, I tell them, I want to go to Portugal. They ask me, when you want to go to Portugal? I tell them, yeah. For me, anytime I have help, I will go there. So, that's the time I came here and I came to here, Lisbon at night, 1 or 2, 1 or 2, done. Yeah. So, that time, I don't know anyone here. So, I sleep there. Yeah, I sleep there. So, I see someone. He's African, but I don't know where country he's coming from. So, I tell to him, I'm here, but I don't know anything about here. He ask me, what is your name? And your age? So, I explain it to him. So, that's the time. He tell me, okay, so I will help you to go to AIMA.

Yeah. The time I was in Lisbon, I sleep there. I sleep at night. After I sleep there, at morning, I saw the guy and I ask him. So, that's the time he ask me my name and my age. So, that's the time I tell him. So, when I tell him, he tell me, okay, no problem. So, now I will help you to go to AIMA. So, that's the time I came to AIMA. So, I came to AIMA. They ask me and I tell everything I want to tell. So, that's the time they tell me, okay, you can wait here until the police will come and take you. So, that time they tell me the police will come. That time I'm afraid because I don't understand. So, when the time police came, the police ask me and I tell everything. So, that time I hit a car. That's the time I came here. The police tell me, don't be afraid. We are here to help you, not to do anything about you. So, that's the first day I came here. Because when I'm here, for the first time, I feel afraid. Yeah, a little bit. Because I don't know anyone here. I know, I see the Gambians here. But in Gambia, I don't know anybody in Gambia. So, now we can, yeah, we can chat to ask, are you staying? Yeah, we can tell you a lot of things. So, maybe, I know some people, maybe someone know him. So, that's the time we chat, we tell a lot of things. So, now we are family here. Because here we can tell, talk. Because we are from Gambia. I think a lot of people here, they are all from Gambia. So, yeah. Because in Gambia, when you see your fellow Gambian, yeah, you, in Europe, you feel happy. Yeah, you feel happy to talk to him and maybe when you don't know the rules of here, they can tell you something about, yeah, you can do. So, that's more better.

Inv – To see if I understand, from Spain to Portugal who paid the ticket?

B – From?

Inv – From Spain to Portugal.

B – This is the camp. **The camp where I was, yeah. They paid me. They gave me the ticket.** So, that's the time I came to Barcelona and I take bus from Barcelona to here. To Portugal.

Inv – And did you experience any difficulties during this journey?

B – Yeah.

Inv – Can you share some?

B – **For the journey, it's not easy to sit at the boat. You see the people are dying. You will, maybe you will think, so next, I'm the next person. Yeah. It's difficult. Sometimes when the food is finished, yeah, it's very difficult. Maybe in, for my boat, I think not a lot of people are dying there. But some boats, people, the boat, all of the boat people are dead.** Yeah. Even one people, they all die. **Because I remember some people are fighting in the boat.** Yeah. They said fight there, fight there. Some boats are finished. Yeah. Even me, I know someone, someone in the boat, I know him. I know him very well. Yeah. The same village.

Inv – Is he from the same village as you?

B – Yeah, village. So, but he's dying. I think maybe even Tunis to Libya. Yeah, sometimes people always dying there. So, the time when you see the people are dying, you will not have confidence or comfortable. Yeah, for sure. So, you need.... you need to take like that, because life is like that. Because for me, when I came here, even my boy in Gambia, yeah, he tell to me, but I want to come to Europe in that boat. So, I tell him, no, no, no, no, don't do that. I tell him, **because for me, I cross to Europe, but I don't want anyone to come about this life. It's not easy.** Yeah. You can stay with Africa. Yeah, when you have a flight to come Europe, yeah, you can come. It's more, more secure and more better than sea. Yeah. Sometimes when I sit and I think about the journey, I can't sleep at night. Sometimes in here, first time, yeah, when I think about that, I can't sleep all of the day. **But now, I'm good. Yeah. Because I'm chatting with people, I'm chatting with people here. The people here, everyone is good. They don't give you pressure to do something. Yeah. No violence, no fights.** Yeah. So, that's why I'm here now. Yeah.

Inv – During your journey, did someone force you to do something that you didn't want to do?

B – Yeah, in the journey, you will see a lot of people there. Some people will curse you to do something for you that you don't want. So, from there, you need to take patience. Yeah. Patience.

Inv – But did someone force you to do something that you didn't want to do?

B – That's why I tell you, in the world, you can have good people and you can have bad people. Yeah. Even in society, you can have people to always curse you because of having a problem. Some people encourage you to have a better life for your safety. So, it's left to you. Yeah. If you want to get angry, yeah, that's not good. For me, I don't like to fight with someone. No violence. No. Maybe when I work in my football, I can do something. When you tell, I tell you, no, no, no, that's not good. After football,

everything is finished. Yeah, I can sit with you to chat, to continue because the match is finished now. Ah, yeah, yeah. That's because football is finished now. When I support Sporting, you I support Benfica. So, when you tell Di María, I can tell Trincão in Sporting, so I can adjust you about the football. But when the football is finished, everything is finished.

[...]

Inv – Talk about the reasons that made you choose Portugal to build a new life. Why Portugal?

B – Yeah, because when I was in Gambia, I was here, Portugal is here, peaceful country, you understand? Yeah, that's why I decided to come to Portugal, because that's the thing I'm telling you, when I was in Gambia, I prefer one day to go to Portugal. So that's the time I'm, yeah, that is the reason why I'm here. See, because everybody want peace, so, yeah, that's it, yeah.

Inv – Describes what everyday life is like in Portugal.

B – Yeah, for me here, I'm always go to school, yeah, every week, yeah, that is thing I'm doing here. So I'm going to school to do cooking, because when I stay with myself, I will do everything for myself, so that is the way the guys who is taking care of us here, explaining to us to do something, because in future, you will stay alone with yourself, nobody will help you anything, so you can do things like that, easy, easy, but now, yeah, everything is okay for me, yeah, because school is okay. For cooking, yeah, now I have lot of experience. Yeah, so to do for myself, yeah, nobody can help me about cooking now, yeah. So I'm happy to do that, I'm happy for that, yeah.

Inv – And what do you do in your free time? You go to school, and you have activities at home, like cooking, which was the activity you shared with me. And in your free time, what do you do?

B – Yeah, sometimes I was in the house to sleep, because I think we are coming from Ramadan, so that's time Ramadan, if you are in Ramadan, you need to relax more, yeah, what we are doing are holidays time, so that is important for us, because if you are a Muslim, you need to do that, yeah, every year, you need to do it for one time in a month, which is, I think, full of year is 12 months, so we can eat every, you can eat lot of months, 11 months, only left one year, one month, you can do it for the fasting, about Ramadan, yeah, so we are enjoying it now, because now it's finished, yeah. Sometimes I go to the big side to do exercise, yeah, for my body, yeah, for my health, yeah, that's it.

Inv – And have you already created a relationship with someone here in Portugal that you consider to be important? Like, for example, friends.

B – In here, Portugal, friends?

Inv – Yes, if you already have people who are very important to you.

B – No, I don't, I don't understand about that.

Inv – If you have already made friends in Portugal or if you have already met people who are very important to you.

B – No, not now, now I don't have any friend here, because in school, sometimes even teacher, they tell us to chat with boys or girls to have a friendship, but now I think, yeah, we are doing it a little bit, to talk with sometimes, yeah, because I came there one day, I played football, yeah, so I'm talking about a lot of people there, yeah. Even now when I see it, yeah, I recognize it, yeah, okay, I play this guy in the field, so I can tell her, olá, si, something like that. So, we are trying little, little, yeah.

But for sure, we will have more friends, yeah, maybe in school or not only school, yeah. Maybe if you speak a language, you can faster to have a friend, because maybe in school, some people are speaking English a lot, yeah, a lot of them, because English, teachers, a lot of teachers are speaking more English. Even students, yeah, I see sometimes they speak English correctly.

So, when I see that, I'm honestly happy, because when I speak that guy, when I try to speak in Portuguese, when I'm wrong, they can rectify me to correct the words, yeah.

Inv – Talk about your opinion about Portugal and how you feel in this country.

B – Yeah, I feel happy, because I always tell you that's my dream to come here. So now I'm here now, yeah. So, I feel always happy here.

So that's my opinion, I feel always happy in Portugal. I cannot feel I have a bad day here or to quarrel with someone, no, no, no. I always feel, when I'm here, I feel happy, yeah.

Inv – And about your life project, will it be in Portugal?

B – Yeah, that's yesterday I told I want to do, maybe plumbing, yeah, that is my first again, yeah.

Inv – Here?

B – Yeah, in Portugal, yeah, for sure. I need to do that, yeah, in Portugal, plan a future about the work. I like it, I love it, yeah.

Inv – Do you want to stay in Portugal, go to a different country or return to Gambia?

B – No, I'm here now, yeah. I need to here, maybe in future, when I have my dream fulfilled, I can go to my country to see my mom after that and then I will come back to do my work, yeah. I'm here for that, yeah. Because when I here, for sure, in future I need to go to see my family, my mom, yeah. For sure, because if you, I'm always miss my mom. So, but now, I'm in new life. So, that is my dream, I need to do something, some works to help my mom and for myself, yeah, for sure. So, when I have maybe something, I don't know when I will have it. Yeah, I don't know which year I will have it. Maybe, paper or something like that, I can go and visit my mom or maybe one week, two weeks, one month. Yeah, I can sit and chat with my mom. After that, I can come back, go do my work, yeah, that's all.

Inv – Talk about your home country and your old life... what was important to you.

B – Okay, well, that I cannot explain, maybe a lot of things about my old time. Maybe, I cannot remember all. Some things passed, yeah, but here now, I feel, I always feel happy here. Or, my village, sometimes, even I see it, even I like, I go to work, even that, I cannot go. But, first of all, for here, I need to do something. To plan my future, yeah, truly speaking, I need to do something, maybe in Africa. Maybe your dream, to fulfill your dream, it's not easy, yeah, to do in Africa. But, I cannot tell, maybe they don't have money or something like that, yeah, I didn't know that. But, every, money is everywhere, yeah. So, some kind of work is work, in Africa, to have it, that's not easy. Maybe in here, if you want to do work, you need to go there and learn about the work.

But, sometimes, yeah, but not everybody can do that. Because, when your background is not good, you cannot do that sort of thing of life, to plan your life there, yeah. Because, when you don't have, your background don't have money, nobody will sponsor you to fulfill your dream, yeah.

Maybe even football there, sometimes, you will see good footballer, but after, you will see him to go to work, yeah. So, the football will be end, because he don't have anyone who can help him to do something about academy or something like that. So, you need, because in future, you need to be a family man, so you need to do something earlier. It's more important than to do it lately. You understand?

When I was young, you need to do something. Yes. Then, when I was, even when I was a boy, maybe 15, 16, 17, you need to start work, you have to plan before you have 18, because I think when you have 18, you need to stay with yourself. Yeah, in Europe, maybe in Africa, maybe you can stay with your family more than 40 years. Yeah, you can stay with your father and your mother, the same compound. That's not a big problem. But in Europe, because some people are in Europe, when they came to the holidays in Gambia, they always stay like this. In Europe, when you have 18 years, you need to stay with alone and to go to work for your life, to plan your life. Nobody will help you about that. Maybe when you have 15, 16, 17, you can stay with somewhere, people can help you, a lot of things. After that, you will stay with yourself to do work or something like that.

Inv – In Africa, can people stay more time with their family?

B – Yeah, you can stay with your family more than even 40 years. You can stay with your father, your mother, coming from the same house or the same compound. Yeah. You and your wife can stay with your father, no problem. But for the girl, daughter, when you get married, you will go for your husband's house. Yeah, you don't need to stay with your mother or your father.

Inv – And you shared with me that, in Africa, when boys are 14/15 years old, they need to start planning their lives.

B – Yeah, yeah.

Inv – Because they need to help their families.

B – Yeah, for sure. Okay. Sometimes even 10 years, even 10 years, 12, 13, yeah. It depends. It depends on the family, yeah. Sometimes you need to start, when you come right now, I'm coming from school, so when I eat lunch, I prepare to go to work. Yeah. To train about the work. Because now I'm in school. So when I, the time I was finishing school, that's the time I will do a lot of things, works. I think you understand it. Maybe you can do it even 10 years to 17. Yeah, you can start to work. To do something good. To achieve your dream.

Inv – And what do you think is different between Gambia and Portugal?

B – Yeah. I think here is more, more easier than to do works than Africa. Because in here, you need the learn. You need the learn, the work, and you can do it. But in Africa, some people are learning about the work, but not everyone learn about the work. Yeah, for sure, because maybe if someone know about the work, yeah, in there, I can go with him. I did not go to school for about the work. I can go with him anywhere he go. Sometimes he can explain it to me. Yeah, so, it's left to me, it's left to me to whatever I see in my head. When I grow up myself, I can do it. Yeah, it's about not, everyone not go to about school to learn about the work in Africa. But I think here, you can learn about the work and after you can do it. You can do it. Because in Africa, you can have a certificate for the work. I think here also, but I don't know about anything to say. I know here, you can do the work, for sure. But to have a certificate, I didn't know anything about that.

Yeah, because even in football, if you play a good game, when the season is finished, you can have your certificate because of your good performance. Yeah, so maybe I think so, maybe in the work, we have that option. Yeah, so that's all.

Inv – What are your memories about Gambia, memories that you have about your old life in Gambia? And what do you feel you need, something you need and can't find in Portugal?

B – Well, okay. There, maybe I can explain something.

You see, when I was in the Gambia, I can't find something there in Portugal. I don't have something there. Maybe I have something there, but in the Gambia, it's not here.

What I see from here, it's not Gambia.

Yeah, because it's life. When you come from your home, from your own country, when you go to another country, you start a new life there. Yeah, because in Portugal, I cannot tell anything about Portugal. I know I'm here in Nazaré. Maybe I can tell something. I don't do a lot of things. Here, I go to the beach side, I dive, I go to school. I go to school in Alcobaça. After I come, I sometimes I do cooking, sometimes no cooking. And I sleep just like that. Yeah, because I don't want to go far. To go every day far from here. No, no, no, I don't like it. Maybe even in Africa. So, far from my house? No, no, no, I don't like it. I always like to stay at home with my parents. Yeah, to talk a little bit. That's not a big problem. Yeah.

Inv – So you don't miss anything? Since you've been here, don't you miss anything about your old life?

B – Yeah, because there, I would say maybe football. In Africa, I always like to go to football. I train for the team. Every day, yeah. Every day, I also go to the field to train. But here, I did not train here. So, about the team or field? Yeah, only thing I have to do here, only the big side. So, I go and I keep doing it. Yeah, for my health. That's all. Yeah. But in Africa, I always do football. Every time. Yeah.

For the time I was in Africa, I always liked football. I always liked football. But now, sometimes in my mind, I don't remember any football. Because right now, I'm in Portugal. I'm not in Gambia. So maybe in Gambia, I know somewhere to go and play football. After I come back home. But here, I cannot tell. Here, I know it. Only, I think here, Nazaré. Nazaré, not all of Nazaré. Maybe in here, yeah. Even the player's name, I didn't know the player's name. Yeah.

Inv – How do you return to the past? Or would you rather not go back to the past?

B – No, no. I don't understand.

Inv – When you think about the past, your memory, how do you go back to the past, to remember the things that happened, that you experienced? Or do you prefer, do you choose not to think about the past and not to return to the past?

Inv – Yeah, because I cannot think anything about the past. Yeah. Maybe a lot of things are going by. I cannot think about that. Yeah. Because I cannot stay with my father a long time. Because I think my father was dead since 2015 or 2014, the time I was young. So I cannot tell, because in Africa, maybe when you have a father, you can tell your father with more conviction to tell about the world and the past. He can tell you about the story of the village, of the century. You can remember that. But for me, I cannot tell my father that time, because at that time I was young. So at that time, my father was sick. And he didn't have help. I think he had cancer. After that, he died.

Inv – When I say past, it's not your family's past, it's your past.

B – Yeah, for myself, yeah. Yeah, it was for myself. At the time I was there, I needed to do everything for my father to do. Yeah, for the work. To go to the farm. You understand farm? When the rainy season is starting. You can buy ground oats. To cook...To plant in ground oats. Rice. I think you understand? So that's the time we are doing, yeah. With my father. I couldn't do much of it there because I was young.

So when you was young, they don't need to force you to do the thing. If you want, you can do it. If you don't want, no. It's your... It's left to you. But when you have maybe 30 or 40 years, yeah, you need to do it by force. Because I think that time, you have a wife, have your children. So you need to feed your children, to eat something, yeah. So it's the most important thing in there, to grow up like that. If not that, you will not eat. Yeah. It's not because I think it's here. Maybe the rainy season is not here. I always see the rain is coming here. But in Africa, I have a rainy season. Maybe that time in July. Maybe three months or four months, the rainy season. After this, the dry season will come. Yeah, now it's dry season in Gambia. That you grow in rainy season, you can pack it. Maybe you have more, more, more. You can

pack it. After dry season, you can eat it. Maybe the time dry season is close, close, you will go to rainy season, and now you can start farming. Top land, yeah.

[...]

Maybe in Africa, they don't... Everybody not stay in... Everybody not stay in village. Yeah. And in Africa, maybe when you go to the village, you will see a lot of booths around the village. Come, sometimes village, they will count house, maybe 10 house, one village, or 100 house in village.

Yeah, so that's not a big village. You can see around there booths, so they will plan about your life there.

Some people are going to the city, yeah, for sure. Maybe, when you grow up, yeah, maybe your father will send you to city.

So, maybe if your father know someone there, he can send you to there, and you can go there. So, do some works or to go to school, because I think the city is more comfortable than the village. Because when you are in village, you will do work, work, farming, yeah, only that you can survive your life.

But maybe when you are in city, you can do painting, carpentering, mason, you can do plumbing, or some works, yeah, if you want.

I cannot remember everything. See, that's not easy. When you cross the border, the river to Europe, sometimes to remember things is difficult, yeah.

That's why I'm telling you yesterday, because when you are in city to cross Africa to Europe, sometimes your mind was going, yeah, because you don't think anything, yeah. Because you are in river, you don't see any compound, you will never see any casa. See, you will never see any tree. Yeah, you will never see. So you will see only the river. So sometimes people are always there to talk, talk, talk.

They don't understand why they talk, because the mind is not there, yeah. They will frustrate. They don't know what they can do. You will see some people are there to talk, talk. After that, you will see they swim in the water.

Inv – Did they get off the boat?

B – Yeah. When you die there, nobody will help you.

No, because it's not well at that time, yeah. It's not well, because some people are coming to here, yeah. It's a story, cannot tell about your whole story, because you don't remember everything when you come from the sea, yeah.

So that is the big, more problem, yeah. Because in Africa, to achieve your future is not that easy. For sure, it's not that easy. You can do it, yeah, sometimes you can do it. Yeah, because if you want to do some works, you will fulfill your dream to become a rich man, or something like, if you want. Because in the

world, you need to do whatever you want for your future. Not everyone, everybody, everyone can force you to do this. No, that's the thing, you don't want to do it, I cannot force you, and you cannot force me to do this. In society, yeah, in the world, yeah.

Yeah, maybe in Gambia. Sometimes, the family works, yeah. So, force you to do work there, yeah, for sure. Or when your father doesn't have, maybe, a lot of children, daughters or sons, yeah, you need to do work to help your father. Yeah, because that time your father was quite old, so you need to help your father to achieve something, yeah, for your better future.

[...]

That's why I tell you, my relationship with my mother is good, yeah, it's good. But sometimes in Africa, your parents did not help you, because when you sit at home, you don't go to work, you don't go to anything, in the future, what will you do?

You will not do anything. So, I think for me, sometimes your parents need to tell you something to do, for your future, you can have a better life. Yeah, but if maybe when you live like this, you can go for you, anywhere you want to go, you can go, you can come back.

When you eat, you can eat. You don't do work, you don't do anything, I think he is not helping you. Yeah, but in the future, when you are maybe 20 or 25, 30, you need to build something, you need to do something for yourself, yeah, some people may help you.

You need to buy maybe a house to stay, and your mother will be proud of you. Yeah, because when you do work good, you have a lot of money, you buy a home, you do something, your mother will feel happy. They will think in the first time, I don't have this, so now I have my son, they do like this, so now I sleep with confidence, and I eat what I want. So that is the more better, for my opinion.

Inv – You shared that during your boat trip from Senegal to Spain some people lost their minds. Did this happen to you?

B – Yeah, a lot of people, they lose their mind. But for me, yeah, I see... I cannot talk to anyone, because I'm from Gambia. I think the boat is from Senegal. Senegal is there. For me, I'm the one from Gambia. So sometimes Senegal, they speak the language in Wolof. I speak Wolof in Gambian Wolof, not Senegal Wolof. So that is the problem.

For me, I speak English, but Senegalese don't speak English. They speak French. For me, I don't know how to speak French. Maybe I think I can speak only one word in French. So, for that, I cannot talk to anyone, because I don't know how to tell them. Yeah.

Inv – You are currently in Portugal, but sometimes you may find yourself thinking about your home country. What is your opinion on this and what are your strategies for finding happiness here?

B – I don't understand what you want to explain.

Inv – So you are here now, but sometimes you may think about your old life in the Gambia. You left Gambia and that life. What is your opinion on this and what are your strategies for finding happiness here?

B – Yeah. Gambia, Portugal, they are not easy. But I was in Gambia, yeah, to do things I like. But here, I'm in new life. So, to come to another life, new life, you cannot do things what you want right now. Maybe, when I'm here, maybe one or two years, yeah, I can tell a lot of things here. Here is good or not good. For me, I'm comfortable or I'm not comfortable. Well, right now, I cannot tell anything, because I'm here only, I think, only two or three months, I'm here in Portugal. Yeah, now. So, in Africa, I'm there almost one year, so starting 17 years there, and I left there to come to Europe. So, now it's almost though I have 18 years.

Yeah, I think maybe not a lot of months there, to have my 18 years. So, that's the reason why I cannot tell anything about that. Because in there, I'm growing there to 17. After that, I came here. So, here I was two or three months, yeah. But right now, I feel comfortable.

Yeah, I feel happy, because people are good. Yeah, that is why even the street, when you see the people, you ask him, I need to go to this place. Yeah, everything. He can tell you or she tell you about the way you are going. But in one day, I came to the bus stop. So, I don't have, that time I don't have card. So, the ticket was late for me. So, when I came there, the bus driver says, you don't have ticket and you don't have card. So, that day, so I was left there, but I don't know where I will come here. See, because there, I don't know there much. So, I am asking people in the street, I need to go to the church.

So, I need to come back home after, I can tell it here, yeah. So, I don't know the way, I'm coming from the bus stop to here. So, in the street, I ask people, I need to go to church here. Yeah, so, the church is not far from here. So, I tell them, I need to go to the church, yeah.

Yeah. So when I find a church, I came here. So that's why I say people are here, good people. But maybe even Africa, some country, when you go there, when you ask people to, you want to go somewhere, you ask people, they don't listen to you. They don't tell you anything about you.

Because I think when I ask the, it's a grandmother. Yeah, I am asking about grandmother. So, she said to me, go this way. So that's the time I came here, and I explained it here, and then I'm going back to school.

Inv – When you think about the past how do you feel?

B – I'm suffering there for the boat. Yeah, in past years, for my family, I will tell you, my family, we don't have any rich man there.

Maybe in Africa you can have a big family. Yeah, but there, some families are very big. Maybe when you have your father, your father will have a brother or sister, you deserve more. That's all part of your family. So maybe when you grow up, they can separate to stay with yourself. You can stay with yourself, with

your family, your casa. And then someone can stay with your family at the casa. Different casa, different casa. So, they're all part of your family.

Maybe when the one family have a better life, if you want, you can support your brother. If you don't want, you cannot support him. Yeah. So that's the difference, you know. Yeah. Because in Europe, I cannot tell anything about Europe. I don't know. The things are going. I did not see any family man here to explain about the life, his past or his present. So, I cannot tell about that. But for me, it's my dream, yeah, to have something that my mother don't have it. But now because I don't have father, because now sometimes when **I see that I'm thinking about my father. Yeah, I feel some cry, yeah.** I cannot tell anyone, but I feel it sometimes. So that's it, yeah. Even my father, I don't have any picture of my father in my phone. I cannot put it in my phone. Because I cannot look like. Yeah, when I see it, I always feel something. So that's why I always, when I have it, I delete it all from my phone. Yeah. Because maybe when my mom send me to my father picture, yeah, I will send my mom. It's okay, no problem. But for me, I will delete it all because I cannot see it. And sometimes when I do like right now to see my father picture, maybe when I go to sleep, I cannot sleep. When I go to bed, I cannot sleep all night. Because my mind will always think my father. So that's the thing.

So, for me, I need to do something to help my mother about the situation she have now to get about that. I need to plan a better life for my mother. Yeah, that's my dream, yeah.

When I do that, my mother will always feel happy for me. Yeah, because she always tell this thing from my son. So, she is always proud of me about to do something. Yeah. It's not easy. It's not easy to have something. Yeah, for sure. So, life is just about that.

Maybe sometimes when I explain about my story, people will think I'm telling lie. Oh, that's not a true story. But for my opinion, what I know, I'm telling. That I know. Only the thing I'm telling. Yeah.

So maybe that I'm saying to you, some people are good, some people are not good. Some people need to, when you tell something, they need to against you. So, some people need to encourage you to do something for your better life in future.

Yeah, because in future, nobody knows what is come.

Inv – Do some people need to encourage you to have a better life?

B – Yeah, to do something achieve that you want. Maybe if you want to do work, they will push you to do work, good work in future to have better life. Maybe when you want to play football or volleyball or tennis.

So, it's left to you, anything you want. **Because it's not easy. Maybe in Europe and Africa, they are quite different.** Maybe when you don't go to Africa, maybe you don't know anything about Africa. But when you go to Africa, some continents, you will know. The people said here is the world, is the correct world. But maybe when you don't go to Africa, you cannot. Because when I'm saying something, maybe you will

think I'm joking or I'm doing like something, to have something. Not like that. It's not easy, yeah, for sure. Because no.

I understand that this is the most important interview. To ask me about my past, my life situation. And now, it's not the same. So that's why I'm telling you, now I'm feeling happy. When I'm here, I feel good. I feel good.

I didn't have to buy food. Every day I eat food here. And I sleep well. They help me with something. To go to school. For me, it's a blessing.

I cannot tell you anything, something about that world. Maybe when you are here, you cannot know anything about Africa. But when you go to Africa, you will see. You will see a lot of things. So that's why I'm telling you, it's good. It's a blessing, for sure. So I feel always happy. When I see some guys, I feel happy, for sure.

[...]

B – Not everyone, but some people don't understand. If I sit with you, I need to put my eyes in your eyes. But in Africa, when someone talk to you and is older than you, you don't need to put your eyes in their eyes. If you are young, you don't need to put your eyes in their eyes. No. You need to sit like this, and he or she can ask you, and you can reply the word. [...] When they talk to you, when you do like this, they think maybe you are guilty, but it's not. In our culture, you don't do like this.

Yeah, in our culture, in our society, they don't like it. If the person is older than you, when you do it, he will tell you something. Yeah, he will tell you something. Or she will tell you something. So, that's why in African people, they don't want to look in someone who is older than, to look at high eyes. It's normal. I think in Europe it's normal. But in Africa, you don't do it.

We are not the same culture. So, that's why sometimes when I sit like this, when someone is asking me, I cannot see and put my eyes in her eyes. Yeah, I cannot do it.

That is my... My father think like me, this, and my mother think like this. If someone is older than you, to ask you, don't put your eyes like eyes. It's not a good sign for young one. Yeah, because in Africa, when you do something, you have a little sister or little brother, they will do it. Yeah, when you see you are elder, you do this, your brother will do it. They will teach the young brothers. Yeah, they will teach the young brothers. Yeah. If you are going somewhere, you can go with your young brothers. Yeah, even your sisters, you can go with your sisters. But for me, I have two sisters. So, even me and sisters, yeah, I have a good relationship, all of them, with my mom. Yeah, but now my sister, two sisters, they are getting married now. They all have a husband. So, now my mother is only there. So, that's why.

Inv – Does your mother live alone now?

B – She lives with my sister's daughter.

Yeah, that I'm telling you, she lives with her. In Africa, it's not a problem. Yeah. To live with your grandmother, no, that's not a problem there. Because when your grandmother lives alone, or your mother lives alone, if you have children, you need to give your children to stay with your mother. To stay with your mother, that's not a problem in Africa.

Yeah, so your mother will teach everything about life and she will take care of him to go to school. Yeah, to do something, to grow life. Yeah, maybe when he is 20 or 18, if you have a husband, you can get married. Yeah, for sure. But maybe the life is not equal here in Europe and Africa. They are different.

Yeah, it's different. But here, I think, if you want to marry, you can marry. If you don't want, it's left to you.

In Africa, maybe when you have 25, 30 years, yeah, you can get married for your family, to plan your family for the future. Yeah, maybe when you grow up, your children will help you to do something for your father, in the past. We always want, in the future, to have a better future. So that's all.

Inv – You said that some people need to encourage you to have a better life. Who are these people?

B – Yeah, that's what I'm saying. When someone sees you, you are doing good things, he will encourage you to do good things.

Inv – But here or in Gambia?

B – In Gambia. Here, I don't know anything about people, because in Africa, when you do something good, people will tell you you can do it for your future. And if you do it, you will make it.

Inv – Do you know these people or are they people that you don't know?

B – Even if you don't know anyone, yeah, if you don't know, because some people are good for sure, very, very good. When you see a young boy or young girl, so that they do running, maybe when he asks you or she asks you, what do you want in your future? When you tell him, I like to do this, I like to do this, they encourage you to do it. Yeah, to do it. So, that time you need to be patient, take patience, and do little easy, easy. If you do easy, easy, you will have what you want. Yeah, for sure. But if you see you think, now I don't know how to do. Ah, it's not correct. You need to do something for your better, in future, not now, for future, to have better life with your family. But now, when I sit like this, I go where 20, 18, 40, 30, I don't do any work, how can I plan about my life? It will not work, because I cannot plan my life.

If you don't have anything, you don't plan anything in your life, you will suffer. So you need to plan something earlier, I think, for me, it's more better than to plan something when you grow up more than 25, 30. If you don't have family, that will be difficult. But maybe now, when you plan something, 2 or 3 years, you can have something, something to change your life. I think so.

Inv – When you think about your past, you might feel something. What do you do to deal with that feeling?

B – This is the thing you need to plan to do something, to do something work. When you have some good work and you do it and you have some kind of money, you have it, you will forget about the past because it's past already. You think about in future because it's past.

You are in present, in future. You will think about your future. I think in world it's still instead of past, present, future. So, when you achieve now something, you have what you want, you will forget about the past. So now you are in present, you need to think about my future, for my family. Because you are suffering, you don't help everybody you don't want.

You are suffering but you don't want your family to suffer. You want your family to have a good life. But for you, you are suffering. But when you are suffering now, you need to do something to achieve something to have in future, better life with your family. If you don't explain with your family I'm suffering in past, they will not know anything about that. So when you have something, you have family, maybe in your family, they don't suffer, they can't suffer.

Maybe it's not easy. That's what I told you when I told you in Africa, maybe you didn't understand about that. But in Africa, some families are suffering. Maybe even in Europe, I see some people sleeping on the street. It was the time I came in Lisbon, for me also. I slept there for the bus stop. When I came there around two or one late night, I didn't know where I will go to find for myself because I didn't know anyone here.

I came here, it's my dream to go to Portugal. And I hear everyone, people from here to Africa, they always say Portugal is a beautiful country. So that the time I decided I will go there. So, when I came to Spain, I told them, for me I'm not in here to stay. I'm likely to go to Portugal. To stay, to have my better future. That is my plan. Not to stay in Spain. That's why I decided to live there and I came here. Because Spain is Europe, Portugal is Europe. But for me, for my decision, nobody will take my decision. For me, I will take my own decision. What I want in my life career. So, I think that's it.

Because I was in the camp. Because when you come from Africa, when the war is end, in Spain, they need to help us to stay with some house. And there, they ask you, do you know people here? Or you don't know people here? Or you want to go to different country? If you want to go to maybe Alemanha or Holland. They ask you which country you want to go. So, when you tell them they can buy ticket for you, then you can go. So, for me, I decided to come here. Because some people are there to go to France, Holland, Germany. If you want to go anywhere, they can buy ticket for you and you can go alone. So that is the time I decided to come here. Yeah.

Inv – You have the Gambian culture, now you live in Portugal and you have the Portuguese culture. Do you think that you bring something of Gambian culture to Portugal?

B – For me, it is not my problem about culture. Even school, even my teacher, she always ask about our culture. Yeah, because we do computer there. To put your culture, to put your music. Yeah, we do it there in arts. Every day we are doing Tuesday and Friday. Yeah, Tuesday and Friday we do computer. No, I think Friday, Friday. Friday we do computer. About your culture, in your country, yeah. Because I think in

our class we have Russian, Gambian, Senegalese. The one from India, yeah. So she can ask about your culture, everybody, yeah. What about your culture? You can write it in computer and you can describe with some words about your culture. And you in your country about food, in your country the food you eat, yeah. So, she can ask every time, maybe I have two type of we have computer, we have arts class. Yeah, today the computer class who think in computer is not coming, it's not coming today. It's not there.

Inv – But do you think that you bring something of Gambian culture to Portugal?

B – For me in my culture, I don't say much of thing about my culture. I don't know everything about my culture. Maybe when you see people older than me maybe they can tell about more about culture, but for me I don't know much of thing. Maybe when I see it in mobile I can check it and that time I can read it to see how is my culture. But after that I cannot tell anything about that.

[...]

I feel happy. Even because I think in Africa yeah I do culture thing but the way we do it we don't do like that in Africa. In our culture sometimes we do certain thing with myself and my friends. Because in Africa to sit with your friends not a problem. Maybe that time you are 10 or 15 you can sit with your friends to chat.

Even maybe in school if you have break time you can sit if you have afternoon time you can go to the field to train to do something for your happiness. Yeah. Because when you are in Africa you want to go to the field when your parents told you did not go anywhere you will feel cry. Yeah, you don't feel comfortable. So you always cry. But when you go out with your friends yeah, you always feel happy. Yeah, for sure. For me I stay with alone sometimes but not always. But sometimes I feel like to stay with myself alone. Because I don't have anyone with problem that's not a good problem. No quarrel no fighting so I'm just simple. To sit with to laugh with each other that's not a big problem.

Yeah. Maybe in Europe I hear the word maybe some people say if you have here 18 or some 20 you can sit with yourself for a long yeah, nobody will disturb you to do this, to do this. If you feel, you can do it. If you don't feel, it's left to you. Well, for me for myself if everybody want to plan your life in future you are in present, in future you need to plan something. Because if you know that if you see someone have something in future, you will regret why I sit I don't go to work or to do like something I see this guy because I'm older than him or older than her so now is good life for me now I'm struggling. When you see the people do good thing because you are older than the people, you are older than he or she, but now we have good life. So when you see it like this you don't go to work, you don't go to school, you don't achieve anything, so in future you are suffer you will be suffer. So you will see the people, you will see the guy doing good thing, you don't have anything to do and you are older than him or her. So that's for me it's not good. So that's why I'm telling you need to do something earlier more better than to do things lately. I think you understand.

[...]

I know I'm from Gambia, for sure. For me, I need to learn about the language here because now I'm in Portugal, so when I learn the language I understand more, I will do something more here. So maybe even when I'm going to Africa, when I see someone from Portugal I can talk with him or her, maybe sometimes people will look me about the way I'm talking about the language. Because in Africa sometimes they come in Europe to speak a language in Europe they always want to listen to you about the language you speak, they always want to hear that from you, sometimes you see people will come and ask you, maybe if you know one word in some language he can ask you, so when you tell the language they will always feel happy about your language, they will tell you this man or this boy he can speak more languages than us. For me, the language I need to speak for sure the Portuguese language I need it, I will try to do my best to speak the language.

Inv – Do you think that you prefer to adopt Portuguese culture and forget Gambian culture or do you prefer to adopt Gambian culture and not accept Portuguese culture or do you prefer conciliate the two cultures, like putting them to work together?

B – For sure that is what I am saying I am coming from Gambia so if I tell you I will leave all the Gambian culture maybe I can't do it. So, in Portugal, I like it but now I am here I am not in my country so to forget about my culture it will be very difficult for me very difficult, but here I will accept. Even my teacher, she always explain about the culture here, the Portuguese culture, but I don't know much for now. Because now is the time I am here almost 2 months here, so maybe when I am here one or two years I can know a lot of culture in here, because the time when I am here maybe one or two I can speak more language than right now. [...] the two can work together.

Inv – How do you make the connection between your life in Gambia and your life in Portugal, between Gambian culture and Portuguese culture?

[...]

B – Because now I'm here I'm in Portugal, I'm not in Gambia but I'm from Gambia. When everyone see me, they will know I'm a Gambian, a lot of people here so when they see you they will know what country you are from, most of them are speaking your language because in Gambia we are always speaking English. That's why we are colonized from England, that's why in Gambia you need to speak English, anywhere you go you need to speak English. So you asked me about my culture and here, maybe I accept here and I left for my culture, so I'm telling the one you asked me, what you are asking me about my culture and Portugal culture, to love one culture, to accept one culture or to join it together. So that's why I'm telling that's the answer I give to you, to connect it together I think more easier than me to love this one or to accept this one.

You asked me about my old life, I'm here now, no I cannot forget about old sometimes, I will remember something because when I have something here to do I will remember in past, I'm not doing this thing but now I'm doing. It's a memory for me. Maybe when I grow up, when I'm here to do something better for my future so I can, when I see myself, I can ask about myself but in first time I cannot act like this, but

now I'm getting better in my life. So, when I do that I always feel proud for myself. Yeah, I'm proud about Portugal because in Africa I don't do this, but in Portugal I do it and I keep it and I fulfill my dream, so that's the most happiness for me. Yeah, so that's why I'm happy for everything. I'm happy about the climate, the situation. Yeah. For me I'm happy.

[...]

When I have something here, I need to help my mother. Yeah. Because I will never forget my mother, nobody will replace your mother in this life, no. So mother is your mother, if you have something nobody can pay your mother, because he take so many difficulties since you are young. She take care of you to have a boy to grow up, to do something, to wash your clothes, to feed you for food. So nobody will pay your mother, no. If you give you something that's your opinion, but you will never fulfill your mother, you can give you something, your mother proud of you and to have happiness. If you have it but if you don't have anything, you cannot do something like that and you cannot. If you want something but you don't have it, no. Now nobody will give you something, you need to do for yourself and you can have it for yourself so that's all.

[Conclusão. Agradecimento pela participação].

APÊNDICE 11 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO ENTREVISTADO C, JOVEM ACOLHIDO NA CAE

Data da Entrevista: 17 de abril de 2024

Local: Gabinete de trabalho da equipa técnica da Casa de Acolhimento Especializado

[Introdução. Explicação dos objetivos da entrevista. Ambientação para uma entrevista como conversa].

Investigadora (Inv) – Talk about your relationship and your connection with your family.

Entrevistado C (C) – All is normal. I talk to my family. If my family need to talk to me, call me. If my father or my brother need to talk to me, he call me.

Inv – And do you think you are close to your family? Do you think you are still close to them?

C – Yes.

Inv – Can you share a good memory that you have with your family?

C – Because when I live in my home, if everything happens in my house, If everything happens in my father's house, I know. He call me, this is like this. If everything happens, I understand everything. Every time I talk to my sister, my brother and my father.

Inv – And who do you talk the most?

C – My father and my mother. All. Sometimes I make a video call to see my brother, my father and my mother.

Inv – Talk about what everyday life was like in your home country.

C – When I leave my country, I go to school. After, I help my mom. Every morning, I wake up at night, like 6, 7, 4. I go there to help my mom. I come home after I go to shower. Sometimes I go to play football.

Inv – Do you have friends in Gambia?

C – Yes.

Inv – In Gambia, what did you do with your friends?

C – My friends, I go with my friends to school. After home, play football like this.

Inv – Could you talk about your decision to leave your home country?

C – Because I was born there. When I was born there, I saw my mother and my father. I lived there.

[...]

Like, when I leave my country, it's a family problem. Like, I leave my country. Because my family is not my house, my father's house. It's not my father's only house. Like, it's a family house. Like, big house. Yeah, yeah. Sometimes make a problem. It's not safe. That's why I leave my country.

Inv – It's not safe for you, but did you have problems with someone?

C – Yeah. No, because some, my father, brother. Because my father have three brother. One brother is not, is not, is not all right. Sometimes he want to kill someone, like me. Like, sometimes he do fight, like that.

Inv – Were you the one who decided to leave your home country?

C – Yeah, yeah.

Inv – Did your family knew that you wanted to leave?

C – No, I go. After my father and my mother know that.

Inv – Did anyone know about your decision?

C – Yeah, my friend.

Inv – Are you close to this friend? Do you still talk to him?

C – Yeah. Yeah, every week, two weeks.

Inv – Describe your journey from your home country to Portugal.

C – Yeah. When I leave my country, I come here, Portugal. Yeah.

I do some work in my journey, yeah. If I have money, I go to another country.

Like, when I leave Gambia, I go to Mali. After Mali, I go to Libya. Like Libya, Italy, I come here.

Inv – Can you describe how you went to the different countries and the names of the countries that you stayed in?

C – Yeah, I live in Mali.

Inv – You were in Gambia and then where did you go?

C – Yeah, Mali. After Mali, I go to Libya. After Libya, I go to Italy, France, Spain, I come here, Portugal.

Inv – How did you make the trip?

C – Bus, when I leave my country, bus, Mali, bus. Libya and Italy, barco. After barco, Italy, in France, bus, bus, France in Spain, bus, Spain in Portugal, bus.

Inv – And did someone help you?

C – No, when I walk in Mali and in Italy, and Libya, I have money, I pay. Sometimes my family help me, but it's not okay for me, yeah.

Inv – You said that sometimes during your trip you paid someone.

C – Yeah, yeah.

Inv – And what did this person do?

C – Like, I pay pass, like if I go to, like, live in Gambia, like bus, I pay.

Inv – Did you buy tickets?

C – Yeah, ticket, yeah.

Inv – You told me that sometimes your family helped you. How did they help you?

C – Like, one day if my family help me, that day I don't have nothing. I have my telephone, I have telephone, I call my father, my father help me. Because I live in Mali in my friend's house. My friend, because that friend, he live in Gambia. He go to Gambia to live after. When I go to Libya, Mali, I call, I tell my friend, I live in Mali. He say, if you live in Mali, you can go and my father compound. My friend father house.

Inv – Did you have help from other people?

C – No.

Inv – How was the trip?

C – I have sometimes difficult, yes. But it's not like, because difficult is many. Sometimes difficult for your body or your health. But like someone, like, because some people have a problem in someone to kidnap. Like that, kidnap. But I don't have that in my journey, yeah.

Inv – But did you experience some difficulties?

C – Because if you, if you, if you live in your family, in your family, you have fear. Because sometimes you see some people in father and mother, he sit in one place, he laughing, he do anything. But if you live in your family, you don't have that.

Inv – Do you miss it?

C – Yeah.

Inv – During the trip, did you suffer any violence?

C – No.

Inv – And in Gambia?

C – Gambia, yeah. That's why I, I, I came here. Like, that problem is a family issue, yeah. [...] Sometimes he, he, he see, like, he, he work, if you, brain is, I don't know what I say in English.

He come, he take faca. He say, I kill you. Then I run.

Inv – Did you feel scared at this point?

C – Yeah.

Inv – Were you always scared?

C – Yes, yes.

Inv – Talk about the reasons that led you to choose Portugal to build your new life.

C – Because I feel Portugal is nice country. That's why I choose in Portugal. I think if I live in Portugal, I can do my life good, yeah. In, in good way.

Inv – Did you already have an idea of Portugal when you were in Gambia?

C – Yeah. Because when I'm in Gambia, I hear, like, Ronaldo. He best player, yeah. I like Ronaldo when I'm in Gambia. That's why I like Portugal. Yeah.

Inv – Describe what everyday life is like in Portugal.

C – No, I don't understand.

Inv – It's for you to describe what you do every day.

C – I go to school. Yeah, sometimes I go to work, to learn trabalho. Like this. Like I study in here. Sometimes I do cozinhar, yeah. Like this. Sometimes I look film.

Inv – Sometimes you go to work. Learn the job. What is the job?

C – Plumber.

Inv – You like?

C – Yeah.

Inv – Do you work and study or do you study and are learning how to do this work?

C – I study to learn, learn like practical, practical.

Inv – And what do you do in your free time besides watching movies?

C – Yeah, I take my telephone, like TikTok. Sometimes I talk to my family.

Inv – Have you made friends here?

C – No, I don't have friend in here.

Inv – Do you already have someone that you consider to be important to you here?

C – All. All people in here, like my friend, I like because I have Gambian people and my Congo people. That's yes. And Senegal, Senegal. [...] If I need this, I sit here all and talk to my friends, this all. But I don't have a like friend is close to me.

Inv – Talk about your opinion about Portugal and how you feel here.

C – I feel good thing. Yeah. Good life, I feel. If I live in here, I have good life, yeah.

Inv – And what is your opinion about Portugal?

C – My opinion, like, that I don't understand, like, for example.

Inv – What do you think of Portugal?

C – Like, Portugal, I think Portugal is nice country. Yeah. I can live in here, yeah, and my family, yeah. I think that is good for me, yeah.

Inv – Do you think Portugal is part of your life project?

C – Yes, yes. I work here, I stay here.

Inv – Do you think that you will be able to return to Gambia one day or do you want to stay here?

C – No, I don't return in Gambia, but maybe like vacations, I can go Gambia, like, two months, one month, if I return in Portugal, yeah.

Inv – Talk about your home country, your old life and what was important to you.

C – I live in Gambia, I go to school, because school is important for me, yeah. And help my mom like garden. That's why it's very important for me in my life, yeah.

Inv – And do you have memories about your old life in Gambia? Are they good memories or are they bad memories?

C – Good, no, no, no. I can't say, I cannot say all like 85% is good or 80%, yeah.

Inv – Do you feel like you need something that you can't find in Portugal?

C – No, I can't, if I start to work, I have money, I have all, I can't find all in here, yeah.

Inv – Sometimes you mentally travel back to your old life in Gambia. How do you do that? What do you remember about your old life?

C – Like, because me, my mom love me, sometimes I sit and my mom laughing [...]. Sometimes, if my mom go out, she see something beautiful, she bring for me, yeah.

Inv – And do you see photos or videos of your family?

C – Yeah, yes, yes.

Inv – And how do you return to the past? Or would you rather not go back and not think about the past?

C – Yeah. Like difficulty, like that, yeah. Because, I say, sometimes I think my family and my brother and my sister, like that. But some things, I don't think about that.

[...]

Inv – You are currently in Portugal, but sometimes you may find yourself thinking about your home country. Comment on this phrase and discuss your strategies for finding happiness here.

[...]

C – I live in my country. I live in... Right now, I live in here. Yeah. I... Sometimes, I think my country, when I live in my country, my life in my country, I live in there. I think for my... When I live, I do this, I do this. Yeah. [...] And I think my friend. Because, sometimes, I go to my friend's house, compound. Sometimes, my friend come to my house to do shawarma. Yeah, sometimes, I do that. Sometimes, I go play football. I do many things, yeah.

Inv – How do you feel about the things you just told me?

C – Sometimes, I miss. Yes.

Inv – And how can you find happiness here?

C – I go... I want to work, to have money, good life in here, and happiness in here, yeah.

Inv – How do you feel here?

C – Good.

Inv – How do you feel when you think about the past?

C – Sometimes, if I think some past, I feel hurt. Yeah, yeah. It's pain. Sometimes, I think good thing for my memory, like my father, my mother, yeah.

Inv – And how do you reduce that pain?

C – If I sit for myself, I think that thing is gone. [...] I take my telephone to go TikTok. WhatsApp to talk to my family. Like this.

Inv – Do you think that you bring something of Gambian culture to Portugal?

C – [...] Yes, like a cook, I can cook for myself like a Gambian cook.

Inv – Do you think that you prefer to adopt Portuguese culture and forget Gambian culture, or do you prefer to adopt Gambian culture and not accept Portuguese culture, or do you prefer conciliate the two cultures, like putting them to work together?

C – Yeah, to... All, like Gambian and Portuguese culture, to do all.

Inv – How do you make the connection between your life in Gambia and your life in Portugal, between Gambian culture and Portuguese culture?

C – Like if I live in here, I have son, I can tell my son in like the teach Gambian culture and Portuguese culture, yes.

I can connect like, for example, food. I can eat Portuguese people food, like if sometimes, like soup. I cannot... Right now, I cannot eat because I don't... But maybe I can eat soup. Because Portugal soup and Gambian soup is not the same. But I can eat maybe after, like I can eat hamburger because when I come here, hamburger is good for me. I eat hamburger. I can eat soup, I can try little, little, little, little, after I can eat.

[Conclusão. Agradecimento pela participação].

APÊNDICE 12 – SINOPSE DA ENTREVISTA COMO CONVERSA COM A DIRETORA TÉCNICA DA CAE

Categorias de Análise	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Caracterização Institucional	<p><i>“O acolhimento de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados decorre do compromisso assumido pelo Estado Português com a Grécia perante a Comissão Europeia.</i></p> <p><i>Em maio de 2020, a Comissão Europeia solicitou que Portugal acolhesse 500 crianças e jovens que se encontram nos campos sobrelotados na Grécia, em situação de grave perigo e especial vulnerabilidade.</i></p> <p><i>Neste sentido, foram criadas cinco casas de acolhimento especializado destinadas ao acolhimento de jovens estrangeiros não acompanhados, sendo uma delas a CAE da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré”.</i></p> <p><i>“A equipa da CAE é constituída pela diretora técnica, pela equipa técnica composta por uma assistente social e uma psicóloga, pela equipa educativa constituída por sete educadores e um intérprete e pela equipa de apoio constituída por três auxiliares de serviços gerais”.</i></p> <p><i>“A Confraria de Nossa Senhora da Nazaré possui dois Apartamentos de Autonomização e uma equipa de Autonomia Supervisionada.</i></p> <p><i>O encaminhamento para as respostas subsequentes decorre da avaliação</i></p>	<p>A diretora técnica sublinha o compromisso assumido pelo Estado Português com a Comissão Europeia para acolhimento de jovens estrangeiros não acompanhados. Foi assim que nasceu a CAE da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré.</p> <p>Constituição da equipa.</p> <p>Identificação das respostas subsequentes da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré.</p>

	<i>diagnóstica, do plano de intervenção e do projeto de vida de cada jovem”.</i>	
Crianças e Jovens Estrangeiros Não Acompanhados	<p><i>“A Casa de Acolhimento Especializado destina-se ao acolhimento de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados, com idade inferior a 18 anos, que entrem em território nacional desacompanhadas.</i></p> <p><i>A CAE destina-se ao acolhimento e integração de 12 jovens em simultâneo, pelo período considerado adequado, de acordo com o interesse superior de cada jovem”.</i></p> <p><i>“A CAE recebeu os primeiros jovens em outubro de 2020.</i></p> <p><i>No período de outubro de 2020 a abril de 2024, foram acolhidos na CAE 54 jovens.</i></p> <p><i>Foram acolhidos no âmbito do Programa Europeu de Recolocação Voluntária 37 jovens.</i></p> <p><i>A maioria dos jovens são paquistaneses e afegãos.</i></p> <p><i>Decorrente dos Movimentos Não Programados, a partir do mês de setembro de 2023 foram acolhidos 17 jovens.</i></p> <p><i>A maioria dos jovens são oriundos da Gâmbia.</i></p> <p><i>Todos os jovens são do sexo masculino. Os jovens possuem idades</i></p>	<p>Os requisitos de admissão na CAE predem-se à nacionalidade das crianças e jovens (estrangeiros), à sua idade (menores de idade) e ao facto de se encontrarem desacompanhados por um adulto que se responsabilize por estes.</p> <p>A CAE pode acolher até 12 jovens.</p> <p>Apresentação de dados estatísticos da CAE.</p> <p>Caracterização dos jovens acolhidos na CAE.</p>

	<p><i>compreendidas entre os 15 e 18 anos.</i></p> <p><i>No que se refere ao motivo de saída da CAE, a maioria dos jovens foram encaminhados para as respostas subsequentes – Apartamento de Autonomização ou Autonomia Supervisionada, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré.</i></p> <p><i>Alguns dos jovens declararam após o acolhimento que eram maiores de idade, à data de admissão na CAE pelo que foram cessadas as medidas de promoção e proteção de acolhimento residencial. Neste sentido foram celebrados protocolos de cooperação entre a Confraria de Nossa Senhora da Nazaré e o Alto Comissariado para as Migrações, através dos quais foi assegurado o acompanhamento dos jovens”.</i></p> <p><i>“Atualmente, encontra-se acolhido 1 jovem no âmbito do Programa Europeu de Recolocação Voluntária. Decorrente de Movimentos Não Programados, encontram-se acolhidos 11 jovens.</i></p> <p><i>Os jovens são oriundos do Paquistão, Argélia, Gâmbia, Senegal e República Democrática do Congo.</i></p> <p><i>Os jovens são do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, com maior predominância nos 17 anos de idade.</i></p> <p><i>Relativamente à situação escolar, num total de doze jovens, 10 frequentam a</i></p>	<p>Caracterização dos jovens acolhidos na CAE à data da realização da entrevista com a diretora técnica.</p>
--	---	--

	<p><i>escola.</i></p> <p><i>Atualmente nenhum jovem se encontra a trabalhar.</i></p> <p><i>No que se refere à duração do acolhimento a maioria encontra-se em acolhimento há menos de 6 meses.</i></p> <p><i>Em relação à religião, 1 jovem é cristão e os restantes muçulmanos.</i></p> <p><i>No que se refere ao motivo da saída do país de origem, destacam-se os conflitos familiares, a insegurança e por motivos económicos.</i></p> <p><i>Os percursos dos jovens não foram lineares, mas sim marcados pela permanência em outros países, onde por vezes residiram e trabalharam. A maioria dos jovens relatam o papel dos contrabandistas, “smuggler”, que asseguraram a saída do país de origem, em rotas terrestres, marítimas e aéreas.</i></p> <p><i>A maioria dos jovens escolheram Portugal para residir, atendendo às referências positivas que tinham de Portugal, no seu país de origem, como sendo um país democrático, acolhedor, seguro, onde terão oportunidade de estudar e trabalhar.</i></p> <p><i>No que se refere ao pedido de proteção internacional, atendendo ao curto tempo de duração do acolhimento, cerca de 6 meses, a maioria dos jovens apenas possui a Declaração Comprobativa de Apresentação do Pedido de</i></p>	
--	--	--

	<i>Proteção Internacional”.</i>	
Mediação Intercultural e Intervenção Social	<p><i>“A Casa de Acolhimento Especializado assenta num modelo de intervenção que assegura o acolhimento residencial inicial aos jovens estrangeiros não acompanhados após a entrada em território nacional.</i></p> <p><i>A intervenção na Casa de Acolhimento Especializado é dirigida à proteção e à efetivação dos direitos dos jovens, com o foco na intervenção terapêutica, na educação, socialização e integração dos jovens. Assenta numa intervenção multidisciplinar, articulada e integrada com as várias entidades e serviços da comunidade, nomeadamente justiça, saúde, educação, entre outros.</i></p> <p><i>A intervenção prevê o desenvolvimento de estratégias que promovam a participação e o envolvimento do jovem na definição do seu projeto de vida, bem como a realização de atividades promotoras da participação e autonomia de cada jovem e da sua integração plena na comunidade”.</i></p> <p><i>“Na CAE encontram-se acolhidos jovens de diversas nacionalidades. A intervenção da CAE procura desenvolver um plano individual de integração com os jovens, promovendo a sua inclusão e identidade.</i></p> <p><i>A intervenção é assente no respeito pelos direitos dos jovens, pela sua identidade e cultura, que se traduz no desenvolvimento de atividades que vão ao encontro dos interesses, cultura e religião de cada jovem”.</i></p> <p><i>“Na CAE as rotinas diárias e as atividades desenvolvidas são elaboradas com</i></p>	<p>Descrição da intervenção desenvolvida na CAE.</p> <p>Apresentação do objetivo principal da intervenção desenvolvida na CAE.</p> <p>Registo de multiculturalidade na CAE.</p> <p>Na CAE, são implementadas diferentes estratégias de mediação intercultural com base nas especificidades de cada jovem.</p>

	<p><i>a colaboração e participação dos jovens, de acordo com as necessidades, interesses, cultura e religião.</i></p> <p><i>No período do Ramadão, as rotinas e horários da CAE são adaptados, de modo que os jovens realizem as suas práticas religiosas.</i></p> <p><i>No que se refere aos hábitos alimentares, na CAE é elaborada pelos jovens, com o apoio dos educadores, uma ementa semanal e respetiva lista de ingredientes e quantidades para a confeção das refeições. Deste modo, são confeccionados os pratos típicos do país de cada jovem.</i></p> <p><i>É igualmente promovida a integração dos jovens na comunidade, através da participação em atividades culturais e desportivas”.</i></p> <p><i>“A intervenção da CAE, tem como objetivo a avaliação diagnóstica de cada jovem e o desenvolvimento de uma intervenção cuidada e individualizada, de modo a elaborar uma proposta conjunta de encaminhamento subsequente para cada jovem, no âmbito do seu projeto de promoção e proteção, e, de acordo com as necessidades e interesses de cada jovem”.</i></p> <p><i>“No processo de integração, nomeadamente no momento inicial do acolhimento, uma das barreiras é o idioma de cada jovem.</i></p> <p><i>A CAE possui um intérprete que assegura a tradução da língua materna dos jovens, sendo que a maioria dos jovens comunicam na língua inglesa.</i></p>	<p>Identificação de exemplos de estratégias de mediação intercultural.</p> <p>Foi identificado como um dos obstáculos ao processo de integração, em particular no momento inicial do acolhimento, o idioma de cada jovem.</p>
--	--	---

	<i>A aprendizagem da língua portuguesa torna-se crucial, permite estabelecer uma relação mais próxima entre os jovens e os adultos, possibilita o acesso aos serviços essenciais, como a saúde, educação, trabalho, aquisição de bens e serviços, fundamental para a aquisição da autonomia plena de cada jovem”.</i>	A aprendizagem da língua portuguesa foi identificada como uma ferramenta essencial para a autonomização dos jovens acolhidos.
Família	<i>“A maioria dos jovens estabelece contactos regulares com os familiares. A família encontra-se presente na vida dos jovens, tendo um papel importante nas suas decisões, nomeadamente no que se refere ao seu projeto de vida. A maioria dos jovens pretende trabalhar assim que atingem a maioridade, no sentido de ajudar a família através do envio de dinheiro”.</i>	Manutenção dos contactos entre os jovens e os seus familiares. Identificação da importância da família na tomada de decisões dos jovens.

APÊNDICE 13 - SINOPSE DA ENTREVISTA COMO CONVERSA COM O ENTREVISTADO A, JOVEM ACOLHIDO NA CAE

Categorias de Análise	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
<p>Identidades Dinâmicas e Metamorfoses Culturais</p>	<p><i>“Porque... quando nos vimos no lugar, ou gostamos ou não gostamos do lugar. Mas aqui, eu não odia muito, mas eu gosto um pouco. Foi uma boa decisão porque chegar aqui, conhecer muitas pessoas, muitas coisas e aprender umas coisas é uma boa decisão. Aprender as coisas novas e aprender português também, porque português talvez a língua, a língua portuguesa talvez me ajudar um dia. Foi uma boa decisão chegar aqui. Se eu não chegar aqui, não podia falar português ou aprender português. Ora chegar aqui também me ajuda no meu inglês, porque se não foi aqui, no meu país não praticava muito o inglês, porque no meu país as pessoas falam muito só francês e língala. E chegar aqui me ajuda a mais a aprender a língua, o português e também a mais a aprender o inglês. Foi uma boa decisão”.</i></p> <p><i>“Pensar no meu país, não é muito, mas alguns vezes me chega pensar como eu fui com os meus amigos, com a minha família [...]”.</i></p> <p><i>“A minha família, nós não somos muito apertados culturais, tradições, tudo isso, a minha mãe não gosta muito das tradições, o meu pai também, no meu país não fazemos muito, uma grande coisa, na nossa casa só festejamos as festas do novo ano e só isso. Não há festa de aniversários, não há festa do não sei o que seja. Só isso, a minha família tradições, culturas, não sinto nada de diferença, mesmo aqui, porque mesmo a minha família não havia muita</i></p>	<p>Reconheceu que vir para Portugal foi uma boa decisão.</p> <p>Afirmou que gosta um pouco de estar em Portugal.</p> <p>Tem consciência que a aprendizagem de novos conhecimentos e o contacto com novas pessoas é positivo.</p> <p>Reconheceu que vir para Portugal permitiu-lhe adquirir e desenvolver outras línguas, nomeadamente o português e o inglês. Algo que não aconteceria caso permanecesse no seu país de origem.</p> <p>Reflexão sobre o seu eu do passado.</p> <p>Não sente que exista uma grande diferença cultural entre a sua vida no seu país de origem e no país de acolhimento, referindo que as</p>

	<p><i>tradições e cultura na nossa casa”.</i></p> <p><i>“[...] a comida do meu país é melhor do que aqui e as festas [...]”.</i></p> <p><i>“No meu país, não pensava muito no que eu quero, só sabia que eu quero ser médico, nem como fazer para ser isso, no meu país, não é muito difícil de ir para as universidades fazer medicina, só tem de ter diploma, diploma é uma certificação, como vou ter diploma, mesmo aos pontos que tive, mesmo que tive cinquenta, cinquenta e um, qualquer ponto vai para a universidade fazer medicina, só vou fazer um teste de entrada. Mas aqui, é um pouco diferente, no meu país se eu quero ser médico só tenho que pensar quero ser médico e vou fazer medicina, mas aqui se eu quero ser médico tenho que pensar que eu quero ser médico e como fazer para ser médico, primeiro começar a estudar mais, tirar dezoito no fim, é uma coisa difícil, que no meu próprio país não pensava fazer isso. No meu país, eu foi inteligente, mas não foi inteligente, porque estudava, mas não tirava mais de oitenta porcentos, só tirei uma vez oitenta e um, foi uma vez e não tirei mais, mas aqui tenho que fazer mais de oitenta, tirar noventa para ter dezoito. No meu país, não pensava muito nesse tipo de coisas, só quero ser médico, vou ir à universidade, aqui quero ser médico, tenho que estudar muito para ir à universidade, é diferente”.</i></p>	<p>tradições e a cultura nunca estiveram muito presentes na sua antiga casa.</p> <p>Reflexão sobre as diferenças da sua vida no Congo e em Portugal.</p> <p>Considerou que no Congo a gastronomia e as festividades são melhores.</p> <p>Reflexão sobre o aumento da consciência de vida e a necessidade de definir ações para alcançar os seus objetivos em Portugal. Em contraste, no Congo reconhece que apenas necessitava de definir os seus objetivos.</p>
<p>Mediação Intercultural e Intrapessoal</p>	<p><i>“Não, acho que quando eu sinto saudades, algumas vezes tento ver os vídeos da minha família a dançar e eu tenho uma gravação quando estamos a dançar. Esse vídeo me ajuda muito e é isso. Quando tenho saudade, eu tento ver a foto da minha mãe, ajuda também, e eu tento me familiarizar aqui, tento</i></p>	<p>Quando sente saudades vê vídeos da sua família a dançar e fotografias da sua mãe.</p>

	<p><i>me forçar a sentir bem, porque isso me ajuda também. Me forçar a sentir que é aqui a minha casa e se eu penso assim me ajuda também, apesar de que aqui não é a minha casa, a ver os vídeos da minhas famílias, a ver foto da minha mãe me ajuda também”.</i></p> <p><i>“[...] eu tento conseguir a me sentir bem, a me forçar a sentir aqui é a minha casa e isso pode me ajudar a sentir bem”.</i></p> <p><i>“Português, aprender muitas línguas pode ajudar, porque aprender inglês, saber falar inglês, francês, português e todas as línguas ajuda num lugar”.</i></p> <p><i>“No início, não me sentia bem porque não sei como dizer. Não me sentia não me sentia muito bem, não sei como dizer, mas agora eu me sinto um pouco bem”.</i></p> <p><i>“Quando cheguei aqui, que foi no início de tudo, porque no início de tudo, tudo é mau e não falava com ninguém da minha família quando cheguei aqui porque não havia um meio de falar com eles. Só comecei a falar com ele daqui a um pouco, daqui a um pouco e por isso não falava com ninguém, não sabia de ninguém e não sabia a quem falar.”.</i></p> <p><i>“As perguntas como foi a tua família, fala um pouco da tua família, como cheguei aqui, essas perguntas não é bom porque quando há uma coisa que aconteceu, uma coisa que não é bom, falar desse assunto não faz bem. É isso. Com muitas perguntas no início, não foi bom, mas agora não muita perguntas</i></p>	<p>Reconheceu que utiliza algumas estratégias para se sentir bem em Portugal, nomeadamente tenta se familiarizar, procura sentir que esta é a sua casa, vê vídeos da sua família e fotografias da sua mãe.</p> <p>Refletiu sobre a importância da aprendizagem de novas línguas e nos seus contributos positivos.</p> <p>Reconheceu que numa fase inicial do seu acolhimento sentia-se mal, identificando como causas a impossibilidade de contactar com a sua família e a incerteza a quem deveria de expor esta situação.</p> <p>Afirmou não existir contributos positivos em contar aspetos da sua história de vida, que não considera serem bons.</p>
--	--	---

	<p><i>e isso que me sinto um pouco bem”.</i></p> <p><i>“Sinto-me normal”.</i></p> <p><i>“Eu, no meu grau de felicidade, o grau das coisas para mim é muito mau, mau, normal, bom, muito bom. Para mim é normal”,</i></p> <p><i>“Como na minha família, na casa, costumávamos dançar e cantar, jogar e se sentir saudade posso escutar músicas, escuto muito músicas [...]”</i></p> <p><i>“Encontrar felicidade e não encontrar felicidade é uma escolha”.</i></p> <p><i>“Eu não me forçar a sentir feliz”.</i></p> <p><i>“Para me sentir bem eu costumo escutar música”.</i></p> <p><i>“Na minha casa, no meu país, não havia muito coisa de cultura e tradição, e por isso é que eu aqui adota a indicação da minha família, que meus pais, meu pai e mãe deram-me, é isso, vou adotar a meu indicação, mas como não escapar, não sair das indicações tudo me acostumar as culturas daqui”.</i></p>	<p>Reconheceu que se sente normal, numa escala de muito mau a muito bom.</p> <p>Quando sente saudades ouve músicas, uma vez que, a sua família costumava dançar, cantar e jogar.</p> <p>Reconheceu que a felicidade é uma escolha e que não se obrigada a sentir feliz.</p> <p>Ouve música para se sentir bem.</p> <p>Afirmou que irá adotar os ensinamentos que a sua família lhe transmitiu e acostumar-se à cultura portuguesa.</p> <p>Conciliação das diferentes culturas e criação de uma ponte entre as duas margens do rio.</p>
Família	<p><i>“Quando foi no meu país, foi uma ligação... foi uma boa ligação. Eu com o meu pai foi bom, eu com a minha mãe também, com os meus irmãos também e o meu pai foi bom, saímos algumas vezes, saímos para ver as coisas e com a minha mãe algumas vezes ajudava ela a vender, algumas vezes ajudava ela a vender as coisas, e com os meus irmãos foi bom, e ajudava ele também a</i></p>	<p>Tinha um bom relacionamento com a sua família.</p> <p>Afirmou que tem boas memórias/recordações com os seus irmãos. O entrevistado dançava, cantava, ria e jogava playstation com os seus</p>

	<p><i>estudar no seu estudo, quanto teves... quando tiveram TPC e eu estava em casa eu ajudava e ajudava também a estudar, mas não foi fácil”.</i></p> <p><i>“Com os meus irmãos, muitas vezes dançávamos, colocávamos música na casa e começávamos a dançar e algumas vezes jogávamos playstation e riamos algumas vezes juntos e só isso. Foi bom”.</i></p> <p><i>“Agora é um pouco afastada, porque não falo muito com a minha mãe e quando tento falar com ela, não teve tempo ou ela não está, e com o meu pai, mais ou menos, porque eu falo um pouco com ele e com os meus irmão não, porque eu não falo com eles, eles são muito pequenino e não tem tempo de falar com ele, por isso é que a relação é um pouco afastada”.</i></p> <p><i>“Ele não tem telemóvel, ele não tem telemóvel, e por isso não tem um meio de falar com eles. Se eles tinham telemóvel, talvez queira falar com ele, isso é um problema também”.</i></p> <p><i>“O meu pai, ele tem um telemóvel, a minha mãe não tem um telemóvel, mas não é muito desse tempo, é um telemóvel só de touch”.</i></p> <p><i>“Com o meu pai, eu falo com ele através de uma outra pessoa da família. Se eu quero falar com eles, vou chamar uma pessoa da família e essa pessoa vai ir até a minha casa e como mãe não é muito em casa, pai que fica muito, é por isso que eu falo muito com pai do que com a mãe. Os meus irmãos são muito pequenos e saem muito vezes para jogar, não sei, é por isso”.</i></p>	<p>irmãos.</p> <p>O entrevistado reconheceu que se afastou da sua família, uma vez que, os contactos com a mesma diminuíram.</p> <p>Referiu que os fatores que contribuíram para a diminuição dos seus contactos familiares foram o seu pai deter um telemóvel antigo e a sua mãe não ter um telemóvel.</p> <p>Referiu que o seu tio paterno o ajuda a estabelecer contacto com a sua família.</p> <p>Estabelece um maior número de contactos com o seu pai, uma vez que, este permanece mais vezes em casa.</p> <p>Afirmou não ter contactos com os seus irmãos porque os mesmos são bastante novos e saem de casa para jogar.</p> <p>Afirmou ter um bom relacionamento com o resto da sua família.</p>
--	--	--

	<p><i>“Essa pessoa que falo com ele para falar com os meus família é o meu tio, é o meu tio do lado do pai. Ele que me ajuda muito”.</i></p> <p><i>“Com a minha família muito longo também tive uma boa relação. Sim. Algumas vezes, íamos na família da minha mãe, porque ele não é muito grande a família da minha mãe, só eu sei o seu pai, os irmãos dele, só isso. Mas do lado do meu pai, que eu sei muitas pessoas, e quando fui muito muito pequenino costumávamos ir na casa da família da minha mãe, ficávamos aí talvez 12/13 dias e jogávamos. Foi bom, muito bom mesmo. E agora não, não íamos muito na família da minha mãe, ficávamos muito em casa do que na família da minha mãe”.</i></p> <p><i>“[...] a saudade não é como no início. Agora a saudade é um pouco moderado, é um pouco normal”.</i></p> <p><i>“A casa aqui e a minha casa é diferente, porque na minha casa o ambiente o vibe foi diferente. Na minha casa, fomos muito felizes. Falamos, jogamos, quando zangamos um com o outro não foi por um longo tempo, foi alguns minutos e tudo bem. E aqui é diferente. Aqui é diferente. Na minha casa, foi diferente. Não sei como dizer, mas foi diferente”.</i></p>	<p>Reconheceu que no início sentia mais saudades.</p> <p>Reconheceu que foi muito feliz durante o período que residiu com a sua família.</p>
Histórias de Vida	<p><i>“No Congo, a minha vida foi diferente daqui, no Congo a coisa que fazia mais foi ir à escola, voltar em casa, ir ajudar mãe, voltar a jogar, mas aqui a coisa que eu faço mais é ver telemóvel, estudar, dormir, ver telemóvel, comer, estudar, dormir e no meu país, não havia mais consciência da vida, mas aqui</i></p>	<p>No Congo, frequentava a escola, ajudava a sua mãe e jogava.</p> <p>Em Portugal, utiliza o telemóvel, estuda, dorme</p>

	<p><i>estou a pensar como tem de fazer isso, como tem de fazer isso, é diferente”.</i></p> <p><i>“No início quando cheguei aqui, foi um pouco stressante, foi muito, tive vontade de voltar porque não conseguia me... não me conseguia adaptar aqui. Me colocar aqui foi muito um pouco difícil, foi perdido, mas agora estou bem, [...]”.</i></p> <p><i>“O meu dia a dia foi... bom, eu estudava muito longe da minha casa, pois eu acordava muito cedo. Algumas vezes acordávamos às quatro da manhã, mas ou cinco da manhã porque os carros autocarros não são... são muitos, mas a população também é muito, muito que os autocarros e devíamos acordar muito cedo para apanhar o autocarro. Se eu acordo às seis seis da manhã, é que me preparo para ir à escola, eu vou acabar às seis, o autocarro é muito muito difícil. Eu ainda estudava era muito longo e tomava vinte e dois minutos, não é grande, mas... era difícil. Se eu acordo às cinco ou às seis, eu tive que tomar dois autocarros e isso foi difícil. Mas, depois do autocarro vou à escola, algumas vezes tínhamos de acabar até as dezasseis horas, mas algumas vezes também acabamos ao meio-dia. Ok, quando acabamos ao meio-dia, eu apanho o autocarro para voltar a casa, vou ficar um pouco até doze horas minha cama, um pouco, depois a minha mãe vai-me chamar para ajudar ela a vender e vou com ela vender até as seis da noite e até as seis vendemos com ela e acabamos de vender às seis sete e acabamos de vender e fechamos as coisas até oito e retomamos em casa e vamos comer, dormir às oito e no dia seguinte a mesma coisa.</i></p>	<p>e realiza as refeições.</p> <p>Reconheceu que o processo de adaptação a Portugal e à sua nova vida foi difícil, contudo de momento afirmou encontrar-se bem.</p> <p>Afirmou existirem diferenças significativas entre a CAE e a casa da sua família.</p> <p>O entrevistado frequentava a escola no seu país de origem. Caso as aulas terminassem ao meio-dia, durante o período da tarde ajudava a sua mãe. Todavia, se as aulas terminassem às 16h00, o entrevistado regressava a casa às 18h00, e como tal, não podia ajudar a mãe e permanecia em casa.</p>
--	--	---

	<p><i>Se acabo às dezasseis horas a escola, vou voltar até casa, algumas vezes mesmo, voltava em casa às seis da noite e como voltava às seis não pode ajudar a minha mãe, ficava em casa, comer, jogar e ver televisão, se havíamos eletricidade porque não sempre e é isso”.</i></p> <p><i>“No mercado”.</i></p> <p><i>“Gostar não, desgostar também não. Foi ajudar só. Não gostava muito e não odiava muito também”.</i></p> <p><i>“A minha, a decisão não foi muito muito minha, porque não me preparava isso. Quando cheguei a casa, num dia, que havia os meus vizinhos muito com pânico, não sabia falar, muito desordem, se fala e outro fala e eles me avisam que será melhor que eu mude de cidade, melhor mudar de país mesmo. A decisão não foi completamente minha, porque não foi eu que decidi de eu mesmo”.</i></p> <p><i>“O motivo foi que o meu amigo, um dos meus amigo, ele se lutava com uma pessoa e tomou um barro de ferro e [...]”.</i></p> <p><i>“Bateu na cabeça da pessoa que enfrentava. Essa pessoa fez uma hemorragia interna e acabou por morrer e os policas apanharam o meu amigo e foi com ele numa estação de policas e ele disse que foi comigo. Depois os policas, as policas, os policas chegaram a minha casa, felizmente eu não foi lá, foi jogar nesse dia e quando voltei em casa, os meus vizinhos foi com pânico e se falar e outro falar e ele dizer-me que, o teu amigo se bateu com alguém e essa</i></p>	<p>Reconheceu não gostar e não odiar ajudar a sua mãe.</p> <p>Afirmou que a decisão de abandonar o seu país de origem não foi sua, tendo sido influenciado pelos seus vizinhos.</p> <p>O motivo pelo qual o entrevistado abandonou o seu país de origem foi o seu amigo ter provocado uma hemorragia interna a uma pessoa, e posteriormente a mesma ter falecido. Esse amigo referiu às autoridades que o agressor era o entrevistado.</p> <p>Reconheceu que no calor do momento não refletiu acerca das suas possíveis hipóteses e escolhas, afirmando sentir-se obrigado a fugir do seu país. Contudo, afirmou que também considera ter sido uma boa decisão.</p>
--	--	---

	<p><i>peessoa morreu, ele diz que foi contigo. E ele dizer será melhor mudar de cidade, mesmo melhor mudar de país”.</i></p> <p><i>“Quando a decisão foi, quando fomos no pânico não tivemos o tempo de refletir, de pensar bem, e nesse momento não sabia o que fazer. Mas agora, se eu penso na decisão que tomei, foi uma obrigação um pouco, porque não tive escolha. É isso. Não foi minha decisão completa, porque os vizinhos que disseram-mo e foi uma boa decisão também, mesmo se foi um pouco obrigado”</i></p> <p><i>“Sim, sim. Passava os tempos no sábado ou domingo. De sábado, ou a escola acabava sempre ao meio-dia, quando voltava a jogar, sábado não vendia com a minha mãe e domingo vou à igreja de manhã às seis, não como no início quando foi muito pequenino havia escola de monge, escola de domingo, é uma escola de as criancinhas para ir estudar a bíblia e tudo isso e acabávamos às nove, mais tarde nove dez e voltar jogar e mais recentemente começava a ir ao culto de domingo, quando todas as pessoas, e o culto acaba às meio-dia. Quando acaba às meio-dia, volto em casa, come e vá jogar até à tarde”.</i></p> <p><i>“Relação com os amigos... não é muito, mas um pouco sim, se falo com eles não muitas vezes, mas não é muito muito muito bom”.</i></p> <p><i>“Para mim, uma amizade não é uma coisa simples. Aqui não tenho amigos, tenho conhecimentos. No meu país havia amigo. Para mim, ter amigo não é</i></p>	<p>Afirmou que aos sábados e domingos desfrutava do seu tempo livre com os seus amigos.</p> <p>Referiu que se afastou dos seus amigos, que residem na República Democrática do Congo.</p> <p>Afirmou não ter amigos em Portugal.</p>
--	---	--

	<p><i>uma coisa fácil e ter saudade não vou dizer não ou vou dizer sim, não é uma saudade, é normal. Não tenho saudade muito deles”.</i></p> <p><i>“O meu viagem foi primeiro tomei o autocarro da minha cidade até Lufu. Lufu é uma cidade que no Congo e na Angola também. Cheguei ai no Lufu do lado do Congo e depois fui na casa da amiga da minha mãe, falei com ela tudo o que se passava e ela me ajudou a entrar na Angola, no Lufu do lado de Angola. Quando cheguei do lado de Angola, chamei o meu amigo, que chegou com a sua tia e a sua tia me ajudou também. Fiquei na sua casa, alguns dias, na casa da tia do meu amigo e um dia de 28 se me lembro, 27 à noite fui aqui no Portugal. Para aqui em Portugal havia avião, aqui no Portugal, e fui para Lisboa e de Lisboa, autocarro para Nazaré”.</i></p> <p><i>“Do Congo, da minha cidade Kinshasa até Lufu, do lado do Congo foi sozinho. De Lufu, do lado de Angola, não do lado do Congo até Lufu, do lado de Angola, foi ajuda da tia da amiga da minha mãe. Em Angola, já foi na Angola, até aqui foi com alguém, mas não sei quem era, mas era uma pessoa familiar da amiga, uma pessoa familiar da tia do meu irmão. Uma pessoa que sabia”.</i></p> <p><i>“Não era familiar, não sei quem era, mas era uma pessoa que sabia a tia do meu amigo, do lado de Angola. Quando cheguei a Angola, chamei o meu amigo, que chegou com a sua tia, e fui na casa deles e fiquei alguns dias e a 27, uma pessoa, não antes de 27, alguns dias antes uma pessoa chegou na casa e tirou minha foto e foi com esse, que no dia 27 ele voltou em casa, essa</i></p>	<p>Afirmou que até chegar a território português passou por Kinshasa, Lufu e pela Angola.</p> <p>Referiu que viajou de autocarro e avião.</p> <p>Confessou ter tido pessoas que o ajudaram durante a sua viagem, nomeadamente uma amiga da sua mãe, um amigo e a tia do mesmo, e um conhecido da tia do seu amigo.</p>
--	---	--

	<p><i>pessoa é um amigo da tia do meu irmão, do meu amigo”.</i></p> <p><i>“A viagem de Congo até Lufu, foi muito mau”.</i></p> <p><i>“Porque não me sentia muito bem, foi muito frustrado, com muito medo. Não me sentia muito bem. Foi muito, não me sentia muito bem. Cheguei a Lufu, do lado do Congo, me sentia muito um pouco bem, porque fui acompanhado por uma pessoa que conhecia. Por isso, que foi um pouco normal e daqui, de Lufu, do lado do Congo, até Lufu, do lado de Angola, foi normal porque já havia uma pessoa que conhecia e quando cheguei na Angola, foi normal porque sentia já estou noutro país, nada me pode acontecer e aí do Lufu, não há avião. De Angola até aqui não foi bem, porque não me sentia bem, porque foi sozinho, foi com uma pessoa que não conhecia. Quando cheguei aqui, até aqui no início não foi bem, não me sentia muito bem, mas agora mais ou menos me sinto um pouco bem”.</i></p> <p><i>“A viagem foi bom, foi normal”.</i></p> <p><i>“Da minha cidade até Lufu, do lado do Congo, foi de autocarro. De Lufu, do lado do Congo, até Lufu, do lado de Angola, foi com autocarro, mas com a ajuda de, não sei como pagou, quem pagou, mas com a ajuda da amiga da minha mãe. E de Angola até aqui de avião”.</i></p> <p><i>“O motivo de escolher Portugal não foi meu minha decisão também, quando foi morar lá na casa da tia do meu amigo, ela é que diz que será melhor</i></p>	<p>Afirmou que não se sentir muito bem e ter tido bastante medo durante a viagem de Kinshasa até Lufu. De Angola para Portugal, também não se sentir bem, uma vez que, viajou com uma pessoa que não conhecia.</p> <p>Sentiu um sentimento de alívio quando chegou à Angola.</p> <p>Na generalidade, considerou a viagem normal e boa.</p> <p>O entrevistado revelou que foi a tia do seu amigo que lhe indicou Portugal como a sua melhor opção para reconstruir a sua vida.</p>
--	---	---

	<p><i>viajar para cá, Portugal é o melhor lugar para mim”.</i></p> <p><i>“Aqui, como temos escola, acordo às oito, não, acordo às sete, apanho o autocarro às oito, vou à escola, e acaba a escola acaba às dezasseis, apanho o autocarro dezasseis dezassete e vou até aqui, às dezassete dezoito horas e venho cá, no meu quarto fica, porque fico muito no quarto e vou usar o meu telemóvel até a hora de comer, depois vamos comer e vamos estudar às dez da noite e dormir às onze, onze doze, onze”.</i></p> <p><i>“No meu país, não ficava muito no quarto porque havia pessoa com quem falar, mas aqui não eu só, mas outras pessoas também ficam muito no quarto. É isso”.</i></p> <p><i>“Aqui, os tempos livres eu passo o tempo no meu telemóvel a ver os vídeos, os animes”.</i></p> <p><i>“Uma pessoa importante aqui, não. Não tenho uma pessoa importante aqui”.</i></p> <p><i>“Uma coisa importante... no meu país, eu costumava tocar guitarra e foi importante, gostava e é isso uma coisa importante”.</i></p> <p><i>“Algumas vezes, quando alguém está a fazer alguma coisa e me lembro, eu fazia também isso com as pessoas, tenho um pouco saudade, ou estou a falar com alguém, alguém diz alguma coisa que já escutei em algum lugar no meu país, eu penso, ou quando ando de autocarros, não, nas vias de carros, e vem algum autocarro, dos automóveis, como se passa, eu penso no meu país não</i></p>	<p>Em Portugal, o entrevistado frequenta a escola, e quando regressa à CAE permanece no seu quarto, utiliza o seu telemóvel, realiza as refeições e estuda.</p> <p>Reconheceu que permanece a maior parte do seu tempo no quarto, uma vez que, os seus colegas também o fazem.</p> <p>Atualmente, o entrevistado ocupa o seu tempo livre a ver vídeos e animes.</p> <p>Considerou não ter um contacto de referência ou significativo em Portugal.</p> <p>O entrevistado gostava de tocar guitarra no seu país de origem.</p> <p>O entrevistado sente um pouco de saudades do que deixou para trás quando se lembra de algo que fazia antigamente, quando ouve algo que já ouviu no seu país ou quando repara nas diferenças do seu país para Portugal.</p>
--	--	--

	<i>foi assim [...]”.</i>	
Construção e (Re)Construção do Projeto de Vida	<p><i>“É assim, no início se passava e não passava, porque pensava que quando vou acabar de estudar escola irei no universidade, mas não havia muito a ideia que cidade e que país vou fazer as minhas universidades e pensava ir, ou seja, no Portugal ou França ou Colômbia, que vou muito muito, Colômbia, Estados Unidos ou Londres, mas agora eu penso que vou fazer as minhas universidades, as minhas estudos superiores no Porto, vou fazer medicina”.</i></p> <p><i>“Quero ficar aqui, porque vou falar, vou estudar aqui, porque estudar medicina toma muitos tempos, é certo que me vou familiarizar mais aqui do que em outro lugar, por isso é que eu vou ficar aqui”.</i></p> <p><i>“Eu tenho intenção de regressar, mas é para ir visitar alguns dias e voltar”.</i></p>	<p>Afirmou que no início ainda não tinha a certeza se o seu projeto de vida incluía Portugal. Atualmente, pretende dar continuidade aos seus estudos e ingressar no curso superior de medicina em Portugal.</p> <p>Referiu que pretende permanecer em território português.</p> <p>Afirmou apenas desejar visitar o seu país de origem, não tendo como objetivo regressar permanentemente.</p>

APÊNDICE 14 – SINOPSE DA ENTREVISTA COMO CONVERSA COM O ENTREVISTADO B, JOVEM ACOLHIDO NA CAE

Categorias de Análise	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
<p>Identidades Dinâmicas e Metamorfoses Culturais</p>	<p><i>“So it's not easy in Africa. Maybe in Europe. You can go alone and do work. Maybe when you get 18 to 20 something, you can build your life. But in Africa, you can have maybe 40. You can sleep with your mom or your dad. You don't do anything. So, it's not easy to see your home. Maybe I can say boys. Maybe when you are a boy, you can stay with family in Africa, the same compound. But with girls, maybe when you have 18 to 25, you will get married and you will go out of the compound. So, boys can stay there to get married another woman for their home”.</i></p> <p><i>“So, in Africa, it's not easy to survive, but it is part of life”.</i></p> <p><i>“Maybe when the rainy season is on, your house, you are safe. But when you don't have a good house in Africa, when the rainy season is starting, you need to thank God every day, to help you. Because sometimes it's not easy. When the rain is coming, in your house, they can flood your house. The water is flooding your house”.</i></p> <p><i>“That's why everybody pray to have a good life. Yeah. I think that's why many African people are coming here. Not everybody wants to come here for money. But when you come here, you will learn about the life. Because the life is not the same. Africa and Europe, the life is quite different. For sure. So, when you</i></p>	<p>O entrevistado refletiu acerca de algumas diferenças entre a Gâmbia e Portugal, reconhecendo que a vida na Gâmbia não é fácil.</p> <p>O entrevistado afirmou no seu país de origem os rapazes permanecem durante mais tempo na casa dos pais, existindo a possibilidade de casarem e continuarem a viver no terreno da sua família. Por outro lado, quando as raparigas casam têm de sair do terreno da sua família e ir residir com o marido. Enquanto na Europa, os jovens podem trabalhar, residir sozinhos e construir uma vida.</p> <p>O entrevistado referiu, em determinadas alturas do ano, quem não tem boas condições habitacionais vive em constante angústia e anseios.</p> <p>O entrevistado mencionou que a vida em África e na Europa são distintas, afirmando que nem</p>

	<p><i>are here, you need to do something to help back your home”.</i></p> <p><i>“[...] because the daughters always getting married in Africa. Maybe in Europe, you need your idea. Maybe if you want to marry, you marry. If you don't want to marry, it's your business. But in Africa, you will marry by force”.</i></p> <p><i>“[...] when you have one son or two, you can, yeah, confuse him to getting marry to have a child. Because to have son or daughter is good in Africa”.</i></p> <p><i>“The children, when your father came to 40 years. I think children will be 20 years or less. So they can start work”.</i></p> <p><i>“I think it's a big difference between Europe and Africa. Yeah. In Muslim countries. Yeah, in Muslim. When you get married, now the husband has the right to tell you anything. If you need him, to stay with him, you will go”.</i></p> <p><i>“In here, maybe you can't have a lot of friends here. But in Africa, maybe you can have a... For the match, you can have a lot of friends. You can play with football. Yeah. But I think maybe, maybe here you can have one friend or two. It's okay”.</i></p> <p><i>“[...] I don't know anything. The situation is not the same. Yeah. Because in here, maybe people are sitting with your house. You can't go to anywhere. Yeah. When you come from work, you need to go to your house. Yeah. Because I remember when you... Guys come from Africa to Europe and if they come</i></p>	<p>todas as pessoas que viajam para a Europa procuram melhores condições económicas. Todavia, salientou que as pessoas que se encontram em território europeu necessitam de ajudar as suas famílias.</p> <p>Reconheceu que, na Europa, as filhas têm a possibilidade de escolher se desejam casar ou não. Em contraste, na África, as filhas têm sempre de se casar.</p> <p>O entrevistado afirmou que, em África, casar e ter filhos é visto com bons olhos. Assim, quando um pai tiver 40 anos de idade, o filho terá uma idade igual ou inferior a 20 anos, sendo possível cuidador do pai e trabalhar.</p> <p>O entrevistado indicou como uma grande diferença entre a Europa e a África, ou por outras palavras, entre a Europa e um país muçulmano, o facto do marido poder ser autoritário e deter um grande poder na relação.</p> <p>O entrevistado referiu que em Portugal as pessoas não têm muitos amigos, enquanto em</p>
--	--	---

	<p><i>back to in Africa, they will explain it like this. In Europe, when you come from work, you need to sit in your house to cook your food and eat. You need to sleep earlier to get earlier in work at the morning time. You can go to work earlier.”</i></p> <p><i>“[...] you can stay with your family more than even 40 years. You can stay with your father, your mother, coming from the same house or the same compound. Yeah. You and your wife can stay with your father, no problem. But for the girl, daughter, when you get married, you will go for your husband's house. Yeah, you don't need to stay with your mother or your father”.</i></p> <p><i>“I think here is more, more easier than to do works than Africa. Because in here, you need the learn. You need the learn, the work, and you can do it. But in Africa, some people are learning about the work, but not everyone learn about the work. [...] everyone not go to about school to learn about the work in Africa. But I think here, you can learn about the work and after you can do it”.</i></p> <p><i>“But in Africa, some families are suffering. Maybe even in Europe, I see some people sleeping on the street”.</i></p>	<p>África é possível ter diversos amigos. O entrevistado mencionou que essa diferença se deve ao estilo de vida adotado europeu.</p> <p>O entrevistado afirmou que em Portugal é mais fácil exercer uma profissão ou trabalhar.</p> <p>Reconhece que apesar das famílias em África sofrerem, em Portugal também há pessoas a sofrer.</p>
Mediação Intercultural e Intrapessoal	<p><i>“[...] sometimes I was in the house to sleep, because I think we are coming from Ramadan, so that's time Ramadan, if you are in Ramadan, you need to relax more, yeah, what we are doing are holidays time, so that is important for us, because if you are a Muslim, you need to do that [...]”.</i></p>	<p>O entrevistado referiu que durante o período do Ramadão, por vezes, encontrava-se na CAE a descansar.</p>

	<p><i>“Yeah, I feel happy, because people are good. Yeah, that is why even the street, when you see the people, you ask him, I need to go to this place. Yeah, everything. He can tell you or she tell you about the way you are going”.</i></p> <p><i>“So when I find a church, I came here. So that's why I say people are here, good people. But maybe even Africa, some country, when you go there, when you ask people to, you want to go somewhere, you ask people, they don't listen to you”.</i></p> <p><i>“I'm suffering there for the boat. Yeah, in past years, for my family, I will tell you, my family, we don't have any rich man there”.</i></p> <p><i>“[...] I see that I'm thinking about my father. Yeah, I feel some cry, yeah”.</i></p> <p><i>“Because it's not easy. Maybe in Europe and Africa, they are quite different”.</i></p> <p><i>“I didn't have to buy food. Every day I eat food here. And I sleep well. They help me with something. To go to school. For me, it's a blessing”.</i></p> <p><i>“We are not the same culture”.</i></p> <p><i>“This is the thing you need to plan to do something, to do something work. When you have some good work and you do it and you have some kind of money, you have it, you will forget about the past because it's past already. You think about in future [...]”.</i></p> <p><i>“[...] when you achieve now something, you have what you want, you will</i></p>	<p>O entrevistado assumiu ser feliz em Portugal.</p> <p>O entrevistado confessou que quando pensa sobre o passado sofre, afirmando que a sua família apresenta dificuldades económicas que a viagem de barco foi difícil.</p> <p>O entrevistado salientou que quando pensa no pai sente-se triste.</p> <p>O entrevistado referiu dar valor à sua nova vida, visto que não necessita de comprar géneros alimentares, realiza diariamente as suas refeições, dorme tranquilamente, frequenta a escola e as pessoas ajudam-no.</p> <p>Reconhece que a cultura do país de origem e de acolhimento não é igual.</p> <p>O entrevistado referiu ser importante planear o futuro, a fim de ter um bom trabalho e consequentemente ter possibilidades económicas. Assim, quando esse momento chegar o indivíduo não irá pensar sobre o passado.</p>
--	---	--

	<p><i>forget about the past. So now you are in present, you need to think about my future, for my family.”</i></p> <p><i>“For me in my culture, I don't say much of thing about my culture. I don't know everything about my culture. Maybe when you see people older than me maybe they can tell about more about cultural [...]”.</i></p> <p><i>“[...] I know I'm from Gambia, for sure. For me, I need to learn about the language here because now I'm in Portugal, so when I learn the language I understand more, I will do something more here. [...] For me, the language I need to speak for sure the Portuguese language I need it, I will try to do my best to speak the language”.</i></p> <p><i>“Even my teacher, she always explain about the culture here, the Portuguese culture, but I don't know much for now. Because now is the time I am here almost 2 months here, so maybe when I am here one or two years I can know a lot of culture in here [...] The two can work together”.</i></p> <p><i>“[...] to connect it together I think more easier [...]”.</i></p>	<p>O entrevistado mencionou não possuir um grande conhecimento sobre a sua cultura, e como tal, não pode falar muito sobre a mesma.</p> <p>O entrevistado afirmou que a aprendizagem da língua portuguesa irá promover a sua integração em Portugal, uma vez que, quando conseguir comunicar em português irá compreender melhor o que o rodeia e irá conseguir fazer mais.</p> <p>O entrevistado referiu que se encontra em território português há pouco tempo, e como tal, não conhece bem a cultura portuguesa. Todavia, pretende articular a sua cultura de origem e a sua cultura de acolhimento, construindo assim uma ponte entre as duas margens do rio.</p>
<p>Família</p>	<p><i>“Good”.</i></p> <p><i>“[...] I always speak a lot of times with my family. My mother, my sisters, yeah”.</i></p>	<p>O entrevistado referiu ter uma boa relação com a sua família.</p> <p>O entrevistado estabelece contactos regulares com a sua mãe e irmãs.</p>

	<p><i>“Yeah”.</i></p> <p><i>“Now when I talk to her, she feel happy, yeah. When she ask me, what about Europe? Are you living? I always tell him, I'm good here. Because my mom didn't want me to away far from him. So that's why. They always ask me, so what about there? I always tell them, yeah, it's good. They will take care of us here, good”.</i></p> <p><i>“Because when you want to get a good life, so you need to be your parents to explain something about the world”.</i></p>	<p>O entrevistado afirma ter boas memórias/recordações com a sua mãe.</p> <p>A mãe do entrevistado não queria que o jovem viesse para a Europa. Todavia, o jovem tranquiliza a sua mãe, afirmando que se encontra bem.</p> <p>Importância dos conselhos parentais, a fim de se alcançar uma boa vida.</p>
Histórias de Vida	<p><i>“Because the journey was... It's not easy. A lot of people are dying there. So that's why when I tell him I'm coming from Senegal to Spain. He didn't... She didn't understand about that. So that's why he little bit cry”.</i></p> <p><i>“[...] I always go to play football”.</i></p> <p><i>“[...] I play football. Sometimes I go... I started even plumber, I started plumber in Africa”.</i></p> <p><i>“[...] I studied in Africa [...]”</i></p> <p><i>“[...] I left school. Well, I'm in school right now”</i></p> <p><i>“[...] I think here school is more easier than in Africa”.</i></p> <p><i>“[...] the teachers are very good. Yeah, the teachers are good. They don't give</i></p>	<p>O entrevistado confessou que a viagem até à Europa não foi fácil.</p> <p>O entrevistado costumava jogar futebol na África.</p> <p>Em África, o entrevistado jogava futebol e começou a trabalhar na área da canalização.</p> <p>Em África, o entrevistado abandonou o seu percurso escolar.</p> <p>Em Portugal, o entrevistado encontra-se a frequentar a escola.</p>

	<p><i>you pressure...to force you to do something. [...] But in Africa school, you need to do it by force. Even that, they will beat you. So here, they don't beat anyone. [...] Because when I came here, I started school. I feel confident. Yeah, for sure, I feel confident. I feel comfortable. Yeah. That's why, in Africa, it's not easy to do something”.</i></p> <p><i>“Because, at that time, I needed to do some little work to help my mom. [...] You need to pay the school fees. [...] When you don't have someone who will help you, it's difficult to do that”.</i></p> <p><i>“[...]at home I help my mom”.</i></p> <p><i>“When I was in Africa, I always think to have a good life to assist my family. Sometimes when I see my mom doing some works I feel sad. So, I always pray: So, God give me a better life to help my mom to get the life she is now”.</i></p> <p><i>“That's the culture don't allow you to do it”.</i></p> <p><i>“I'm a Muslim”.</i></p> <p><i>“In here, when you do it, nobody will tell you about anything. You are the one who feel to do it for yourself. But in Africa, when you do it, when you know that you are doing this kind of thing, when they catch you, you will... Maybe you can go to jail or they can do something wrong with you. Yeah, that's the thing I left in Africa. Because for me, I started there”.</i></p>	<p>Refletiu sobre as diferenças nas escolas portuguesas e africanas, afirmando que em Portugal os professores são bons.</p> <p>O entrevistado mencionou que teve de começar a trabalhar para ajudar a sua mãe. Além disso, referiu que não tinha que o ajudasse.</p> <p>O entrevistado referiu que ajudava a sua mãe em casa.</p> <p>Quando se encontrava em África, o jovem desejava uma boa vida e pretendia ajudar a sua família.</p> <p>O entrevistado referiu que abandonou o seu país de origem devido à sua orientação sexual, uma vez que, a homossexualidade não é permitida.</p> <p>O entrevistado afirmou que em Portugal a homossexualidade é permitida, contudo em África as pessoas podem ir presas.</p> <p>A decisão de sair da Gâmbia foi do entrevistado.</p>
--	--	--

	<p><i>"[...] it's not force".</i></p> <p><i>"[...] because it's the time, that is the time I need to leave".</i></p> <p><i>"I cannot tell anyone. Because I need to go alone, nobody will know about my situation".</i></p> <p><i>"I left in Gambia to Senegal. Senegal to Spain. So, that time I was in Gambia I always tell I will go to Portugal. [...] Yeah, Portugal clothes. I think it's from Cristiano Ronaldo. When I go to football, I always wear it".</i></p> <p><i>"In Gambia I take bus from Gambia to Senegal because it's not too far. I think when you go to Senegal to Gambia, almost less, six hours or seven hours. I take bus from Gambia to Senegal. Seven hours, yeah. So when I came to Senegal, I asked people. One time, I want to escape from Gambia, Senegal. If I will, in Europe, I can go. If not there, go to this side. Because in sea, when you die, you either Senegal to Spain, or you will die for the journey. Yeah, it's the two options".</i></p> <p><i>"You die there. Because a lot of people have died there. [...] But the time I came to Espanha, my head was not functional".</i></p> <p><i>"[...] when I came here, I take bus".</i></p> <p><i>"No. No"</i></p> <p><i>"Because in there. Sometimes a lot of people came from Senegal to here. They</i></p>	<p>O entrevistado não pode informar ninguém sobre a sua decisão em abandonar o seu país de origem.</p> <p>O entrevistado quando se encontrava na Gâmbia referia que queria vir para Portugal.</p> <p>O entrevistado passou por países como a Gâmbia, Senegal, Espanha e Portugal.</p> <p>O entrevistado referiu ter viajado de autocarro e barco.</p> <p>Referiu que quando chegou a território europeu não se encontrava bem e que diversas pessoas morrem durante a viagem de barco.</p> <p>O entrevistado salientou que não teve ajuda de ninguém durante a viagem.</p> <p>Revelou que os responsáveis pelos barcos podem ajudar as pessoas.</p> <p>O entrevistado referiu que não pagou a viagem de barco.</p> <p>O entrevistado referiu que uma pessoa o ajudou</p>
--	---	--

	<p><i>didn't pay any amount of money. Yeah. Because who have the boat, sometimes he can help”.</i></p> <p><i>“For in Gambia to Senegal I pay money because I have little money in my pocket. So, I pay for Senegal. But Senegal to Espanha, I can't pay anything. In Espanha, yeah. I didn't know guys pay how much. But he pay the money because at that time, when I came to Espanha, I'm in the camp”.</i></p> <p><i>“He tell me, okay, so I will help you to go to AIMA”.</i></p> <p><i>“[...] I came to AIMA. They ask me and I tell everything I want to tell. So, that's the time they tell me, okay, you can wait here until the police will come and take you. So, that time they tell me the police will come. That time I'm afraid because I don't understand”.</i></p> <p><i>“[...] now we are family here”.</i></p> <p><i>“Because we are from Gambia. I think a lot of people here, they are all from Gambia. [...] Because in Gambia, when you see your fellow Gambian, yeah, you, in Europe, you feel happy”.</i></p> <p><i>“The camp where I was, yeah. They paid me. They gave me the ticket.”.</i></p> <p><i>“For the journey, it's not easy to sit at the boat. You see the people are dying. You will, maybe you will think, so next, I'm the next person. Yeah. It's difficult. Sometimes when the food is finished, yeah, it's very difficult. Maybe in, for my</i></p>	<p>a chegar até à AIMA.</p> <p>Quando estive na AIMA teve medo.</p> <p>O entrevistado revelou que considera os seus colegas da CAE como família.</p> <p>A equipa do campo de refugiados onde o jovem esteve pagou-lhe o bilhete de Espanha para Portugal.</p> <p>Revelou que a viagem de barco foi difícil.</p>
--	--	---

	<p><i>boat, I think not a lot of people are dying there. But some boats, people, the boat, all of the boat people are dead. [...] Because I remember some people are fighting in the boat”.</i></p> <p><i>“[...] because for me, I cross to Europe, but I don't want anyone to come about this life. It's not easy. [...] But now, I'm good. Yeah. Because I'm chatting with people, I'm chatting with people here. The people here, everyone is good. They don't give you pressure to do something. Yeah. No violence, no fights”.</i></p> <p><i>“[...] peaceful country [...] Yeah, that's why I decided to come to Portugal”.</i></p> <p><i>“I'm always go to school, yeah, every week, yeah, that is thing I'm doing here. So I'm going to school to do cooking, because when I stay with myself, I will do everything for myself, so that is the way the guys who is taking care of us here, explaining to us to do something, because in future, you will stay alone with yourself, nobody will help you anything, so you can do things like that, easy, easy, but now, yeah, everything is okay for me, yeah, because school is okay. For cooking, yeah, now I have lot of experience. [...] I'm happy to do that, I'm happy for that, yeah”.</i></p> <p><i>“[...]to do exercise, yeah, for my body, yeah, for my health, yeah, that's it”.</i></p> <p><i>“I feel happy, because I always tell you that's my dream to come here”.</i></p>	<p>O entrevistado afirmou que não quer que as pessoas façam esta viagem de África para a Europa.</p> <p>O entrevistado referiu que a equipa da CAE é boa.</p> <p>Em Portugal, o jovem frequenta a escola e cozinha. O entrevistado salientou que a equipa da CAE tem promovido a sua autonomia.</p> <p>Em Portugal, o entrevistado realiza atividades desportivas.</p> <p>O entrevistado sente-se feliz por estar em Portugal, considerando que este era o seu sonho.</p>
--	--	---

	<p><i>"I cannot feel I have a bad day here [...]"</i>.</p> <p><i>"[...] people from here to Africa, they always say Portugal is a beautiful country"</i>.</p> <p><i>"[...] peaceful country, [...] Yeah, that's why I decided to come to Portugal, because that's the thing [...]"</i></p>	<p>Quando se encontrava em África, tinha boa percepção de Portugal.</p>
<p>Construção e (Re)Construção do Projeto de Vida</p>	<p><i>"I'm here to learn something about my mother. To help her. Yeah, when I have, I will help. So, it's not easy at all."</i></p> <p><i>"[...] I'm here to help to plan my life for a better life"</i>.</p> <p><i>"When I have a wife, I can assist my wife and my children"</i>.</p> <p><i>"[...] I want to do, maybe plumbing [...]"</i>.</p> <p><i>"Yeah, in Portugal, yeah, for sure"</i>.</p> <p><i>"[...] I'm here now, yeah. I need to here, maybe in future, when I have my dream fulfilled, I can go to my country to see my mom after that and then I will come back to do my work, yeah. [...] that is my dream, I need to do something, some works to help my mom and for myself [...]"</i>.</p>	<p>O entrevistado pretende ajudar a sua mãe.</p> <p>O entrevistado procura melhores condições de vida.</p> <p>Quando o entrevistado tiver uma família, pretende ajudar a sua família.</p> <p>O entrevistado pretende trabalhar na área da canalização.</p> <p>Quando o entrevistado alcançar o seu sonho, pretende visitar a sua mãe e posteriormente regressar a Portugal. O sonho do jovem é trabalhar e ajudar a sua mãe.</p>

APÊNDICE 15 – SINOPSE DA ENTREVISTA COMO CONVERSA COM O ENTREVISTADO C, JOVEM ACOLHIDO NA CAE

Categorias de Análise	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
<p>Identidades Dinâmicas e Metamorfoses Culturais</p>	<p><i>“I can eat portuguese people food, like if sometimes, like soup. I cannot... Right now, I cannot eat because I don't... But maybe I can eat soup. Because Portugal soup and Gambian soup is not the same. But I can eat maybe after, like I can eat hamburger because when I come here, hamburger is good for me. I eat hamburger. I can eat soup, I can try little, little, little, little, after I can eat”.</i></p>	<p>O entrevistado referiu que a gastronomia de Portugal e da Gâmbia são diferentes.</p>
<p>Mediação Intercultural e Intrapessoal</p>	<p><i>“I feel good thing. Yeah. Good life, I feel. If I live in here, I have good life, yeah”.</i></p> <p><i>“Like, Portugal, I think Portugal is nice country. Yeah. I can live in here, yeah, and my family, yeah. I think that is good for me, yeah”.</i></p> <p><i>“Good, no, no, no. I can't say, I cannot say all like 85% is good or 80%, yeah”.</i></p> <p><i>“Yeah. Like difficulty, like that, yeah. Because, I say, sometimes I think my family and my brother and my sister, like that. But some things, I don't think about that”.</i></p>	<p>O entrevistado sente-se bem em Portugal e considera que pode ter uma boa vida neste país.</p> <p>Considera que Portugal é um bom país.</p> <p>O entrevistado afirmou ter boas memórias da sua vida na Gâmbia.</p> <p>O entrevistado referiu que, por vezes, pensa sobre a sua família, no entanto, existe algumas partes da sua antiga vida que o jovem prefere não se recordar.</p> <p>O entrevistado, por vezes, pensa sobre o seu país de origem, referindo que tinha um amigo</p>

	<p><i>“I live in my country. I live in... Right now, I live in here. Yeah. I... Sometimes, I think my country, when I live in my country, my life in my country, I live in there. I think for my... When I live, I do this, I do this. Yeah. [...] And I think my friend. Because, sometimes, I go to my friend's house, compound. Sometimes, my friend come to my house to do shawarma. Yeah, sometimes, I do that. Sometimes, I go play football. I do many things, yeah”.</i></p> <p><i>“Sometimes, I miss. Yes”.</i></p> <p><i>“I go... I want to work, to have money, good life in here, and happiness in here, yeah”.</i></p> <p><i>“Good”.</i></p> <p><i>“Sometimes, if I think some past, I feel hurt. Yeah, yeah. It's pain. Sometimes, I think good thing for my memory, like my father, my mother, yeah”.</i></p> <p><i>“If I sit for myself, I think that thing is gone. [...] I take my telephone to go TikTok. WhatsApp to talk to my family. Like this”.</i></p> <p><i>“Yes, like a cook, I can cook for myself like a Gambian cook”.</i></p> <p><i>“Yeah, to... All, like Gambian and Portuguese culture, to do all”.</i></p>	<p>que ia a sua casa e vice-versa.</p> <p>O entrevistado referiu que, por vezes, sente saudades da sua vida na Gâmbia.</p> <p>O entrevistado mencionou que a sua estratégia para encontrar a felicidade em Portugal é começar a trabalhar para melhorar as suas condições de vida.</p> <p>O entrevistado afirmou sentir-se bem em Portugal.</p> <p>O entrevistado revelou que, por vezes, quando pensa sobre o seu passado sente dor.</p> <p>Estratégia para diminuir a dor que sente quando pensa no passado.</p> <p>O entrevistado referiu que confeciona refeições típicas da Gâmbia em Portugal.</p> <p>O entrevistado afirmou que pretende articular a sua cultura de origem e a sua cultura de acolhimento, construindo assim uma ponte entre as duas margens do rio.</p>
--	---	---

<p>Família</p>	<p><i>“All is normal. I talk to my family. If my family need to talk to me, call me. If my father or my brother need to talk to me, he call me”.</i></p> <p><i>“My father and my mother. All. Sometimes I make a video call to see my brother, my father and my mother”.</i></p> <p><i>“Like, because me, my mom love me, sometimes I sit and my mom laughing [...]. Sometimes, if my mom go out, she see something beautiful, she bring for me, yeah”.</i></p>	<p>O entrevistado descreveu a relação com a sua família como normal, afirmando que estabelece contactos com a mesma.</p> <p>Partilhou uma memória que tem da sua mãe.</p>
<p>Histórias de Vida</p>	<p><i>“I live in Gambia, I go to school, because school is important for me, yeah. And help my mom like garden. That's why it's very important for me in my life, yeah”.</i></p> <p><i>“When I leave my country, I go to school. After, I help my mom. Every morning, I wake up at night, like 6, 7, 4. I go there to help my mom. I come home after I go to shower. Sometimes I go to play football”.</i></p> <p><i>“My friends, I go with my friends to school. After home, play football like this”.</i></p> <p><i>“Like, when I leave my country, it's a family problem. Like, I leave my country. Because my family is not my house, my father's house. It's not my father's only house. Like, it's a family house. Like, big house. Yeah, yeah. Sometimes make a problem. It's not safe. That's why I leave my country”.</i></p>	<p>Na Gâmbia, o entrevistado frequentava a escola, ajudava a sua mãe e jogava futebol.</p> <p>O entrevistado ia com os amigos para a escola e jogava futebol com os mesmos.</p> <p>O entrevistado referiu que abandonou o seu país de origem devido a uma questão familiar.</p>

	<p><i>“Because my father have three brother. One brother is not, is not, is not all right. Sometimes he want to kill someone, like me. Like, sometimes he do fight, like that”.</i></p> <p><i>“Yeah, yeah”.</i></p> <p><i>“No, I go. After my father and my mother know that”.</i></p> <p><i>“Yeah, my friend”.</i></p> <p><i>“Yeah. Yeah, every week, two weeks”.</i></p> <p><i>“I do some work in my journey, yeah. If I have money, I go to another country”.</i></p> <p><i>“Yeah, I live in Mali”.</i></p> <p><i>“Yeah, Mali. After Mali, I go to Libya. After Libya, I go to Italy, France, Spain, I come here, Portugal”.</i></p> <p><i>“Bus, when I leave my country, bus, Mali, bus. Libya and Italy, barco. After barco, Italy, in France, bus, bus, France in Spain, bus, Spain in Portugal, bus”.</i></p> <p><i>“ Like, one day if my family help me, that day I don't have nothing. I have my telephone, I have telephone, I call my father, my father help me. Because I live in Mali in my friend's house. My friend, because that friend, he live in</i></p>	<p>O entrevistado afirmou que a sua família não tinha conhecimento da sua decisão, no entanto, informou um amigo.</p> <p>O entrevistado estabelece contactos regulares com o seu amigo.</p> <p>O entrevistado afirmou que durante a viagem trabalhou.</p> <p>O entrevistado residiu em Mali.</p> <p>O entrevistado viajou por diversos países para chegar até Portugal, nomeadamente Mali, Líbia, Itália, França e Espanha.</p> <p>O entrevistado viajou de autocarro e barco.</p> <p>O entrevistado referiu que recebeu ajuda de terceiros durante a sua viagem.</p>
--	---	---

	<p><i>Gambia. He go to Gambia to live after. When I go to Libya, Mali, I call, I tell my friend, I live in Mali. He say, if you live in Mali, you can go and my father compound. My friend father house”.</i></p> <p><i>“I have sometimes difficult, yes. But it's not like, because difficult is many. Sometimes difficult for your body or your health. But like someone, like, because some people have a problem in someone to kidnap. Like that, kidnap. But I don't have that in my journey, yeah.</i></p> <p><i>“No”.</i></p> <p><i>“Gambia, yeah. That's why I, I, I came here. Like, that problem is a family issue, yeah.</i></p> <p><i>“He come, he take faca. He say, I kill you. Then I run”.</i></p> <p><i>“Because I feel Portugal is nice country. That's why I choose in Portugal. I think if I live in Portugal, I can do my life good, yeah. In, in good way”.</i></p> <p><i>“I go to school. Yeah, sometimes I go to work, to learn trabalho. Like this. Like I study in here. Sometimes I do cozinhar, yeah. Like this. Sometimes I look film”.</i></p> <p><i>“Plumber”.</i></p> <p><i>“I study to learn, learn like practical, practical”.</i></p>	<p>O entrevistado afirmou ter tido algumas dificuldades durante a viagem, contudo não foi vítima de qualquer violência.</p> <p>Motivo de ter escolhido Portugal para construir a sua nova vida.</p> <p>Em Portugal, o entrevistado frequenta a escola e anda a aprender a profissão de canalizador. Além disso, por vezes, o entrevistado confeciona as refeições e assiste a filmes.</p>
--	--	---

	<p><i>“Yeah, I take my telephone, like TikTok. Sometimes I talk to my family”.</i></p> <p><i>“All. All people in here, like my friend, I like because I have Gambian people and my Congo people. That's yes. And Senegal, Senegal. [...] If I need this, I sit here all and talk to my friends, this all. But I don't have a like friend is close to me”.</i></p>	<p>Nos seus tempos livres, o entrevistado utiliza o telemóvel e conversa com a sua família.</p>
<p>Construção e (Re)Construção do Projeto de Vida</p>	<p><i>“Yes, yes. I work here, I stay here”.</i></p> <p><i>“No, I don't return in Gambia, but maybe like vacations, I can go Gambia, like, two months, one month, if I return in Portugal, yeah”.</i></p>	<p>O entrevistado mencionou que pretende permanecer em Portugal.</p>

APÊNDICE 16 – ANÁLISE COMPARATIVA DA GESTÃO IDENTITÁRIA E DOS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS ACOLHIDOS NA CAE

Sujeitos Estudados	Identities Dinâmicas e Metamorfoses Culturais	Mediação Intercultural e Intrapessoal	Família	Histórias de Vida	Construção e (Re)Construção do Projeto de Vida
Entrevistado A	<p>Afirmou que a aprendizagem de novos conhecimentos e o contacto com diferentes é algo positivo.</p> <p>A vinda para Portugal permitiu-lhe adquirir novos conhecimentos, nomeadamente ao nível da aquisição de novas línguas e na comunicação.</p> <p>Referiu não sentir uma grande diferença cultural entre o país de origem e de acolhimento, uma vez que, de acordo com o jovem a cultura e as</p>	<p>Refletiu sobre a importância da aprendizagem de novas línguas.</p> <p>Afirmou utilizar algumas estratégias para se sentir bem em Portugal, nomeadamente tenta se familiarizar, procura sentir um sentimento de pertença, vê vídeos da sua família e fotografias da sua mãe.</p> <p>Referiu que quando sente saudades ouve música, vê vídeos da sua família a dançar e fotografias da</p>	<p>Referiu que tinha um bom relacionamento com a sua família quando residia no país de origem.</p> <p>Revelou ter sido muito feliz durante o período que residiu com a sua família.</p> <p>Afirmou ter boas memórias/recordações com os seus irmãos.</p> <p>Revelou que houve um distanciamento entre si e a sua família e que os contactos com a mesma</p>	<p>Afirmou que, no país de origem, frequentava a escola, ajudava a sua mãe e nos seus tempos livres convivia com os seus amigos.</p> <p>Referiu que a decisão de sair do país não foi sua, uma vez que, foi influenciado pelos seus vizinhos.</p> <p>Afirmou ter saído do país de origem por questões de segurança, uma vez que, um amigo tinha provocado o falecimento de uma pessoa e ter</p>	<p>Referiu que pretende dar continuidade aos seus estudos e ingressar no curso superior de medicina em Portugal.</p> <p>Afirmou que pretende permanecer em território português e visitar o seu país de origem.</p>

	<p>tradições nunca estiveram muito presentes na casa da sua família.</p> <p>Mencionou que atualmente encontra-se mais consciente para a necessidade de definir ações para alcançar os seus objetivos.</p>	<p>sua mãe.</p> <p>Mencionou que, numa escala de muito mau a muito bom sente-se normal em Portugal.</p> <p>Referiu que a felicidade é uma escolha e não se obriga a ser feliz.</p> <p>Afirmou que irá construir uma ponte entre as duas margens do rio: trânsfuga intercultural.</p>	<p>diminuíram.</p> <p>Identificou como causa da diminuição de contactos com a família o facto de o pai ter um telemóvel antigo e a mãe não ter um telemóvel.</p> <p>Estabelece contacto com a sua família através do tio paterno.</p> <p>Estabelece mais contactos com o seu pai e não comunica com os irmãos.</p>	<p>culpado o jovem.</p> <p>Mencionou não ter contactos importantes ou significativos em Portugal.</p> <p>Referiu que passou por Kinshasa, Lufu e Angola até chegar a Portugal.</p> <p>Afirmou ter viajado de autocarro e avião.</p> <p>Afirmou ter tido ajuda de terceiros durante a viagem, nomeadamente uma amiga da sua mãe, um amigo e a tia do mesmo e um conhecido da tia do amigo.</p> <p>Revelou que durante a viagem não se sentiu bem e teve medo. Contudo, aquando da sua chegada a</p>	
--	---	--	--	--	--

				<p>Angola sentiu alívio.</p> <p>Considerou a sua viagem normal.</p> <p>Referiu que, no país de acolhimento, frequenta a escola, permanece no seu quarto, utiliza o telemóvel, realiza as refeições e estuda. Além disso, nos seus tempos livres, vê vídeos e animes.</p>	
Entrevistado B	<p>O jovem identificou diversas diferenças a África e a Europa, nomeadamente o tempo de permanência dos homens em casa ou no terreno da família, a obrigatoriedade de contrair casamento no sexo feminino, o poder que o marido detém no</p>	<p>Afirmou ter realizado/celebrado o período do Ramadão na CAE.</p> <p>Assumi ser feliz em Portugal.</p> <p>Referiu conceder valor à sua nova vida.</p> <p>Mencionou que a cultura</p>	<p>Referiu ter uma boa relação com a sua família.</p> <p>Afirmou estabelecer contactos regulares com a sua mãe e irmãs.</p> <p>Mencionou ter boas memórias/recorções com a sua mãe.</p> <p>Refletiu sobre a</p>	<p>Afirmou que a viagem até à Europa não foi fácil. Indicou que a viagem de barco foi difícil.</p> <p>Referiu que, no país de origem, teve de abandonar o seu percurso escolar para começar a trabalhar e ajudar a sua mãe. Neste sentido, o</p>	<p>Referiu que procura melhores condições de vida.</p> <p>Afirmou que pretende trabalhar na área da canalização.</p> <p>Mencionou que pretende ajudar a sua mãe.</p> <p>Referiu que pretende</p>

	<p>casamento, a quantidade de amigos.</p> <p>Identificou como semelhança entre a África e a Europa o sofrimento de algumas pessoas.</p>	<p>de origem e de acolhimento não são iguais.</p> <p>Afirmou que quando pensa no passado sofre e quando pensa no pai sente-se triste.</p> <p>Referiu que a sua estratégia para diminuir a sua dor e para encontrar a felicidade em Portugal é o planeamento do futuro, uma vez que, desta forma poderá ter um bom emprego e consequentemente melhorar as suas condições económicas. Neste sentido, quando esse momento chegar o jovem não irá pensar sobre o passado.</p>	<p>importância dos conselhos parentais direcionados aos filhos.</p>	<p>jovem jogava futebol, começou a trabalhar na área da canalização e ajudava a mãe em casa.</p> <p>Mencionou que, no país de acolhimento, frequenta a escola, confeciona as refeições e pratica atividades desportivas.</p> <p>Afirmou que decidiu sair do país de origem devido à sua orientação sexual e segurança. Além disso, mencionou que esta decisão foi sua.</p> <p>Referiu ter passado pela Gâmbia, Senegal e Espanha até chegar a Portugal.</p> <p>Revelou ter viajado de autocarro e barco.</p>	<p>visitar a sua mãe e posteriormente regressar a Portugal.</p>
--	---	---	---	--	---

		Afirmou que a aprendizagem da língua portuguesa irá promover a sua integração em Portugal.		Primeiramente, referiu não ter tido a ajuda de terceiros durante a viagem. Contudo, posteriormente mencionou que teve algumas ajudas, nomeadamente o responsável do barco não lhe cobrou o valor da viagem, a equipa do campo de refugiados em Espanha procedeu ao pagamento do bilhete de autocarro com destino a Portugal e uma pessoa ajudou-o a chegar até à AIMA. Considera os seus colegas da CAE como família.	
Entrevistado C	Referiu que a gastronomia de Portugal e da Gâmbia são diferentes, dando	Referiu sentir-se bem em Portugal.	Afirmou ter uma relação normal com a sua família.	Referiu que, no país de origem, frequentava a escola, ajudava a sua mãe	Mencionou que pretende permanecer em Portugal e

	<p>como exemplo a sopa.</p>	<p>Afirmou que, por vezes, pensa sobre a sua família, todavia existe algumas partes da sua vida que prefere não se recordar.</p> <p>Por vezes, sente saudades da sua vida na Gâmbia.</p> <p>Considera que ao começar a trabalhar irá promover a sua felicidade.</p> <p>Referiu que, por vezes, quando pensa no passado sente dor, e que as suas estratégias para diminuir essa dor são pensar que o passado se encontra no passado, utilizar a aplicação TikTok e conversar com a sua família.</p> <p>Afirmou confeccionar</p>	<p>Referiu estabelecer contactos com a sua família.</p> <p>Partilhou uma boa memória/recorção com a sua mãe.</p>	<p>e jogava futebol com os seus amigos.</p> <p>Afirmou que decidiu sair do país de origem devido a uma questão familiar.</p> <p>Mencionou que durante a sua viagem até Portugal trabalhou e residiu em Mali.</p> <p>Referiu que passou por Mali, Líbia, Itália, França e Espanha para chegar até Portugal.</p> <p>Afirmou ter viajado de autocarro e barco.</p> <p>Referiu ter recebido ajuda de terceiros durante a viagem.</p> <p>Mencionou que, no país de acolhimento, frequenta</p>	<p>trabalhar.</p>
--	-----------------------------	--	--	--	-------------------

		<p>refeições típicas da Gâmbia.</p> <p>Afirmou que irá articular a sua cultura de origem e de acolhimento: trânsfuga intercultural.</p>		<p>a escola, anda a aprender a profissão de canalizador, confeciona as refeições e assiste a filmes. Além disso, nos seus tempos livre, utiliza o telemóvel e conversa com a sua família.</p>	
--	--	---	--	---	--

APÊNDICE 17 – ANÁLISE DAS PRÁTICAS MEDIADORAS EXISTENTES NA CAE NA VOZ DA DIRETORA TÉCNICA

Sujeito Estudado	Mediação Intercultural e Intervenção Social	Família
Diretora Técnica	<p>A CAE assegura o acolhimento residencial inicial dos jovens estrangeiros não acompanhados após entrada em território português.</p> <p>A intervenção visa a proteção e a efetivação dos direitos dos jovens estrangeiros não acompanhados, desenvolvendo uma intervenção terapêutica. Além disso, desenvolve uma intervenção multidisciplinar, articulada e integrada com várias entidades e serviços.</p> <p>São desenvolvidas estratégias que promovam a participação e envolvimento dos jovens na construção do projeto de vida, assim como da sua participação, autonomia e integração na comunidade.</p> <p>A intervenção visa o desenvolvimento de um plano individual de integração com os jovens, que promova a sua inclusão e identidade.</p> <p>A intervenção alicerça-se no respeito pelos direitos, identidade e cultura dos jovens, e como tal, são desenvolvidas atividades que procuram atender aos interesses, cultura e religião dos mesmos.</p> <p>As rotinas diárias e atividades são elaboradas com a participação dos jovens, com o objetivo de atender às suas necessidades, interesses, cultura e religião.</p>	<p>A maioria dos jovens mantém contactos regulares com os seus familiares.</p> <p>A família desempenha um papel importante na tomada de decisões dos jovens, ou seja, na construção do projeto de vida.</p> <p>A maioria dos jovens quando atinge a maioridade pretende começar a trabalhar, a fim de poderem ajudar a sua família.</p>